

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MESTRADO

LUANA BEATRIZ SILVERIA

**TRABALHO, VIDA PRÁTICA E TEMPO: CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE
TRABALHADORES EM SITUAÇÃO ESCOLAR A PARTIR DO CONTATO COM A
NARRATIVA CINEMATOGRAFICA**

**Goiânia
2018**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: *Leuana Beatriz Silvério*

Título do trabalho: *Trabalho, Vida Prática e Tempo: consciência histórica de trabalhadores em situação escolar a partir do contato com a manufatura cinematográfica.*

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Leuana Beatriz Silvério
Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

[Assinatura]
Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 10 / 12 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

LUANA BEATRIZ SILVERIA

**TRABALHO, VIDA PRÁTICA E TEMPO: CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE
TRABALHADORES EM SITUAÇÃO ESCOLAR A PARTIR DO CONTATO COM
NARRATIVA CINEMATOGRAFICA.**

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, como critério parcial para a obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA,

Linha de Pesquisa: Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História, sob orientação do Prof. Dr. Rafael Saddi Teixeira.

**Goiânia
2018**

Silvéria, Luana Beatriz

Trabalho, Vida Prática e Tempo: consciência histórica de trabalhadores em situação escolar a partir do contato com a narrativa cinematográfica. [manuscrito] / Luana Beatriz Silvéria. - 2018. CLXIX, 169 f.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Saddi Teixeira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

1. Consciência Histórica. 2. Narrativa Cinematográfica. 3. Trabalho. 4. Educação de Jovens e Adultos. I. Saddi Teixeira, Rafael , orient. II. Título.

PPGH
PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA UFG

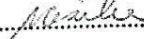

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA


UFG


Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de Luana Beatriz Silvéria. Aos 17 (dezessete) dias do mês de maio de dois mil e dezoito (2018), com início às 14h, nas dependências da Faculdade de História, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de Luana Beatriz Silvéria, cujo título foi “Trabalho, Vida Prática e Tempo: consciência histórica de trabalhadores em situação escolar a partir do contato com a narrativa cinematográfica”. A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº027/18-PPGH, de 15 de maio de 2018, pelos seguintes Professores Doutores: Rafael Saddi Teixeira (Presidente), Paulo Eduardo Dias de Mello (UEPG), Maria da Conceição Silva (UFG) e, como suplente, Thiago Augusto Divardim de Oliveira (IFPR) e Roberto Abdala Junior (UFG). Os Examinadores arguiram na ordem acima citada. Às 16:53 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido a candidata..... Aprovada.....

Prof. Dr. Paulo Eduardo Dias de Mello (UEPG) (videoconferência) Ass.: .....

Decisão (..... Aprovada.....)

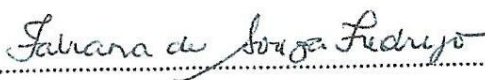
Profª. Dra. Maria da Conceição Silva (UFG) Ass.: .....

Decisão (..... Aprovada.....)

Presidente da Banca Prof. Dr. Rafael Saddi Teixeira (UFG), Ass.: .....

Decisão (..... Aprovada.....)

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Marco Aurélio Fernandes Neves, secretário do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenadora: .....

Profª. Drª. Fabiana de Souza Fredrigo

Secretário: .....

Marco Aurélio Fernandes Neves

Aos jovens e adultos trabalhadores do PROEJA, que muito me ensinaram com suas histórias, afetos, alegrias e tristezas.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de todo o processo que levou à realização deste trabalho tive a sorte e o privilégio de ter contado com pessoas realmente fantásticas, sem as quais não teria sido possível chegar até aqui. Estas pessoas me ajudaram não apenas a concluir esta trajetória, mas a trilhar este difícil caminho em um ambiente de desequilíbrio mental, de vaidades, elitismo, de assédio moral e sexual, um ambiente autoritário, machista e tão desumanizado. Agradeço por ter encontrado pessoas com as quais pude encontrar apoio, compreensão e conforto em um âmbito tão hostil que ainda é o meio acadêmico. Foram muitos os que contribuíram direta e indiretamente para a realização desta pesquisa. Assim, com todas as palavras que aqui dedico sei que não conseguirei de todo descrever o quão agradecida me sinto.

Primeiramente agradeço os jovens e adultos estudantes e trabalhadores do PROEJA que muito me ensinaram com suas histórias, alegrias, afetos e tristezas. Devo a eles a realização desta dissertação.

Agradeço aos professores Adriano e Carlos que cederam um espaço de suas aulas para que a pesquisa pudesse ser feita.

Agradeço as coordenadoras do PROEJA Gleice e Daguimar, que me receberam com tanta disposição, pela ajuda prestada.

Agradeço ao professor Rafael Saddi pela orientação.

Agradeço ao professor Paulo de Mello por aceitar o convite para compor a banca de defesa, pela leitura minuciosa e por me fazer enxergar elementos da minha própria perspectiva de trabalho que eu mesma não tinha consciência.

Agradeço à professora Ana Lúcia, por sua participação na banca de qualificação e por seu apoio, atenção e disposição.

Também agradeço todos os professores da Faculdade de História e do Programa de Pós-graduação, especialmente, os professores Marlon Saloman, Carlos Oiti, professora Libertad Borges Bittencourt, professora Armênia e Cristina. Estas últimas, para além da grande contribuição que tiveram na minha formação me mostraram que há resistência a essa desumanização do meio acadêmico.

Agradeço a coordenação pelo apoio, compreensão e disposição. Agradeço também à secretaria da Faculdade de História: Gustavo, Fernando, Glorinha, Marco Aurélio, Daiany e Mauro.

Agradeço à Capes pela bolsa de pesquisa que tornou possível esse trabalho.

Agradeço aos companheiros de mestrado que compartilharam comigo esta difícil jornada que é a pós-graduação. Agradeço a Poliana Gabriel que se tornou uma grande amiga neste processo. Agradeço ao Hugo e ao Daniel companheiros de luta e de sobrevivência, em momentos tão críticos nos unimos para apoiar um ao outro, e fico feliz em dizer que conseguimos. Agradeço a Natália Rastelo, Nathalia Pessoni, Filipe Arthur, Amanda, Talita, Eva, Nayara, Wherveson, Nilton e Golda.

Agradeço às pessoas maravilhosas que conheci quando ainda dava os primeiros passos na vida acadêmica. A convivência se transformou em uma preciosa amizade. Agradeço à Hallhane, Aline e ao Maicon, pelo afeto, carinho, auxílio e compreensão em momentos de desespero e, sobretudo, a amizade. Ao Aughustus que além da amizade me ajudou muito nessa caminhada com sua maneira desajeitada e leve de encarar a vida. Agradeço à Kathianne, Nayara Cristina, Débora, Cleusa, Alessandra, Daniele, Elaine e Naiara, grata pela amizade que construímos.

Agradeço aos amigos pela ajuda e apoio, que foram fundamentais para que esta trajetória torna-se mais leve. Proporcionaram-me alegrias em momentos tão estarecedores. Agradeço á Gabi, ao Felipe, Mirna, Camila, Juju, Poliana e Ariel.

Agradeço os meus amigos de patas que estiveram ao meu lado durante todo o processo de escrita. E foram imprescindíveis na minha sanidade.

Agradeço ao Igor, pela compreensão, pelo afeto, carinho e ajuda em momentos tão difíceis.

RESUMO

Na Alemanha Ocidental, entre o período de 1960 e 1970, devido a uma crise da Ciência Histórica e do Ensino de História, que já não mais correspondiam aos anseios da sociedade alemã, surgiu um movimento intelectual que culminou na revisão da tradição historicista de pensamento histórico. Neste contexto surgiu um campo de estudo denominado Didática da História, que construiu seus fundamentos sobre a égide do conceito de consciência histórica. Isto é, o emprego do saber histórico na vida prática. Para Rüsen, tanto a teoria da História como o ensino de história podem ser concebidos como fruto de uma mesma preocupação: as necessidades da vida. Dentro desta perspectiva a presente pesquisa se enquadra em um dos pilares do campo da Didática da História: a análise da função do conhecimento e da explicação histórica na vida pública, o que implica a investigação e relação do conhecimento histórico com a cultura histórica de uma sociedade, na proposta da pesquisa, o cinema. Partindo desta premissa, tem-se a hipótese de que a narrativa cinematográfica, como pertencente à cultura histórica de uma sociedade, pode mobilizar a consciência histórica dos indivíduos. Com base nesta hipótese, este trabalho apresenta o processo de realização de uma investigação empírica que visou averiguar o constructo de uma consciência histórica sobre a atividade do trabalho, a partir da narrativa cinematográfica de Tempos Modernos de Charlie Chaplin, com enfoque nas categorias de: trabalho, vida prática e tempo. Os indivíduos desta pesquisa são jovens e adultos, estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG/GO). Defendemos a tese de que a interpretação que estes indivíduos fazem da história da humanidade avança de uma consciência histórica tradicional para elementos de uma consciência histórica crítica, cujo eixo central é a ideia de progresso. Além do ideal de progresso, pelo qual os alunos produzem uma concepção de narrativa histórica tradicional, outros temas como a religião, a escravidão, o trabalho feminino, a qualidade de vida, o desemprego, a educação, o sentido do trabalho, são abordados em seus discursos.

Palavras-chave: Consciência Histórica, Narrativa Cinematográfica, Trabalho, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

In West Germany, between 1960 and 1970, due to a crisis of Historical Science and History Education, which no longer corresponded to the aspirations of German society, an intellectual movement emerged that culminated in the revision of the historicist tradition of historical thought. In this context, a field of study called History Didactics arose, which built its foundations under the aegis of the concept of historical consciousness. That is, the use of historical knowledge in practical life. For Rüsen, both the theory of history and the teaching of history can be conceived as the result of the same concern, the necessities of life. Within this perspective the present research fits into one of the pillars of the field of History Didactics: the analysis of the function of knowledge and historical explanation in public life which implies the investigation and relation of historical knowledge with the historical culture of a society, in the research proposal, the cinema. Starting from this premise, the hypothesis is that cinematographic narrative, as belonging to the historical culture of a society, can mobilize the historical consciousness of individuals. Based on this hypothesis, this paper presents the process of conducting an empirical investigation aimed at ascertaining the construct of historical consciousness about work activity from Charlie Chaplin's *Modern Times* cinematographic narrative, focusing on the categories of work, practical life and time. The individuals of this research are young and adult students of the National Program of Integration of Professional Education with Basic Education in the Mode of Education of Young and Adults (PROEJA), Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás (IFG / GO). We defend the thesis that the interpretation that these individuals make of the history of humanity advances from a traditional historical consciousness to elements of a critical historical consciousness whose central axis is the idea of progress. In addition to the ideal of progress through which students produce a conception of traditional historical narrative, other subjects such as religion, slavery, women's work, quality of life, unemployment, education, and the sense of work are addressed in their speeches.

Keywords: Historical Consciousness. Cinematographic Narrative. Work. Education of young and Adults.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 UM OLHAR SOBRE A VIDA: A NARRATIVA CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE PRODUZIR E REPRODUZIR SIGNIFICAÇÕES.....	22
2.1-O CINEMA COMO UMA PRÁTICA SIGNIFICADORA.....	22
2.2-A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO PELA LINGUAGEM.....	25
2.3-A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO PELO CINEMA.....	28
2.4-A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO PELO PÚBLICO.....	31
2.5-A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO HISTÓRICO PELO CINEMA.....	34
2.6-SOBRE O CONCEITO DE A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....	35
3 CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA.....	40
3.1-A NARRATIVA COMO ACESSO À CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....	41
3.2-INVESTIGAÇÃO NARRATIVA.....	43
3.3-COMPETÊNCIAS NARRATIVAS.....	46
3.4-NARRATIVA HISTÓRICA: TIPOLOGIAS DE SENTIDO.....	49
3.5-TRABALHO,VIDA PRÁTICA E TEMPO.....	51
3.6-HISTÓRIAS DE VIDA.....	53
3.7-JOVENS E ADULTOS: SOBRE O PROEJA.....	54
3.8-MEMÓRIAS DE CAMPO.....	56
3.9-CONSIDERAÇÕES SOBRE OS INDIVÍDUOS DA PESQUISA.....	59
4 DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA TRADICIONAL À CONSCIÊNCIA CRÍTICA.....	62
4.1-PROGRESSO.....	64
4.1.1-A Tecnologia Como Principal Fator de Mudança Histórica.....	64
4.1.2-A Tecnologia Como Poder.....	66
4.1.3-A Extensão Da Tecnologia.....	67
4.1.4-Positivção Da Tecnologia.....	68
4.1.4.1-A Supressão Do Esforço Físico.....	68
4.1.4.2-A Facilidade De Acesso Ao Conhecimento.....	70
4.1.4.3-Geração De Emprego.....	71

4.1.5-Narrativas Que Contrastam das Dominantes.....	71
4.1.5. 1 A Tecnologia Como Uma Forma De Exclusão.....	71
4.1.5.2-O Impacto Negativo Da Tecnologia Na Qualidade De Vida.....	73
4.1.5.3-A Destruição Da Sociabilidade No Interior Da Família.....	74
4.1.6-Como A Tecnologia Aparece Em Termos De Expectativas Futuras.....	76
4.1.6.1-O Progresso Enquanto Perspectiva Promissora De Futuro.....	76
4.1.6.2-Falta De Perspectiva Futura.....	78
4.2-MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS.....	79
4.2.1-O Progresso Como Motor Da História.....	80
4.2.2-A Tecnologia Como Poder.....	81
4.2.3-A Extensão Da Tecnologia.....	82
4.2.3-Positivção da tecnologia.....	82
4.2.4-Negativção Da Tecnologia.....	83
4.2.4.1-Exploração E Desvalorização Do Trabalho Humano.....	84
4.2.4.2-Interferência Nos Princípios Dos valores Humanos.....	85
4.2.4.3-A Substituição Do Trabalhador Pela Tecnologia.....	86
4.2.4.4-A Desumanização Do Trabalhador.....	87
4.2.4.5-Qualidade De Vida.....	88
4.2.5 Perspectiva De Futuro.....	89
4.3-CONCEPÇÃO CRISTÃ DO SER.....	90
4.3.1-O Trabalho Como Castigo Divino e Salvação.....	90
4.3.2. Ideal De Paraíso.....	91
4.3.3-O Trabalho Como Dádiva de Deus.....	92
4.3.4-A Vontade Divina.....	92
4.3.5-Trabalho e Lazer.....	93
4.4-O FANTASMA DA ESCRAVIDÃO.....	94
4.4.1. A Escravidão No Passado.....	94
4.4.2-A Escravidão No Presente.....	97
4.4.3-Escravidão No Futuro.....	99
4.5-A MULHER.....	102
4.5.1-O Trabalho Precoce.....	102
4.5.2-O Trabalho Feminino.....	103
4.5.3-Evolução Do Papel Da Mulher.....	104
4.5.4-“Falsa Conquista”.....	107

4.6-EDUCAÇÃO.....	109
4.6.1-O Trabalhador “Educado”	109
4.6.2-Educação Dos filhos.....	111
4.6.3-Crença Na Educação.....	112
4.6.4-Culpabilização Do Indivíduo.....	114
4.6.5-Educação E Valores Humanos.....	114
4.7-O DESEMPREGO.....	115
4.7.1-O Desemprego Como Um Trauma.....	115
4.7.2-Desemprego E Criminalidade.....	117
4.8-OS SENTIDOS DO TRABALHO.....	118
4.8.1-Sobrevivência.....	119
4.8.2-Mérito Pessoal.....	119
4.8.3-Coesão Social.....	120
4.8.4-Valor Social.....	121
4.8.5-Interação Social.....	122
4.8.6-O Trabalho Como Dignificação.....	123
4.9-INDIVÍDUO.....	125
5.0-DISCUSSÃO.....	126
6-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	139
Anexo A: Narrativas.....	149
Anexo B: História De Vida.....	168
Anexo C: Atividade Narrativa.....	169

1-INTRODUÇÃO

A constituição da história como ciência no século XIX, segundo Rüsen (2011), produziu a perda de um importante princípio, o de “que a história é enraizada nas necessidades sociais para orientar a vida dentro da estrutura tempo”. (RÜSEN, 2011, p.25). Antes de se constituir enquanto ciência, e se debruçar sobre os problemas metodológicos de pesquisa, na sociedade ocidental, a história lidava com questões referentes ao que hoje se aplica ao campo da didática. Ou seja, a história ocupava-se com as questões do ensino e aprendizagem que estão intimamente relacionadas com as necessidades da vida prática.

Segundo Rüsen o “ensino e aprendizagem eram considerados no mais amplo sentido, como o fenômeno e o processo fundamental da cultura humana, não restrito simplesmente à escola”. (RÜSEN, 2011, p.24). Ensinar e aprender história significava antes, ensinar e aprender algo para a vida. A prática historiográfica era conduzida pelos problemas práticos do dia a dia. A expressão *historia vitae magistral*, cunhada pelos antigos, foi abraçada pela historiografia ocidental até as últimas décadas do século XVIII. A didática detinha um papel central na formulação de qualquer história. (RÜSEN, 2006).

Para Rüsen (2010b), à medida que a história se institucionalizava, no século XIX, houve um esforço para torná-la uma ciência, o que corroborou para a marginalização do aprendizado histórico. As questões sobre o ensino e aprendizagem deixaram de estar dentre as preocupações dos historiadores focados nas questões metodológicas da pesquisa. A didática da história tornou-se externa à história enquanto ciência, conformando-se em uma mediadora entre o conhecimento histórico científico e o conhecimento histórico no espaço escolar. Este modelo de didática ficou conhecido, nas palavras de Rüsen (2010b), como “didática da cópia”, já que a didática se ocuparia, apenas, da elaboração de meios de apreensão do saber histórico já produzido pela ciência. Os professores eram instruídos para transpor o saber histórico acadêmico para os alunos. “Os didáticos seriam transportadores, tradutores, encarregados de fornecer ao cliente ou à cliente, comumente chamado de “aluno” ou “aluna”, os produtos científicos”. (RÜSEN, 2010b, p. 89). A Didática da História foi reduzida à metodologia de ensino, função prontamente confundida com a pedagogia geral. O conhecimento histórico não mais se aplicava às necessidades cotidianas dos seres humanos, nada tinha a dizer/ensinar sobre o mundo e as pessoas. O conhecimento histórico não se fundamenta mais nas carências de orientação e necessidades de constituição de sentido dos indivíduos em seu dia a dia.

Segundo Rüsen (2010b), o processo de “pedagogização” da Didática da História e a

sua externalização da Ciência da História reflete uma visão estreita da ciência por parte dos historiadores profissionais, que não levam em consideração o caráter didático inerente a qualquer forma de história. Não o seria diferente com a forma científica. Para o autor a Didática da História seria indissociável da Ciência da História. As questões sobre o ensino e aprendizagem também deveriam ser um problema da Teoria da História.

Num contexto de reorientação cultural da sociedade alemã, surgiu um novo campo de estudo, denominado Didática da História. Esse novo campo de estudos se desenvolveu no meio acadêmico de forma autônoma, com regras de método de pesquisa e debates teóricos próprios, tendo a consciência histórica como o conceito basilar. Dentre os vários debates em torno desta nova concepção de Didática da História, as teorias de Jörn Rüsen vêm recebendo grande destaque, exercendo significativas influências no aprendizado histórico, em vários países, sobretudo no Brasil, onde desde o último decênio, a Didática da História vem passando por uma mudança paradigmática (CERRI, 2010). Nos últimos anos, a Teoria da História de Rüsen tem indicado caminhos para uma revisão da História enquanto ciência e da Didática da História, numa tentativa de superar a cisura da História em Didática da História e Ciência da História e a visão reducionista destes dois campos, enquanto uma metodologia de pesquisa e uma metodologia de ensino.

Para Rüsen, tanto o campo da teoria da história, quanto o campo do aprendizado histórico devem se fundamentar nas necessidades da vida cotidiana prática, isto é, a necessidade de todas as pessoas de constituir sentido e orientar o seu agir, dentro de uma estrutura tempo. O ofício do historiador é sempre permeado e determinado pelas relações à “práxis”. (RÜSEN, 2010a). Houve uma retomada da perspectiva do saber histórico da antiguidade clássica, que estabelecia uma relação do saber histórico com a vida. Na sua Teoria da História, Rüsen (2010b) diz que a Didática da História trata-se de uma disciplina especializada dentro da Ciência da História.

O termo “didática”, segundo Rüsen, indica que o conhecimento histórico, em todas as suas formas e versões, age sobre os processos de aprendizagem, que vão muito além do âmbito escolar. “Aprender significa, antes, uma forma elementar da vida, um modo fundamental da cultura, no qual a ciência da história se conforma, que se realiza por ela e que a influência de forma marcante”. (RÜSEN, 2010b, p. 87.). Como uma parte inerente à Ciência da História, a Didática da História teve as suas perspectivas ampliadas, abrangendo não só as questões de ensino e aprendizado no espaço escolar, como também todos os processos de aprendizagem históricas, cujo uso e função estão relacionados às necessidades da vida prática. Isto é, “o aprendizado da história surge a partir da necessidade prática do indivíduo em busca

de entender o seu presente a partir da experiência do passado, onde as suas —carências de orientações perspectivas (questionadoras) com respeito ao passado, que apreendem o potencial experiencial da memória histórica”. (RÜSEN, 2011, p.44). Assim, os fenômenos até então desprezados no campo de estudos do pensamento histórico tornaram-se parte integrante do mesmo. Fenômenos estes em que, de acordo com o autor, o passado é tornado parte presente da cultura atual. A Didática e a História passaram, pelo que Rüsen (2006) descreve, por uma mudança paradigmática. Nessa virada paradigmática, em seu ensaio sobre a Didática da História a partir do caso alemão, o autor aponta quatro pontos principais que norteavam as discussões sobre a Didática da História na Alemanha.

O primeiro ponto refere-se às questões de *metodologia de instrução na sala de aula*, isto é, o ensino escolar. Neste ponto há uma reestruturação da dimensão pedagógica e mecanicista do ensino e aprendizado histórico quando colocados na perspectiva da Didática da História. Esta dimensão é reestruturada levando em consideração as discussões concernentes à consciência histórica e aos fatores constitutivos do pensamento histórico.

O segundo ponto trata dos *usos da História narrada de forma não científica*, isto é, a análise da função do conhecimento e da explicação histórica na vida pública, o que inclui a investigação e relação do conhecimento histórico com a cultura histórica de uma sociedade. Há várias formas e espaços que fazem uso da História e influenciam na formação da consciência histórica das pessoas. O saber histórico pode surtir efeito num vasto campo de práticas, o que implica a investigação e relação do conhecimento histórico com a cultura histórica de uma sociedade. Isto é: “o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massas; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar”. (RÜSEN, 2010b, p. 32-33).

O conceito de cultura histórica remonta à origem do pensamento histórico na esfera da vida humana prática. É um conceito que abrange todos os processos de consciência histórica, é uma categoria que vai além dos domínios do conhecimento histórico científico na aplicação do saber histórico na vida prática. Rüsen (2015) diz que da consciência histórica para a cultura histórica há somente um pequeno passo. A cultura histórica, segundo o teórico, pode ser definida como a articulação prática e operante da consciência histórica na vida de uma sociedade. Se consciência histórica trata da forma como os indivíduos constituem sentido histórico para os eventos cotidianos, a cultura histórica pode ser pensada como a forma que este sentido histórico é construído e mantido a nível social.

O termo cultura histórica designa que o especificamente histórico tem um lugar

particular na orientação cultural da vida humana prática. (RÜSEN, 2010b). Robert Thorp (2014) definiu cultura histórica como a paisagem histórica em que nascem os indivíduos. A cultura histórica de uma sociedade afeta, a princípio, como as pessoas interpretam os eventos históricos. O autor diz que nenhuma pessoa detém uma posição neutra, que todo o conhecimento histórico é “pré-interpretado” pela cultura histórica da sociedade em que essa pessoa se insere. Isso não quer dizer que, necessariamente, haverá uma adesão automática da cultura histórica. Thorp diz ainda que a cultura histórica pode ser compreendida como um pré-requisito para uma consciência histórica. Sem a cultura histórica os indivíduos não teriam meios de expressar seus pontos de vista sobre a história. (THORP, 2014).

Investigar a cultura histórica significa investigar a elaboração social da experiência histórica e sua manifestação objetiva na vida de uma comunidade. Elaboração essa que compreende distintos agentes sociais e diversos meios. Investigar a cultura histórica denota compreender como certas imagens sobre o passado, nas quais se objetiva e articula a consciência histórica de uma comunidade ou sociedade, são criadas e difundidas.

A investigação dos usos da História na vida pública trata de um campo novo dentro da Didática da História. Rüsen (2015) ressalta que as investigações nesse campo necessitam de abordagens teóricas e metodológicas mais abrangentes além do estudo empírico.

O terceiro item recupera as questões colocadas em torno dos *objetivos* da educação histórica e como estes têm sido atingidos. Os objetivos da educação histórica devem ser (re) formulados em relação à função orientadora da História. “História como uma matéria a ser ensinada e aprendida tem de passar por um exame didático referente à sua aplicabilidade de orientar para a vida.” (RÜSEN, 2006, p.14).

Por fim, o quarto item coloca em questão *a natureza, função e importância da consciência histórica*. Para Rüsen (2006) a categoria de consciência histórica é uma categoria geral, ela perpassa as questões do ensino e aprendizado histórico como também todas as formas do pensamento histórico, o que inclui o uso e a função da história na vida pública e privada. Nesses termos, a consciência histórica integra todos os quatro itens citados, tornando-se por excelência o campo de investigação da Didática da História.

Assim a Didática da História estabeleceu um campo próprio de tarefas e objetivos que a distinguiu da Ciência da História. “Ela é a ciência da aprendizagem histórica. Cientificamente, de modo específico, ela constrói o conhecimento necessário e próprio à história para compreensão dos processos de aprendizagem”. (RÜSEN, 2015, p.248).

Pensando a partir das colocações de Rüsen sobre a didática e a aprendizagem da história, e levando em consideração o potencial das narrativas construídas de forma não

científica nos processos de significação e orientação histórica dos eventos cotidianos, o interesse desta pesquisa se centra na recepção de tais narrativas, assim como o impacto destas na consciência histórica dos indivíduos. Mas especificamente nas narrativas da vida prática comumente representadas pelo cinema, como estas conformam certas visões e percepções sobre a vida corrente. **Como uma narrativa como o cinema mobiliza ou pode mobilizar a consciência histórico dos indivíduos? Dentro desta perspectiva este estudo se enquadra em um dos pilares da Didática da História: a análise da função do conhecimento e da explicação histórica na vida pública.** Na concepção dos usos da História narrada de forma não científica da Didática da História de Rüsen, o cinema torna-se um legítimo objeto de estudo e investigação.

A pesquisa foca, particularmente, na percepção das narrativas cinematográficas das relações de trabalho que emergem da vida prática. A prática do trabalho é um dos atos mais rotineiros da vida corrente, porém de fundamental importância. Portanto, a proposta desta dissertação consiste em: **analisar como a narrativa cinematográfica interfere no constructo de uma consciência histórica sobre as relações de trabalho.**

A partir deste objetivo foram estabelecidos alguns pontos de suma importância para este debate: 1) Como investigar na prática a mobilização da consciência histórica dos indivíduos a partir da narrativa cinematográfica? 2) Como a consciência histórica pode ser estudada na prática? 3) É possível acessar a consciência histórica das pessoas? 4) Como a mobilização da consciência histórica pode ser investigada a partir do cinema?

Partimos da concepção do cinema como mídia, arte e expressão narrativa, por meio da qual são significadas e compartilhadas as experiências de vida. O cinema é apreendido aqui na categoria do discurso, isto é, no âmbito das representações das experiências humanas. Enquanto uma forma narrativa, o cinema é capaz de constituir significados sobre a existência cotidiana conformando certas visões e percepções sobre esta. A narrativa cinematográfica ao se configurar como uma prática social que conforma maneiras de ver e pensar o dia a dia das pessoas, também intervém na produção e construção de sentidos históricos para o pensar e o agir dos indivíduos em seu cotidiano, por meio de uma cultura histórica. A narrativa cinematográfica se constitui num artefato cultural bastante difuso na vida prática e contribui para a propagação de narrativas que, podem interferir na manutenção da memória e na mobilidade da consciência histórica dos indivíduos.

Ao tratar o cinema na categoria de discurso, um discurso que está em diálogo com outros discursos presentes na cultura, não se pretende verificar e/ou julgar a veracidade das informações ou a validade dos documentos usados para a sua construção narrativa, ou de ver

essas representações como verdadeiras ou falsas, mas sim compreender quais significados e sentidos históricos essas representações mobilizam no espectador. Neste ponto, o foco desta pesquisa recai na relação do cinema com seu público. Poucos estudos no campo da história se preocuparam com a recepção da narrativa cinematográfica, com os significados que essas representações produzem, que ideias históricas mobilizam e o impacto destas obras na consciência histórica do grande público.

A narrativa cinematográfica escolhida para a investigação empírica foi *Tempos Modernos*, de Charlie Chaplin (1936). Por que *Tempos Modernos*? Por que a escolha desta narrativa cinematográfica para a investigação do constructo de uma consciência histórica sobre a atividade do trabalho? *A priori*, a proposta da pesquisa consistia que a escolha da narrativa audiovisual a ser trabalhada partisse do gosto dos alunos. Tal informação seria obtida por meio de uma entrevista prévia. No entanto, durante o processo de realização da pesquisa, em proveito do espaço das aulas, o professor da matéria Segurança do Trabalho comunicou a pesquisadora sobre o filme “*Tempos Modernos*” (Charlie Chaplin, 1936), que trabalharia com os alunos. Como a sua matéria lida com a segurança do trabalho, ele achou que seria uma escolha pertinente. Então, a escolha de *Tempos Modernos* para compor o *corpus* da pesquisa se deu em função de uma proposta do próprio professor da disciplina, e por sua temática estar diretamente relacionada com o cotidiano dos alunos e com a vida de toda gente.

Os indivíduos, colaboradores desta pesquisa, são jovens e adultos estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Portanto, esta pesquisa tem por objetivo: **a investigação e análise de um constructo de uma consciência histórica sobre as relações de trabalho dos alunos e alunas da educação de “jovens e adultos”, a partir da experiência com a narrativa cinematográfica de “Tempos Modernos”**. Como essa experiência é processada pelos mesmos? Como os alunos se posicionam diante da narrativa cinematográfica, e que ideias históricas mobilizam a partir desta?

Elegemos como estratégia de análise as categorias: *trabalho*, *vida prática* e *tempo*. Por que a categoria de trabalho? Nossa pesquisa se centra na análise sobre a formação da estrutura de uma consciência histórica sobre a prática do trabalho, e na narrativa cinematográfica, as imagens elaboradas destacam as relações trabalhistas que se constroem na vida prática de pessoas comuns, com suas trivialidades. E o trabalho é uma categoria que está diretamente relacionada com a vida prática dos alunos e com o próprio PROEJA. A categoria

de vida prática trata de um importante conceito na teoria de Jörn Rüsen. E a categoria de tempo foi escolhida por estar diretamente relacionada com o conceito de consciência histórica.

A presente pesquisa tem a sua gênese na minha trajetória acadêmica, a partir das experiências vividas no primeiro ano de graduação, onde tive o primeiro contato com as teorias de Jörn Rüsen, fundamentalmente sobre o conceito de consciência histórica e, posteriormente no estágio, com o conceito de Didática da História. A escolha do cinema como meio de investigação da mobilização da consciência histórica advém de um gosto particular que foi aguçado ao frequentar disciplinas sobre cinema durante a graduação.

No segundo capítulo discuto os fundamentos teóricos que sustentam a presente pesquisa com um enfoque nas discussões que debatem as narrativas cinematográficas como um lugar de (re) construção das ações cotidianas e uma legítima prática significadora nas sociedades atuais. O cinema, por meio da sua narrativa, configura vários aspectos culturais e sociais que incidem diretamente nas percepções sobre o mundo sensível. As discussões sobre o cinema ajudam a nortear o papel social que ele desempenha em nossa existência, imiscuindo nas dimensões políticas, cognitivas, afetivas, culturais e identitárias dos indivíduos. Discuto também o outro lado deste debate, o da recepção. O uso da narrativa cinematográfica como meio para investigar a mobilização da consciência histórica dos alunos exige uma melhor compreensão da relação do cinema com o público. Estas discussões nos ajudam a pensar e refletir como o cinema, um artefato da cultura histórica, pode mobilizar a consciência histórica dos indivíduos. Para tanto, destacamos as preposições de Paul Ricoeur, em *Tempo e Narrativa*, sobre a sua teoria da trílice *mimise*, as discussões de Walter Benjamin sobre as novas formas de subjetivação e percepções na sociedade moderna, em *A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica*. Os escritos de Raymond Williams e de Andrei Tarkovski, sobre arte e comunicação, contribuem para este debate. Além das discussões de Aumont e Martin sobre a linguagem cinematográfica. As discussões da linguagem cinematográfica nos permitem compreender como este tipo de narrativa é criada e se organiza para construir e/ou representar as imagens da vida prática, e como elas constituem significados.

A abordagem do tema privilegia também o ponto de vista proposto por Jörn Rüsen no que se refere a sua concepção da consciência histórica e a sua materialidade por meio da cultura histórica. Para tanto, localizo teoricamente, neste capítulo, o conceito de consciência histórica de Jörn Rüsen, o principal conceito que fundamenta esta pesquisa.

No capítulo seguinte apresento os caminhos metodológicos da pesquisa e o procedimento de realização do trabalho de campo. Além de compreender o contexto em que a

educação de jovens e adultos está inserida. Faz-se necessário uma melhor compreensão sobre a esfera educacional PROEJA que estes alunos estão inseridos, quais as especificidades desta modalidade.

A partir da concepção de narrativa de Rüsen (2010a) como o meio de expressão da consciência histórica, optamos pela investigação narrativa como método de pesquisa. Portanto trata-se de um estudo de natureza qualitativa em que as experiências de vida dos alunos, expressas de forma narrativa, se tornam objetos fundamentais de investigação. Para tanto, discutimos as representações de trabalho, vida prática e tempo, nas construções discursivas dos alunos em dois momentos, antes e após a experiência visual com a narrativa cinematográfica. Essa estratégia nos permitiu averiguar as possibilidades de construção de novos olhares, pela narrativa cinematográfica, sobre essas vivências.

Além da investigação narrativa também optamos pela metodologia da “História de vida”, para traçar um perfil dos indivíduos envolvidos na pesquisa. Saber quem são os indivíduos da pesquisa é de fundamental importância para uma melhor compreensão do meio social em que estes estão inseridos. O intento de compreender a mobilização da consciência histórica dos alunos deve envolver um trabalho analítico de identificar o contexto em que estes alunos se inserem. Trata-se de um procedimento que envolve dimensões mais abrangentes e que, portanto não pode ser realizado de forma isolada, fechada, como um processo que se encerra no trabalho da aplicação de um método de pesquisa, coleta de dados e análise dos resultados. A constituição de sentido mediante às experiências temporais partem da percepção que o homem e a mulher têm de si mesmos e do mundo e, esta percepção é influenciada pelo espaço social em que se inserem. Portanto, compreender quem são os indivíduos participantes da pesquisa é fundamental para um melhor entendimento do meio social em que estão inseridos.

No quarto capítulo faço algumas considerações sobre os sujeitos da pesquisa e em seguida apresento a relação de trabalho, vida prática e tempo, em suas construções discursivas. Como os alunos constroem os seus discursos? Que percepções sobre trabalho, vida prática e tempo, eles apresentam? A partir de qual premissa constroem seus discursos? A narrativa cinematográfica de algum modo exerceu influências sobre as suas percepções? Se sim, como esta narrativa influenciou em suas construções discursivas?

Neste capítulo apresento brevemente, ainda, como alguns temas aparecem e são abordados nas narrativas. Com o intuito de analisar a mobilização da consciência histórica dos alunos pela narrativa cinematográfica a partir das categorias de trabalho, vida prática e tempo, a pesquisa de campo ultrapassou e muito as expectativas da proposta inicial. Os relatos dos

alunos foram direcionados para outras questões inerentes a vida prática como, a saúde, o papel feminino na sociedade, alimentação, entre outros. Objetivo não foi o de esgotar estes temas, mas sim nos aproximar de uma determinada realidade e compreender algumas nuances desse universo apresentado pelos alunos. Ao final, na forma de anexo, trazemos as narrativas dos alunos na sua integralidade e o instrumental usado na pesquisa de campo.

CAPÍTULO 2

UM OLHAR SOBRE A VIDA: A NARRATIVA CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE PRODUZIR E REPRODUZIR SIGNIFICAÇÕES

2.1-O CINEMA COMO UMA PRÁTICA SIGNIFICADORA

“Muitas vezes me espantei ao perceber como enxergamos melhor as paisagens no cinema do que na realidade”. “É por meio dessa tela que logo será a janela por onde os homens sentirão a vida.” (SABATO, 2008, pg.16).

Esta frase dita pelo escritor Ernesto Sabato (2008), apesar de se tratar de uma crítica à modernidade e aos novos tempos, faz alusão às novas formas de percepções e reações imposta pelo aparelho técnico e a potencialidade do cinema em representar as experiências humanas. Representações essas que encontram suas origens nos próprios processos culturais e sociais que constitui sentido às experiências dos indivíduos no mundo, isto é, os sentidos atribuídos à vida prática.

Fundamentalmente a partir do surgimento da imagem técnica, graças ao avanço da técnica e da ciência, sobretudo nos meios de comunicação e informação, e os novos contornos assumidos pelo capitalismo, novas formas de sociabilidade foram instituídas na sociedade moderna. O que acabou conferindo um novo espaço de experiência dos indivíduos com o mundo. O surgimento do cinema em fins do século XIX abrangeu uma série de transformações nas diversas instâncias da vida humana, trazendo profundas implicações para os domínios da percepção subjetiva na vida cotidiana.

Desde os fins do século XIX a percepção visual do mundo foi assinalada pela utilização de dispositivos técnicos para a produção de imagens. A demanda social de imagens foi se alargando no percurso do século XX, “a ponto de podermos contar a sua história por meio das imagens técnicas”, (MAUAD, 2008, p.21). Nossa cultura comum parece ser cada vez mais produto do que vemos e não do que lemos (Mitchell, 2009). Primeiramente com a fotografia, depois com o cinema e a televisão, o homem moderno viu as suas relações cotidianas mudarem significativamente, cada vez mais condicionadas pela mediação das novas tecnologias de informação e comunicação. Basta uma concisa observação no cotidiano das pessoas ou no nosso próprio, para que se constate que o indivíduo do século XXI constitui significado para as suas experiências de si mesmo e de mundo por meio de uma ampla relação com o mundo das imagens, principalmente com as novas mídias visuais. Há uma exacerbação

da relação do ser humano com o universo imagético, tornando a percepção que temos da nossa vida prática mais dependente deste âmbito. A todo o momento estamos sujeitos às atividades de interpretação e reinterpretação de narrativas veiculadas por meio de imagens, sons e movimentos, sejam estas de cunho político, econômico, cultural, histórico, de todas as ordens. (BEHAR, 2010).

No campo artístico houve uma refuncionalização da arte. “À medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas”. (BENJAMIM, 1987, p.173.). Antes, o que importava era a existência da imagem, o seu caráter mágico e único e não que ela fosse vista. A arte perdeu o seu valor de culto para o valor de exposição. A existência única da imagem foi substituída por uma existência serial. A perda do valor ritualístico da arte é antes, segundo Walter Benjamin (1987), um indicativo da alteração das formas de percepção acarretada pela “era da reprodutividade técnica”. Essas alterações não ficaram restritas ao âmbito da arte, mas também do olhar do indivíduo moderno, que teve a sua percepção e recepção modificadas.

A refuncionalização da arte por meio da sua reprodutividade técnica é especialmente visível no cinema. O cinema foi a primeira forma de arte a nascer em decorrência de uma invenção tecnológica. O cinema, segundo Benjamin é uma arte criada em função da reprodutividade, é essencialmente um meio associado ao movimento das massas. Enquanto um meio que possibilita a reprodutividade técnica o cinema possibilitou a massificação e a universalização da arte numa escala sem precedentes. Ainda, de acordo com o autor, o cinema serviu para introduzir o ser humano às novas percepções e reações impostas pelo aparelho técnico, cujo papel é cada vez maior no cotidiano dos indivíduos.

O cinema é a forma de arte correspondente aos perigos existenciais mais intensos com os quais se confronta o homem contemporâneo. Ele corresponde a metamorfoses profundas do aparelho perceptivo, como a que experimenta, numa escala histórica, todo aquele que combate a ordem social vigente. (BENJAMIM, 1987, p.192)

Com o advento da modernidade, a percepção subjetiva sofreu grandes modificações. Na modernidade a experiência cotidiana é vivenciada como choque. O cinema, para Benjamin (1987), como a arte que reflete os desejos modernos, acentuou os impactos sobre a sensibilidade humana por meio da sua estética. O cinema alterou a sensibilidade estética na modernidade. Segundo o autor, o cinema reproduz e aguça a intensa experiência sensorial, potencializada pela vida no ambiente urbano. O indivíduo moderno está envolto, a todo o momento, por sensações e estímulos nervosos.

A (re) construção da realidade por meio da imagem técnica, em especial pelo cinema, o seu principal expoente, representou um processo novo do homem se relacionar no tempo e no espaço, incidindo diretamente nas formas de percepção coletivas e individuais. Os indivíduos hoje percebem o mundo a sua volta e si mesmos por meio de uma ampla relação com o mundo das imagens. O contato direto com a realidade é substituído pelo contato com a sua imagem, e por uma quantidade cada vez maior de imagens.

O cinema atua sobre o modo como as condições atuais da vida são experimentadas e interpretadas. Ele constitui significações para o pensar e o agir dos indivíduos no mundo. E proporciona aos indivíduos outros rumos no modo com que ele experimenta a realidade. Esse mundo que o cinema nos proporciona, antes de ser tomado como representação do existente, é capaz de inaugurar um espaço novo de experiência. Para R. Luz, “o filme propõe ao mesmo tempo uma experiência de mundo e de sujeito” (2002, p.139), numa espécie de cruzamento entre filme e vida. O cinema faz com que voltemos sobre nós mesmos numa tomada reflexiva, ele interfere na forma como os indivíduos se veem, se julgam e se apresentam, isto é, nos processos de subjetivação. Com a consolidação de uma linguagem cinematográfica, sobretudo após o processo de industrialização, o cinema se tornou um elemento integrante da cultura da interpretação, conformando certos modos de ver e significar as experiências cotidianas nas mais diversas narrativas.

Andrei Tarkovski, em sua obra “Esculpir o Tempo”, ao debater o porquê da existência da arte e qual a sua função na vida das pessoas, diz que o objetivo de toda a arte “é explicar o próprio artista, e aos que cercam, para que vive o homem, e qual o significado da sua existência”. (TARKOVSKI, 1998, pg. 38). O papel da arte, para o autor, se encontra fundamentalmente na ideia de conhecimento. A arte é um meio de assimilação do mundo e um instrumento para conhecê-lo. Nesta perspectiva o papel do cinema para Tarkovski, e de qualquer arte, é essencialmente o conhecimento, em que o efeito é expresso como choque, como catarse. O conhecimento por este ponto está relacionado aos processos de interpretação e constituição de sentido sobre as experiências temporais. No processo de se narrar uma experiência e interpretá-la se constrói algo que Rüsen chama de aprendizagem, um conhecimento que guia nossas ações cotidianas. Dizer que o papel do cinema é o conhecimento, é atribuir ao cinema um papel no âmbito das interpretações e constituições de sentido. Corroborando para este debate, Raymon Williams (1961) diz que a função de toda arte, enquanto linguagem, está diretamente relacionada com a constituição e produção de sentido e pela busca do conhecimento.

A arte de cada período condensa uma visão de mundo que se tem desse tempo, se

conformando como produtora de ideologias que refletem um contexto sociocultural. Por este prisma o cinema, enquanto uma prática pedagógica, expressa uma forma de compreensão da realidade, ele é um modo de ver, um modo de interpretar e descrever as experiências. O cinema constrói representações, que segundo Kellner (2001, p.82), “ajudam a constituir a visão de mundo do indivíduo”, que pode incluir ideias sobre a vida prática, como família, valores, modos de se comportar, a visão de trabalho, entre outros. E estas representações sofrem interferência do momento em que são articuladas, isto é, do contexto social e cultural de uma sociedade. Deste modo, o cinema também pode ser compreendido como uma prática social. As narrativas cinematográficas trazem consigo um conjunto de elementos que integram a vida prática dos indivíduos em um dado momento histórico. “La sociedad expresa a través del arte su comprensión de ser justamente eso, una sociedad. El artista, en este caso, no es un explorador solitario sino la voz de su comunidad”¹ (WILLIAMS, 1961, p.43).

É possível compreender a capacidade para ter experiências e a necessidade de interpretá-las em um âmbito mais abrangente: o da cultura. A cultura está fundada neste processo do indivíduo de constituir sentido e agir. A cultura para Rüsen é universal, além de estar relacionada à necessidade humana de constituir sentido e agir, trata-se também de um modo específico de vida do ser humano. A cultura é aqui compreendida como um sistema de teias de significação tecida pelo ser humano (GEERTZ, 1973, p.15). Para Geertz o comportamento humano é uma ação simbólica. O que o autor denomina de símbolo, são condutas, estados de consciência, atos, palavras, tudo o que pode ser visto como “discurso social”. Um fragmento de comportamento é um sinal de cultura. As experiências da vida prática são dotadas de sentido como expressões que se constituem culturalmente. A cultura compreende, portanto, os processos por meio do qual os indivíduos constituem sentido as suas vidas.

2.2-A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO PELA LINGUAGEM

O principal mecanismo pelo qual a cultura produz e reproduz significados sociais é a linguagem. Turner (1997, p. 52) diz que “uma pessoa se torna membro da cultura por meio da linguagem, ela adquire o seu senso de identidade pessoal com a linguagem e é graças a ela que eterniza os sistemas de valores que estruturam a sua vida”. A linguagem é aqui compreendida na categoria de discurso.

1 A sociedade expressa através da arte sua compreensão de ser justamente isso, uma sociedade. O artista, neste caso, não é um explorador solitário e sim a voz de sua comunidade (Tradução livre).

Os indivíduos expressam as suas percepções sobre o mundo por meio de diversas formas de representações. Seja pelo mito ou pela lenda, numa performance artística, como a dança, na tela do cinema, na pintura de um quadro ou mesmo pela narrativa histórica, os indivíduos estão expressando pelas mais diversas formas de representação uma visão particular sobre a realidade que os cercam. Essas múltiplas possibilidades do ser humano de se expressar, que são constituídas pelos sistemas de significações disponíveis na cultura, se constituem como narrativas. “A narrativa pode ser descrita como uma forma de 'dar sentido' ao nosso mundo social e compartilhar esse sentido com os outros” (TURNER, 1997, p.73)

Ao representarmos por meio da expressão narrativa, nossos sentimentos, emoções, noções impressões da nossa relação com o mundo, ao nos permitir que nos projetemos ao futuro ou nos reportemos ao passado, por meio da memória, as narrativas detêm uma carga de valores e símbolos que constituem a nossa cultura. As narrativas são expressões das mais diversas experiências culturais. Nesta perceptiva Johnson (2006) diz que a narratividade constitui um próprio modo da cultura.

As histórias, obviamente, não se apresentam apenas nas formas de ficções literárias ou fílmicas, elas se apresentam também na conversação diária, nos futuros imaginados e nas projeções cotidianas de todos nós, bem como na construção – através de memórias e histórias – de identidades visuais e coletivas (JOHNSON, 2006, p.69).

Segundo Rösen (2010a), o narrar é uma prática cultural e universal de constituição de sentido expressa pela linguagem. A narrativa é um fator da cultura de interpretação, que reflete sobre o modo como as condições atuais da vida são experimentadas e interpretadas. A capacidade de contar histórias é algo inerente ao ser humano, diariamente lidamos com as formas com as quais as pessoas contam suas histórias, sejam estas histórias privadas ou públicas. Para Paul Ricoeur (1994), a narrativa em qualquer de suas ocorrências é o que permite a acessibilidade do tempo para a compreensão humana, ou seja, a experiência temporal só se torna inteligível por meio da construção da narrativa. O tempo vivido ganha forma na narrativa. Paul Ricoeur diz que “tessitura da intriga”, isto é, a atividade narrativa, a qual ele designa de *mimese II*, trata-se de um procedimento representativo de relatos de eventos e ações cotidianas numa estrutura coerente e significativa. Isto é, transformar os acontecimentos ou incidentes cotidianos em uma história. A narrativa organiza os fatos dispersos em um sistema. A composição da intriga ou a atividade narrativa é compreendida pelo autor como uma atividade mimética da experiência temporal.

Vale ressaltar que o autor compreende por *mimese* uma atividade criadora e não uma

cópia ou reprodução fiel da realidade. A mimese não se trata da imitação da ação, mas uma representação da ação numa estrutura significativa. A mimese trata de uma reconstrução discursiva do mundo com base em algum tipo de interpretação do mundo. Portanto a vida cotidiana apresentada nas narrativas trata de uma interpretação particular do mundo. Desta forma a narrativa não apresenta o que de fato aconteceu, ela é uma representação da ação construída pelo indivíduo com base na cultura, ou seja, no contexto sociocultural que o indivíduo está envolto.

Por este parâmetro a narrativa também estrutura os significados da experiência temporal numa estrita ligação com os significados sociais e culturais. Vemos a cidade e o mundo por meio de um prisma social concreto que nos circunda, interpretamos as informações que nos chegam pelos sentidos de acordo com este prisma social, regido por certas regras e normas, modos de viver para constituir o que habitualmente denominamos de realidade. “La realidad, tal como la experimentamos, es una creación humana; que toda nuestra experiencia es una versión humana del mundo que habitamos”² (WILLIAMS, 1961, p. 32). Os indivíduos em qualquer lugar ou tempo são modificados pelas sociedades em que estão inseridos, isto é, pelos costumes, regras desta sociedade. De acordo com Geertz (1973), o ambiente natural do homem são os espaços públicos e os meios sociais, assim o pensamento do homem também é social e público e é constituído por símbolos significantes que expressam determinada experiência.

Deste modo, a constituição de sentido sobre a experiência do tempo parte da percepção que o homem tem do mundo e dele mesmo. Esta percepção é condicionada pelo meio social ao qual o homem está inserido. “Compreender uma história é compreender ao mesmo tempo a linguagem do “fazer” e a tradição cultural da qual procede à tipologia das intrigas”. (RICOEUR, 1994, p.91).

Paul Ricoeur fala em uma “pré-compreensão” do mundo e da ação. Para o autor existe uma base ética pré-narrativa que ele denomina de mimese I que é uma prefiguração do campo da ação. “Se, com efeito, a ação pode ser narrada, é porque ela já está articulada em signos, regras e normas: é desde sempre, simbolicamente mediatizada”. (RICOEUR, 1994, p.91). Trata-se de um arcabouço cultural que guia nossa ação no mundo antes mesmo dessa ação ser interpretada e configurada em uma estrutura narrativa.

Partindo da mesma premissa, ao questionar se no agir humano já estaria presente uma orientação desse agir antes mesmo da configuração da narrativa Rüsen (2010, p. 76) diz “que

2 A realidade, tal como a experimentamos, é uma criação humana; toda a nossa experiência é uma versão humana do mundo que habitamos. (Tradução Livre)

o agir humano jamais ocorre sem pressupostos. Em cada ponto de partida de uma ação se encontram elementos de outras ações, anteriores, de tal modo que cada ação se articula com os efeitos de ações já realizadas”. Rüsen fala em uma *pré-história* dos feitos, pré-história no sentido de pressuposto. Os feitos para o autor tratam-se dos processos concretos da vida humana prática.

Contudo, como salienta Williams (1961), as normas e regras, ou seja, conjuntos de valores pelos quais os indivíduos se orientam, não são fixos e nem constantes. Conforme os indivíduos vivem novas experiências e as interpretam, criam novas regras, uma nova realidade. O mesmo ocorre com o significado narrativo, este não se constitui como algo permanente, está sendo sempre transformado. O relato de uma história nunca é narrado da mesma maneira pelo narrador, ao (re) contar uma história ela ganha novos sentidos. Assim as narrativas narram realidades distintas e singulares, abordagens e posicionamentos plurais. E a atividade narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva. Narrando entramos em contato com o que temos vivenciado.

Por fim, a narrativa é o resultado de como experimentamos e interpretamos o mundo e a nós mesmos, ela está diretamente relacionada com a nossa complexa organização da experiência e construção de sentido. Ela é o meio pelo qual organizamos nossas experiências no âmbito social. Portanto, as narrativas são instrumentos universais de interação social, que admitem a construção de olhares sobre a vida cotidiana baseada nas referências identitárias das sociedades, ou seja, carregam consigo as vivências coletivas dos sujeitos. Além de estarem ligadas diretamente à linguagem humana, não poderíamos ignorar sua essencial função social discursiva, pois tendem a ser apropriadas, tanto no reconhecimento do universo social como nos próprios modos de subjetivação, como produtoras de ideologias que refletem um contexto sociocultural. Na nossa atual sociedade, a narrativa audiovisual, é o principal dispositivo discursivo por meio do qual interpretamos e significamos a nossa experiência temporal.

2.3-A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO PELO CINEMA

Ao lado do romance e do drama teatral, o cinema passa a ser o grande contador de histórias da era moderna. “Na maioria dos casos, ir ao cinema é ir ver um filme que conta uma história” (AUMONT, 1995, p. 89). O cinema introduziu uma mudança radical na noção de “contar histórias”.

O cinema, ao admitir certos olhares sobre a vida cotidiana por meio de diversas

formas de representação, se configura como um discurso. Na condição de linguagem a narrativa cinematográfica se tornou um fator integrante da cultura da interpretação. Enquanto discurso, o cinema atua sobre o modo como as condições atuais da vida são experimentadas e interpretadas. A linguagem é um veículo voltado à transmissão de mensagens. Contudo, no cinema, os processos de construção dessas mensagens detêm regras e convenções próprias. O cinema tem uma linguagem particular. Na narrativa cinematográfica a constituição de sentido e orientação temporal se baseia na concepção estética.

O surgimento do cinema em fins do século XIX abrangeu uma série de transformações nas diversas instâncias da vida humana, trazendo profundas implicações para os domínios da linguagem. O cinema inaugurou uma nova forma de linguagem. Segundo Martin (2005, p.22), o cinema tornou-se pouco a pouco uma linguagem, ou seja, um processo de conduzir uma narrativa e de veicular ideias.

Nos primeiros anos de sua existência o cinema não tinha por objetivo se tornar massivamente narrativo. Ele “foi concebido como um meio de registro, que não tinha a vocação de contar histórias”. (AUMONT, p.89). O cinema era usado como um instrumento de investigação científica ou usado pelos militares como meio de identificar as armas dos oponentes. Quando o cinema atingiu o estatuto de arte, até mesmo por uma questão de legitimação, tornou-se narrativo. Considerada a “invenção sem futuro” por Lumière, era preciso que o cinema se colocasse no mesmo patamar do teatro e do romance, consideradas na passagem do XIX para o XX como “artes nobres”. Portanto, “foi em parte para ser reconhecido como arte que o cinema se empenhou em desenvolver suas capacidades de narração”. (AUMONT, p.91). Apesar de seus esforços em se tornar narrativo, a narrativa não pode ser assimilado como a essência do cinema, ainda que o cinema narrativo seja predominante. No entanto, vamos nos ater às nossas discussões ao cinema narrativo.

O cinema se estabeleceu como uma linguagem devido a uma “escrita própria”. Para Jean Cocteau, “um filme é uma escrita em imagens”, Alexandre Arnoux diz que, “o cinema é uma linguagem de imagens com seu vocabulário próprio, a sua sintaxe, flexões, elipses, convenções, gramática”. Jean Epstein concebe o cinema como “a língua universal”. E, por último, para Louis Delluc, “um bom filme é um bom teorema”. (MARTIN, 2005, p.22-23).

A narrativa é materialização do enunciado, um texto narrativo que se ocupa da história a ser contada. Contudo, como ressalta Aumont (1995, p.106), este enunciado, que no romance ou na própria narrativa histórica, é formado apenas de língua, no cinema “compreende imagens, palavras, menções escritas, ruído e música, o que já torna a organização da narrativa filmica mais complexa”. Luz (2002, p.82) ressalta que a narrativa cinematográfica é antes um

indício da mistura de gêneros e linguagens que a modernidade evidencia. “É um traço genérico da mutação cultural”.

O que distingue a narrativa cinematográfica das demais formas de narrativa é a sua materialidade por meio das imagens audiovisuais. A linguagem cinematográfica constitui-se em um discurso por meio da técnica da montagem. A narrativa é consequência de um processo de montagem de imagem em movimento. “A montagem é a organização dos planos de um filme em certas condições de ordem e de duração”. (MARTIN, 2003, p.132). A imagem é a base discursiva da linguagem cinematográfica, é por meio dela que o cinema cria um senso significativo sobre a realidade.

Por sua especificidade linguística, o cinema dá ao espectador um “olhar” sobre a vida. Edifícios, paisagens, utensílios, pessoas que, na literatura, ficam a cargo da nossa imaginação, no cinema o espectador literalmente vê. A vida prática é apresentada no cinema sobre a forma de imagem. E essa imagem é, antes de tudo, realista. A imagem cinematográfica provoca a quem a assiste um sentimento de realidade. Este sentimento pode tomar proporções tão forte que leva o espectador a crer naquela imagem. O aparato técnico do cinema, no seu esforço de objetivar o mundo, nos dá a sensação de estar diante de uma realidade palpável. (VERNET, 2009). Contudo, como as imagens cinematográficas, na condição de discurso, se tratam de uma representação da realidade, o objeto não aparece da mesma forma que na realidade. Como ressalta Vanoye e Goliot-L'été (2002, p.61), “qualquer arte da representação (o cinema é uma arte da representação) gera produções simbólicas que exprimem mais ou menos diretamente, mais ou menos explicitamente, mais ou menos conscientemente um (ou vários) ponto(s) de vista sobre o mundo”. A possibilidade de a imagem cinematográfica ser manipulável, desde o processo de se escolher uma lente, do posicionamento da câmera, da técnica da montagem, a trilha sonora, a iluminação, entre outros, contribuem na construção de um senso significativo sobre a realidade, colocando assim em xeque o seu status de verdade.

A narrativa cinematográfica trata de uma narrativa dramatizada que emociona ela está centrado diretamente nas emoções. Rosenstone em suas discussões sobre filmes históricos, diz que um filme quer mais do que apenas ensinar a lição de que a história ““dói”, ele quer que você, o espectador, vivencie a dor (e os prazeres) do passado”. (ROSENSTONE, 2010. p. 34). A experiência estética do filme provoca também na pessoa que o assiste uma sensação de realidade e confiabilidade. O cinema não apenas fornece uma imagem da vida prática, mas quer que acreditemos piamente nesta imagem. A narrativa fílmica detém aspectos estéticos e sensoriais muito desenvolvidos que o espectador faz muito mais do que ver, ele também sente. Rösen (2009), ao discutir a dimensão estética da cultura histórica, diz que uma forte

orientação histórica precisa sempre envolver os sentidos. “O elemento estético permite a percepção do saber histórico e abre-lhe a possibilidade da imediatez e da força de convencimento da percepção da sensibilidade” (RÜSEN, 2007, p.29).

La danza del cuerpo, el movimiento de la voz e los sonidos de los instrumentos son, como los colores, las formas y las figuras, medios de transmitir nuestra experiencia de una manera tan eficaz que otros pueden vivirla literalmente. La experiencia concreta de las artes permitió sentirlo una y otra vez, y hoy empezamos a comprender cómo y por qué esto es algo más que una metáfora: es una experiencia física tan real como cualquier otra.³ (WILLIAMS, 1961, p. 38).

A experiência estética do filme trata de uma experiência sensível, impactante, emotiva e cognitiva, que amplia o sentimento de realidade e de compreensão do mundo por parte do espectador. A forma da linguagem nas produções artísticas, de acordo com R. Luz (2002) faz pensar a realidade para além da realidade. A experiência estética do filme recai, no espectador, como um efeito físico sobre o organismo. O cinema provoca no espectador uma sensação de realidade e credibilidade, assim as representações do cotidiano pelo cinema se inserem no imaginário coletivo como verdades.

Assim, a narrativa cinematográfica, além de proporcionar uma experiência prazerosa ao público ao veicular determinadas imagens e construções narrativas, ela induz o público a se identificar com essas significações. A tentativa de fidedignidade na construção discursiva da narrativa cinematográfica leva o público a se identificar com as tais imagens expostas.

2.4-A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO PELO PÚBLICO

Ao contar histórias o cinema atinge as subjetividades dos indivíduos, conformando modos de olhar o mundo por meio das suas construções discursivas, produzindo determinadas significações. Contudo os sentidos produzidos pela narrativa cinematográfica não se mantêm inalteráveis. O sentido de uma obra “torna-se instável, múltiplo, na medida em que ele realiza em recepções concretas” (REIS, 2006. 31). O processo de construção de sentido não ocorre em uma única via. Ao se consolidar como um espaço de produção de sentidos, o cinema também delimita espaços para que o público, enquanto indivíduos sociais, faça sua própria

3 A dança do corpo, o movimento da voz e dos sons dos instrumentos são, como as cores, as formas e as figuras, meios de transmitir nossa experiência de uma maneira tão eficaz que outros podem viver lá literalmente. A experiência concreta das artes permitiu senti-lo uma e outra vez, e hoje começamos a compreender como porque isto é algo mais que uma metáfora: é uma experiência física tão real como qualquer outra (tradução livre).

interpretação que se mescla com o sentido produzido pela narrativa cinematográfica. Uma obra nunca é completa, ela é cheia de vazios que o público completa e contribui ao interpretar à sua maneira a obra. Como afirma Turner (1997, p.122), “os significados são vistos como produto da leitura de um público e não como propriedade essencial do texto cinematográfico em si”.

O cinema tem um caráter fabulador. Luz (2002) afirma que o relato de determinado fato ou acontecimento se constitui diante de nós na forma de uma fábula, isto é, um processo de construção ficcional. “O fato passa a ser a apresentação/representação do fato, e essa apresentação é interpretação”. (LUZ, 2002, p.83). O cinema trata de uma reconstrução discursiva do mundo com base em algum tipo de interpretação do mundo. Isto é, possuem intencionalidades.

As narrativas cinematográficas são produzidas com objetivos específicos, a partir de determinadas intencionalidades. Estas narrativas são antes de tudo ideológicas. Elas são produtoras de ideologias que refletem um contexto social e cultural, legitimando certas formas de subjetivação. Contudo, apesar de a narrativa cinematográfica carregar intencionalidades e transmitir ao público determinadas significações, a leitura que o público pode ter sobre estas são diversas. Uma vez que a narrativa cinematográfica pode ser apreendida por distintos aspectos, não apenas por um único ponto de vista, os sentidos produzidos por estas são afetados pela interpretação de quem olha. Além das vivências, o próprio contexto histórico e sociocultural interfere no olhar que o público tem sobre a obra. Portanto os significados produzidos pela narrativa cinematográfica se situam na fronteira entre a história que se tentou contar em imagens, movimento e sons e o modo como o público elabora e vivencia o que viu e ouviu. Nesta perspectiva o público tem um papel significativo nas construções de sentidos da narrativa cinematográfica, não está passivo dentro do processo da criação de conhecimento.

Andrei Tarkovski, em suas discussões sobre o cinema, diz que o papel da arte se encontra fundamentalmente na ideia de conhecimento. E o conhecimento só é possível quando compartilhado. Portanto, para Tarkovski, a grande função da arte também é a comunicação, “uma vez que o entendimento mútuo é uma força a unir as pessoas, e o espírito de comunhão é um dos mais importantes aspectos da criação artística” (TARKOVSKI, 1998, p. 42). O autor vê a arte como uma meta linguagem com a qual os seres humanos comunicam entre si, partilhando os conhecimentos sobre si próprios e assimilando a experiência dos outros.

Raymond Williams (1961), assim como Tarkovski, diz que a função de toda arte é a

comunicação. A arte não pode existir se não objetiva uma comunicação. A comunicação para o autor é um processo de transformar a experiência única em comum. Na comunicação participam tanto o artista como o público. Quando o artista comunica ele oferece e recebe ativamente uma experiência. A comunicação da arte deve ser muito mais do que uma mera transmissão, ela também deve incluir a recepção e a resposta. No processo de organização da experiência o público também incorpora as informações transmitidas pela obra. O cinema é um lugar onde interagem obra e público. A obra cinematográfica não deve ser vista apenas como uma atitude ativa da obra em relação ao público. Em direção contrária, o olhar do público volta sobre a obra cinematográfica. O público não está passivo dentro do processo de construção de sentido. Ao apresentar novas experiências o cinema também recebe novas respostas em relação a essa. A experiência transmitida pelo cinema recebe ativamente uma resposta pelo público. Portanto, as narrativas cinematográficas são instrumentos universais de interação social, que admitem a construção de olhares sobre a vida cotidiana, baseado nas referências identitárias das sociedades, ou seja, carregam consigo as vivências coletivas dos sujeitos.

Em sua teoria da tríplice *mimese*, Paul Ricoeur. (1994) ressalta que é no ouvinte ou no leitor que se encerra o processo da *mimese*. A atividade mimética não termina na atividade narrativa, ele se dirige e se realiza no público ou no leitor. Isto é, a *mimese* III trata-se de um processo de “intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor”. A *mimese* III trata-se da reconfiguração do ato da configuração da narrativa pelo público. A experiência narrativa não apenas é assimilada pelo público como também é reconfigurada por ele. Nesta perspectiva, o ouvinte ou o leitor também ocupa uma posição ativa em relação à narrativa. O que é configurado na narrativa é apropriado por quem lê ou escuta e é reconfigurado a partir da interpretação destes.

O leitor ou o ouvinte não recebe apenas a obra, mas seu universo de sentido, o que ela comunica. E a reinterpreta e vê-se modificado em seu vivido. Ele se torna sujeito da sua vivência, ao reconhecer-se em uma narrativa. E pede a escrita de uma nova [...] Mas uma nova com um reconhecimento maior da sua vivência e que busca ampliar espiritualmente. (REIS, 2006, pg. 31)

Embora Paul Ricoeur privilegie os textos escritos, como diz José Carlos Reis, a intriga se refere a toda a linguagem que procura dar forma ao vivido. Isto é, a intriga pode ser um quadro, um filme, uma dança, uma música ou uma conversa, entre outros. Paul Ricoeur, ao debater sobre a sua teoria da tríplice *mimese*, num sentido mais amplo, refere-se às infinitas e abertas possibilidades geradas por todas as práticas discursivas da cultura. Nesta

perspectiva, a discussão de Paul Ricoeur sobre a tríplice mimese contribui de maneira fecunda para o debate da relação cinema e público. A tríplice mimese de Paul Ricoeur é significativamente pertinente para a proposta da presente pesquisa, uma vez que ela nos ajuda a pensar não só a análise das narrativas dos alunos pela perspectiva da reconfiguração da narrativa cinematográfica, mas desde o seu processo inicial de construção do discurso, desde a prefiguração, passando pela narrativa até a reconfiguração da narrativa pelo público.

O público, a partir da concepção de Paul Ricoeur, ao passar pela experiência visual da narrativa cinematográfica, configura essa narrativa em um novo discurso a partir de suas vivências e experiências, a partir de suas interpretações. A reconfiguração da narrativa cinematográfica pelo público é tida como outro discurso, que serve como fonte para as pesquisas que buscam investigar a interação entre o cinema e seu público.

Por fim, a experiência de assistir a um filme deve levar em conta a relação interativa entre o filme e o seu público, pois ambos estão inseridos no processo de interação verbal e exercem influência na produção de sentidos. É preciso incorporar na investigação narrativa a experiência transmitida pelo filme, e a resposta dos alunos em relação a essa experiência. É a partir desta resposta, estruturada em uma narrativa, que pretendemos analisar o constructo de uma consciência histórica sobre as relações de trabalho dos alunos pelo filme “Tempos Modernos”.

2.5-A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO HISTÓRICO PELO CINEMA

O cinema, enquanto uma prática social que conforma modos de ver e pensar o cotidiano dos indivíduos, também intervém na produção e construção de sentidos históricos para o pensar e o agir dos indivíduos em seu cotidiano, dentro de uma cultura histórica.

Jörn Rüsen (2009) afirma que, no campo da cultura histórica, particularmente no que se refere à esfera pública, a memória coletiva está sendo superdimensionada por um grande fluxo de imagens históricas. “As formas de consciência criadas pela cultura escrita [literacy] [...] podem rapidamente diminuir em significado, e especialmente em sua eficácia política. A gramática da história está se tornando uma imagística [imagology]”. (RÜSEN, 2009, p. 169). Nesse contexto a cultura da história se caracteriza pelo que o autor chama de “imediatez esmagadora da percepção sensível”, isto é, pela quantidade sem precedentes de informações. Rüsen (2015) diz ainda que este fenômeno se equipara ao que foi a transição da oralidade para a escrita, não que esta tenha desaparecido, é que numa cultura visual como a nossa a prática da leitura torna-se cada vez mais isolada.

As representações do passado pela cultura histórica não se encontram sozinhas e isoladas na sociedade, trata de um processo dinâmico, nos quais várias interpretações do passado estão em constante diálogo. Portanto, a cultura histórica abrange várias narrativas e diferentes perspectivas e está em constante diálogo com outras formas de expressões que compõem o cerne cultural de uma sociedade o que inclui a narrativa cinematográfica. Assim, de acordo com essas teorias, o filme *Tempos Modernos* entra em contato e dialoga com outros discursos presente na cultura histórica do público, no caso da presente pesquisa, formula diálogos com a cultura histórica dos jovens e adultos estudantes a respeito do trabalho, vida prática e tempo que foram se acumulando em uma espécie de arcabouço teórico ao longo do tempo.

A narrativa cinematográfica se configura como um artefato cultural significativamente presente na vida prática e contribui para a disseminação de narrativas que, podem agir na manutenção da memória e na mobilidade da consciência histórica dos indivíduos e desempenhar um papel fundamental na orientação cultural e na vida prática, dentro de uma cultura histórica. Nessa perspectiva, os historiadores não devem ignorar estas narrativas. Estas obras são muito presentes e importantes na formação da cultura histórica da sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito à dimensão estética da cultura histórica. Portanto refletir sobre o impacto da narrativa cinematográfica na mobilização da consciência histórica do grande público é de fundamental importância, já que tais narrativas se tornaram um influente meio para a obtenção de um conhecimento histórico. Assim o cinema se mostra um legítimo objeto de investigação da mobilização da consciência histórica dentro de uma cultura histórica.

2.6-SOBRE O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A investigação da mobilização da consciência histórica dos indivíduos pela narrativa cinematográfica exige uma melhor compreensão e definição do conceito de consciência histórica. O conceito de consciência histórica não se trata de uma novidade e nem de uma particularidade do historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen. Esse conceito foi desenvolvido por vários teóricos da história, em especial os alemães. E muito antes de adentrar o campo da história, a consciência histórica foi um tema de interesse para a filosofia. Contudo as teorias de Rüsen a respeito desse tema vêm recebendo grande notoriedade em vários países, o que inclui o Brasil. Portanto, a noção de consciência histórica ponderada nesta pesquisa parte das perspectivas de Jörn Rüsen.

O conceito de consciência histórica como é desenvolvido por Jörn Rüsen(2010a) trata de uma teoria de constituição de sentido e orientação temporal. O pressuposto de toda a sua argumentação parte da tese de que a cultura refere-se a uma maneira das sociedades e/ou pessoas de se relacionarem com mundo e com elas mesmas, a um modo particular do homem viver em que este tem que agir e que suas ações requerem um sentido. A ação do homem no mundo é realizada de forma intencional e está diretamente relacionada com o constante processo de interpretação e constituição de sentido.

A consciência histórica tem a sua gênese nessa necessidade dos indivíduos de interpretar e constituir sentido sobre a experiência temporal de modo a orientar suas ações. A consciência histórica pode ser descrita como constituição de sentido da experiência temporal. Ela é guiada pela intenção das pessoas de controlar o tempo, que é experimentado como um obstáculo ao agir, e para não se perder nas transformações do mundo e delas mesmas, as pessoas por meio da consciência histórica “dominam” o tempo.

A consciência histórica pode ser descrita como uma realidade elementar geral da explicação humana do mundo e de si mesmo. A constituição de sentido por meio da consciência histórica ocorre de uma forma particular. As interpretações da experiência temporal, direcionadas ao agir intencionalmente do ser humano por meio da consciência histórica podem ser descritas como um esforço intelectual do homem de atribuir sentido à experiência do tempo interpretando o passado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro.

Afirma-se contundentemente que o tempo é irreversível, que o passado é algo que não pode ser revivido. Não há como voltarmos de fato ao passado, mas este simplesmente não se esvai sem deixar vestígios da sua existência. “O tempo por nós vivido fixa-se em nossa alma como uma experiência situada no interior do tempo”. (TARKOVSKY, 1998, p.65). Os eventos passados estão preservados em nossa memória na forma de experiência. De acordo com Ortega y Gasset (1982) o ser humano acumula experiência de vida. Ele carrega como experiência cada momento por ele vivido, seja diretamente ou indiretamente. A experiência da vida não se constitui apenas dos acontecimentos passados individuais, esta também abrange os acontecimentos passados coletivos e os acontecimentos dos nossos antepassados preservados na nossa cultura/sociedade.

Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento[...] Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. (KOSELLECK, 2006, p. 309-310)

Frequentemente ouvimos as pessoas proferirem a frase “o passado é uma lição para se meditar, não para se reproduzir”, de Mário de Andrade, ou, “viver é aprender com o que já se foi” e ou frase “se queres prever o futuro, estuda o passado” de Confúcio. O passado é constantemente evocado no presente como uma forma de consciência que carregamos e que atua como uma espécie de conselheiro para nossas ações na atualidade. As pessoas cotidianamente, por meio da rememoração, dispõem de acontecimentos do passado com o intuito de justificar suas ações, posicionamentos ou ideias.

O retorno ao passado sempre advém dos problemas práticos do presente. “Não há outra forma de pensar a consciência histórica, pois ela é o local em que o passado é levado a falar, e o passado só vem falar quando questionado; e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação da vida prática atual diante das suas virulentas experiências no tempo”. (RÜSEN, 2010, p.63). A experiência proveniente do passado não apenas atua sobre nossas ações no presente como também tem o futuro como ponto de referência. A partir de suas vivências passadas o ser humano busca projetar o seu futuro. O futuro é apropriado enquanto perspectiva de ação. A “evocação do passado é uma condição necessária para fornecer à vida humana um quadro cultural de orientação que abra uma perspectiva futura enraizada na experiência desse mesmo passado” (RÜSEN, 2009, p.185). Portanto, na consciência histórica se imbricam as experiências passadas, resinificadas no presente por meio da memória, e os horizontes e as expectativas do amanhã, o futuro.

Ela refere-se à experiência da mudança temporal da vida e do mundo, que pode ser armazenada na memória, dá sentido à mudança do passado que pode ser aplicada para se entender o presente, permitindo, assim às pessoas antecipar o futuro, para conduzirem suas atividades a partir de um futuro informado pelas experiências do passado. (RÜSEN, 2006, p.122).

Partindo dessa premissa, a consciência histórica é a atribuição de sentido para a experiência histórica passada articulada ao tempo presente e às expectativas de futuro. Segundo esta definição a consciência histórica é um entrelaçamento do passado, presente e futuro. Essa interdependência das três dimensões temporais é concebida como uma representação da continuidade que serve de guia para vida humana prática. Para Rüsen (2006), o trabalho da consciência histórica pode ser compreendido como um procedimento de resgate da ideia de uma ordem temporal.

Não há cultura humana sem um elemento constitutivo de memória comum. Ao relembrar, interpretar e representar o passado, as pessoas compreendem

sua vida cotidiana e desenvolvem uma perspectiva futura delas próprias e de seu mundo. História, nesse sentido fundamental e antropológicamente universal, é uma reminiscência interpretativa do passado de uma cultura, que serve como meio de orientar o grupo do presente. (RÜSEN, 2006, pg. 118)

Nesta perspectiva a consciência histórica é inerente ao ser humano, não se trata de ter ou não ter consciência histórica, ela é algo universalmente humano, trata-se de um *fenômeno do mundo vital*, isto é, uma forma de consciência que está diretamente relacionada com a vida prática das pessoas, portanto, arraigada na própria historicidade característica da vida humana prática. (RUSEN, 2010). “Antes de ser cultural ou opcional, a base do pensamento histórico é natural: nascimento, vida, morte, são estruturas que oferecem aos seres humanos a noção do fluxo temporal” (ASSIS, 2004, p. 24).

Que os homens tenham consciência da história baseia-se, afinal, no fato de que seu próprio agir é histórico. Como usam intencionalidade, os homens inserem, pois, seu tempo interno (...) no contato com a natureza externa, na confrontação com as condições e as circunstâncias de seu agir, nas suas relações com os demais homens e com si mesmos. Com isso, o agir humano é, em seu cerne, histórico. E ‘histórico’ significa aqui, simplesmente que o processo temporal do agir humano pode ser entendido, por princípio, como não natural, ou seja: um processo que supera sempre os limites do tempo natural. (RUSEN, 2010, p. 79)

Se a cultura refere-se ao modo que as sociedades se relacionam com o mundo, a uma maneira específica das pessoas viverem em que estas têm que agir e que suas ações requerem um significado, pode se dizer que a atividade da consciência histórica é um modo particular e específico de determinada sociedade realizar esta tarefa. Isso não quer dizer que a todo o momento as pessoas estabelecem correlações entre o passado, presente e futuro, para direcionarem o seu agir. Esse processo se dá quando um indivíduo, em um dado momento de sua vida em sociedade, tem de se orientar historicamente para poder agir intencionalmente. Trata-se do modo histórico do ser humano viver, agindo e orientando-se no tempo. A consciência histórica pode ser apreendida como uma forma cultural de compreensão e de constituição de sentido mediante à interpretação da experiência passada. Ao dar uma explicação causal da realidade, a consciência histórica lhe atribui um sentido. No entanto trata-se de um sentido limitado. A consciência histórica é um meio de assimilação do mundo, um instrumento para conhecê-lo ao longo da jornada do ser humano em busca do conhecimento, ela é uma possível chave de explicação para a realidade. Mas até que ponto a consciência histórica serve para explicar a realidade? Costa (s/d) diz que a história aclarará muitos “porquês”, porém, não atinge o porquê último das coisas, o seu fundamento. “La

história, em su descripción fenomenológica, puede discernir el *porqué*, pero difícilmente puede vislumbrar el *para qué* da globalidad de la experiencia humana”⁴ (COSTA, s/d, p.192). A história pode compreender a causa mais não a finalidade da experiência humana em sua totalidade.

4 A história, em sua descrição fenomenológica, pode discernir o porquê, mas difícilmente pode vislumbrar o para quê da globalidade da experiência humana (Tradução Livre).

CAPÍTULO 3

CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Posto a problemática da pesquisa e apresentado o seu referencial teórico, o próximo passo é: como investigar na prática o constructo da consciência histórica dos alunos sobre a atividade do trabalho a partir da narrativa cinematográfica? Desta questão inicial se desdobram outras questões que se mostram de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa. Como a consciência histórica pode ser estudada na prática? É possível acessar a consciência histórica das pessoas? Como a mobilização da consciência histórica pode ser investigada a partir do cinema? Qual metodologia adotar para chegar às respostas das questões indagadas?

Algumas vertentes mais céticas da Didática da História alegam que a consciência histórica é um conceito de difícil aplicação na prática. “To study what happens in a person’s consciousness can be quite a complex matter, not least because there are many different layers of consciousness and many processes may be taking place at the same time, both consciously and sub-consciously”⁵ (THORP, 2014, p.43). Por se tratar de conceito abstrato a consciência histórica não pode ser estudada diretamente. Não tem como acessar de modo direto a consciência histórica de um indivíduo, mas, indiretamente por meio de seus vestígios e /ou manifestação histórica na cultura.

Em relação à investigação da consciência histórica pelas novas mídias, no presente caso, o cinema, Rösen (2015) diz que estes meios constituem um desafio especial para a ciência da história enquanto constituição histórica de sentido em forma cognitiva.

É certo que o significado das imagens, como fonte, sempre foi reconhecido pelo conhecimento histórico e utilizado nos procedimentos metódicos. No entanto, dificilmente se encontrava alguma pergunta sobre a racionalidade intrínseca da presentificação imaginativa do passado. (RÜSEN, p.240, 2015)

O autor diz que nesse processo é preciso estabelecer novas regras de cognição e estética. A análise do constructo de uma consciência histórica sobre as práticas trabalhista a partir da narrativa cinematográfica, a princípio, tem se mostrado um desafio.

5 Estudar o que acontece na consciência de uma pessoa pode ser uma questão bastante complexa, não menos importante porque há muitas camadas da Consciência e muitos processos podem estar ocorrendo ao mesmo tempo, conscientemente e subconscientemente. (tradução livre).

A pesquisa da Didática da História sobre a égide do conceito de consciência histórica trata de um campo relativamente novo. Não existem muitas pesquisas empíricas sobre o tema. Grande parte das pesquisas deste campo incorpora conceitos de outras áreas do conhecimento como: a psicologia cognitiva, a filosofia, a literatura, a sociologia, a antropologia, a pedagogia, entre outros (THORP, 2014). A maioria dos trabalhos que se dedicam à investigação do conceito de consciência histórica no Brasil está inserido dentro da perspectiva da Educação Histórica, em particular na linha de investigação relacionada à cognição histórica situada.

Esta linha leva em consideração a natureza do conhecimento histórico como pressuposto teórico e a compreensão das ideias históricas dos sujeitos nos mais diversos contextos de escolarização, por meio de tarefas concretas, como pressuposto metodológico. A preocupação dos pesquisadores desta área recai no modo como os alunos aprendem história. (SCHMIDT, 2009). Algumas estratégias de investigação foram desenvolvidas pelo campo da Educação Histórica com base na progressão da consciência histórica. Acredita-se que a consciência histórica pode ser desenvolvida. A partir desta teoria os investigadores destes campos propõem atividades para o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos.

Flick (2004) diz que o que determina a escolha de um método de pesquisa é o “objeto” em estudo e não o contrário. Partindo da perspectiva de Flick buscamos possíveis respostas para nossas indagações e embasamento metodológico no próprio fundamento teórico da consciência histórica de Jörn Rüsen. Particularmente, no que se refere à sua teoria narrativista e suas competências: experiência, interpretação e orientação.

Neste capítulo, além de traçar os caminhos metodológicos da pesquisa, apresentamos o campo de pesquisa O PROEJA. O intento de compreender a mobilização da consciência histórica dos alunos deve envolver uma melhor compreensão dos indivíduos, para tanto se faz necessário uma melhor compreensão sobre a esfera educacional PROEJA que estes alunos estão inseridos, que se trata do nosso campo de pesquisa. O que é o PROEJA? Quais as especificidades desta modalidade?

3.1-A NARRATIVA COMO ACESSO À CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Se o meio por qual a cultura cumpre a sua função de orientar temporalmente os indivíduos em seu dia a dia, frente às suas experiências temporais, é a narrativa, não seria diferente com a constituição de sentido histórico. O pensamento histórico, que se trata de um processo da consciência histórica, em todas as suas configurações está “condicionado por um

determinado procedimento mental de o homem interpretar a si mesmo e a seu mundo: a narrativa de uma história” (RÜSEN, 2010, p.149). Pensar historicamente requer uma capacidade para a representação histórica, que se manifesta principalmente por meio da narração. A forma pela qual a consciência histórica cumpre a sua função de orientar temporalmente uma pessoa se dá mediante ao movimento da narrativa. Para organizar e atribuir significado às suas experiências o ser humano interpreta, ou dito de outra forma, ele narra. A narrativa é uma prática cultural e universal de constituição de sentido. (RÜSEN, 2010)

A constituição narrativa de sentido pela consciência histórica é definida como constituição histórica de sentido. A constituição de sentido histórico mediante ao movimento da narrativa é denominado *narrativa histórica*. Isto é, a estruturação de uma narrativa em que o passado é apresentado de forma a constituir sentido ao presente e antecipar o futuro. “Narrativa histórica é a manifestação concreta dos enunciados linguísticos da consciência histórica; é a objetivação da consciência histórica por meio da linguagem; narrativa histórica é a consciência histórica na vida prática”. (AZAMBUJA, 2013, p.140). Este processo de constituição histórica de sentido por meio da narrativa é um procedimento específico de criação de sentido.

A concepção de narrativa de Rüsen como o meio de expressão da consciência histórica é de suma importância para a investigação empírica. Já não estamos lidando com uma consciência abstrata, mas sim materializada, por escrito ou não, em narrativas, portanto acessível. Se num âmbito mais fundamental os indivíduos manifestam a sua consciência histórica por meio da composição de uma narrativa, na perspectiva da investigação empírica da presente pesquisa, consideramos que os jovens e adultos estudantes manifestam a sua consciência histórica por meio da escritura de narrativas.

Levando em consideração a consonância entre a consciência histórica e a narrativa como a sua expressão, elegemos a investigação narrativa como a metodologia mais apropriada para o estudo. Esta metodologia parte da perspectiva de que, as narrativas construídas pelos estudantes são objetos fundamentais para investigar a consciência histórica dos mesmos. Portanto, em teoria, narrando os alunos expressam a sua consciência histórica.

O uso da narrativa como meio de expressão da consciência histórica dos indivíduos/alunos é uma metodologia recorrente no campo da Educação Histórica para investigação da consciência histórica dos alunos. Das investigações deste campo destaca-se a pesquisa empírica realizada por Isabel Barca, com crianças entre 10 e 13 anos, que constatou que crianças nessa faixa etária detêm a capacidade de constituir sentido e apreender

mensagens históricas por meio da composição de uma narrativa. (BARCA; GAGO, 2004).

3.2-INVESTIGAÇÃO NARRATIVA

Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de narrativa. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2003, pg.91)

A narrativa é um método de pesquisa muito utilizado enquanto instrumento de investigação qualitativa em diversas áreas do conhecimento, como no campo das Ciências Humanas, Sociais e educativo. A investigação narrativa é compreendida como o estudo da experiência entendida narrativamente. São inúmeras as pesquisas que recorrem à narrativa como instrumento de investigação.

Esta metodologia tem como foco o uso de narrativas como um instrumento de coleta de dados/informações sobre algum aspecto específico. A narrativa é um discurso construído no ato de se contar histórias, seja em contextos cotidianos ou institucionais, ela pode ser espontâneas ou provocadas em situações de entrevistas para pesquisas.

Ao fazer uso desta metodologia, “o pesquisador legitima o papel do ser humano como produtor de conhecimentos, no caso específico das narrativas, um ser contador de histórias, cujos pensamentos, emoções, sentimentos e, sobretudo experiências são fontes inesgotáveis de dados”. (CUNHA, 2009, p.6).

Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2003) enfatiza que a escolha desta metodologia e fontes desta natureza implica em compreender a realidade social como multifacetária e socialmente construída por “seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento”. (ABRAHÃO, 2003, s/p). A narrativa, seja esta uma história de vida, uma narrativa histórica, narrativas de um modo geral, possibilitam a compreensão da subjetividade de quem conta num momento concreto da vida, para além de possibilitar uma autorreflexão narrativa fortalecendo os laços identitários. Portanto, o pesquisador ao escolher esta abordagem lida, antes, com as emoções e intuições do que com dados exatos e acabados, isto é, lida primeiramente com a subjetividade dos participantes do que com a objetividade.

Toda pessoa que conta uma história, segundo Jovchelovitch e Bauer (2003), satisfaz às regras básicas de contar histórias. Os fatos são sempre narrados seguindo uma sequência cronológica, que os autores denominam *fechamento da gestalt*. Um acontecimento mencionado na narrativa normalmente é contado em sua totalidade, com um começo, meio e

fim, fazendo a história fluir.

Ao narrar, pessoas, grupos e/ou sociedades contam histórias com palavras e sentidos específicos à sua experiência e ao seu modo de vida. A narrativa refere-se à experiência pessoal e, de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2003), tende a ser mais detalhada com enfoque nos acontecimentos e ações. Característica esta, denominada de *textura detalhada*. Quem conta uma história procura fornecer tantos detalhes quanto necessário. Esta característica tornaria a metodologia da narrativa investigativa mais adequada. E ainda segundo os autores as histórias são contadas a partir do que o contador considera importante, de acordo com a sua perspectiva de mundo, isto é, a *fixação da relevância*.

Nesta perspectiva as ações e acontecimentos narrados são seletivos, nem tudo é lembrado e contado. “A narrativa privilegia a realidade do que é experimentado pelos contadores de histórias: a realidade de uma narrativa refere-se ao que é real para o contador de histórias”. (JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, 2003, p. 110). Portanto, nesta metodologia de pesquisa as narrativas não estão sujeitas à comprovação, não podem simplesmente ser consideradas como verdadeiras ou falsas, elas refletem a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço. As narrativas tencionam uma representação particular do mundo.

A investigação narrativa visa uma situação em que o entrevistado é induzido a contar uma história sobre um determinado acontecimento da sua vida e do contexto social que considere importante. Este método se constitui também pelo uso de narrativas produzidas por solicitação de um pesquisador por meio de registro oral ou escrito. Na presente pesquisa optamos pelo último modelo.

Fazer uso de narrativas como estratégia metodológica pressupõe a participação do pesquisador nesse processo. O pesquisador participa do processo de construção de uma memória, que é produzida a partir da intervenção do mesmo. Não se trata apenas de um processo de informação de mão única que passa de um para o outro, mas ao contrário, como enfatiza Abrahão (2003), é uma construção na qual participa o próprio pesquisador numa espécie de troca entre entrevistado e pesquisador. Contudo o envolvimento da pessoa participante e do pesquisador se dá de maneiras distintas. Estabelece a tese de que a memória do entrevistado reconstruída por meio da narrativa se imbrica com a análise e interpretação do pesquisador.

A investigação narrativa se baseia na própria prática antropológica universal do homem de contar histórias. Barthes (1976, p.25) diz que “o ser humano é essencialmente um contador de histórias que extrai sentido do mundo através das histórias que conta.” A

necessidade de contar, narrar, está presente em todas as culturas e sociedades, trata-se de uma forma elementar da comunicação humana fundada na necessidade de constituir sentido frente à experiência temporal. Diariamente estamos quase sempre fazendo uso de histórias, sejam estas provenientes de experiências pessoais ou coletivas, com o intuito de justificar nossas ações, posicionamentos ou ideias. A narrativa está presente em todos os lugares, e possui uma infinidade de formas.

Segundo Rüsen (2010a), no processo de se narrar, de (re) construir a própria experiência se produz um conhecimento. As narrativas não são um mero narrar de acontecimentos, elas são, sobretudo, geradoras de conhecimento. A partir do momento que o indivíduo relata uma experiência e a interpreta, gera um tipo de conhecimento. A síntese estabelecida entre essas duas operações, para o autor, pode ser tida como resultado de um processo de aprendizagem, que pode servir de guia para a vida prática. Ou como diz Moraes:

Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso, abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história, mas o cruzamento de umas com as outras. (MORAES, 2000, p.81)

O conhecimento gerado no ato de se narrar uma história se legitima como uma fundamental fonte de investigação, que pode ser usado nos estudos dos processos sociais, ou no caso da pesquisa, na investigação da mobilização da consciência histórica dos indivíduos. Nesta perspectiva, a narrativa construída pelos alunos é transformada em uma fonte que pode ser consultada. Deste modo, a principal fonte desta pesquisa é composta por narrativas históricas produzidas pelos jovens e adultos estudantes, a partir da aplicação de um instrumental de pesquisa, por meio do qual os alunos respondem uma questão relacionada aos problemas práticos da vida, antes e após o contato com a narrativa cinematográfica de *Tempos Modernos*. Faz-se necessário, na investigação narrativa, a incorporação da experiência transmitida pelo filme, e a resposta dos alunos em relação a essa experiência. A reconfiguração da narrativa cinematográfica pelos alunos é considerada como outro discurso que serve de fonte para a investigação da mobilização da consciência histórica pelo cinema.

Fazendo uso da investigação narrativa como meio de acessar a consciência histórica dos alunos, partimos do método da produção da fonte. A produção da fonte não para produzir história, mas para compreender como os indivíduos compreendem a história. Esta não é uma

prática muito comum dos historiadores, que têm o costume de recorrer às fontes já existentes e não pensar na produção destas fontes.

3.3-COMPETÊNCIAS NARRATIVAS

De acordo com Rüsen (1992) alguns fatores participam decisivamente da formação da consciência histórica no processo narrativo. A narrativa se insere na vida das pessoas por meio de certas operações mentais pelas quais a mente humana realiza uma síntese histórica das dimensões do tempo e das experiências. Rüsen (1992) denomina estas operações mentais de *competências narrativas* que são estas: conteúdo, forma e função. O conteúdo pode ser caracterizado como “competência para a experiência histórica”; no que se refere à forma de “competência para a interpretação histórica”; e em relação à função, de “competência para a orientação histórica”. (RÜSEN, 1992). Cada uma destas competências representa uma categoria de análise das narrativas construídas pelos alunos.

A *experiência*, como o próprio nome já diz, trata da capacidade para ter experiências temporais. O termo experiência refere-se ao mundo vivido, isto é, aquilo que em algum momento foi vivenciado pelo indivíduo. A experiência é composta por todos os acontecimentos vividos pelo indivíduo e pelos acontecimentos vividos indiretamente, isto é, pelas experiências transmitidas a nós por outrem que de alguma forma influenciam o nosso “estar no mundo”. De acordo com Ortega y Gasset (1982) o ser humano acumula experiência de vida. Ele carrega como experiência cada momento por ele vivido, seja diretamente ou indiretamente. A experiência da vida não se constitui apenas dos acontecimentos passados individuais, esta também abrange os acontecimentos passados coletivos e os acontecimentos dos nossos antepassados preservados na nossa cultura/sociedade.

A experiência aqui está diretamente relacionada com a realidade passada. Trata-se da habilidade de “ver” o passado em sua especificidade temporal, distinguindo-a do presente. Trata-se da capacidade humana de “voltar” ao passado por meio da memória e retomar a sua experiência. Os eventos passados estão preservados em nossa memória na forma de experiência. Então, a partir da experiência pretendemos analisar nas narrativas como os alunos veem o passado, como o interpretam, que valores atribuem a ele, quais fatos, acontecimentos são mencionados, por fim, como estes jovens e adultos recuperam a experiência passada, sejam essas experiências vivenciadas por eles ou não.

A *interpretação* trata da compreensão das experiências humanas. Isto é, trata-se do processo em que a experiência temporal é colocada em perspectiva de interpretação. Ter

consciência histórica significa pensar o tempo. É ter consciência da temporalidade, ser capaz de percorrer mentalmente pelo tempo relacionando passado com o presente e se dirigir ao futuro. A consciência histórica permite as pessoas avaliarem/interpretarem as mudanças e continuidades do tempo, as transformações que ocorreram, os acontecimentos no presente, o que poderia ser ou desejássemos que fosse. Essa consciência do tempo nos guia em nossas ações no presente e projeta um futuro a partir da compreensão das mudanças e continuidades dos acontecimentos passados.

Pode se dizer que a consciência histórica é uma consciência temporal, que se configura por meio das correlações estabelecidas entre o presente passado e futuro. Como já exposto no capítulo 1, para Rüsen (2010a) a consciência histórica é a constituição de sentido sobre a experiência passada articulada ao tempo presente e às expectativas de futuro. “A expectativa do futuro vincula-se diretamente à experiência do passado: a narrativa histórica rememora o passado, sempre com respeito à experiência do tempo presente e, por essa relação com o presente, articula-se diretamente com as expectativas de futuro”, que são configuradas por meio das intenções e diretrizes do agir humano. (RÜSEN, 2010a, p.64).

A consciência do tempo se dá a partir de uma série de procedimentos mentais básicos, como a percepção de outro tempo como diferente, à interpretação das mudanças ou continuidades de nossas vidas e do nosso entorno, classificação e ordenação das mudanças e continuidades, estabelecimento de uma relação com o antes, o durante e o depois.

Joan Pagès (2009) diz que a estrutura temporal é uma construção social, a percepção que uma pessoa tem do tempo tem raízes na cultura, na história e na própria experiência de vida. Por ter raízes culturais e históricas, a percepção do tempo também é múltipla. Em cada época e/ou sociedade o tempo possui em sentido diferente. Não existe uma única forma de perceber o tempo, mas sim uma infinidade de formas e representações. E conforme vivenciamos novas experiências damos outro sentido ao tempo. Em relação a esta questão, procuramos relacionar o discurso presente nas narrativas dos alunos com as suas histórias de vida.

A investigação narrativa nos possibilita acessar a consciência histórica dos alunos e as relações temporais que estes estabelecem. Procuramos nas narrativas construídas pelos estudantes identificar os elementos narrativos que aludem diretamente ou indiretamente às relações temporais, como os alunos interpretam o tempo. Buscamos referências discursivas que fazem relações entre o presente, passado e futuro. Cada uma destas temporalidades trata de uma unidade de análise.

O passado é o tempo como experiência, isto é, ele é composto tanto pelas experiências

por nós vividas, como pelas experiências alheias, pelas histórias que contamos e pelas histórias que contam a nós. No passado está incluso todas as referências temporais relacionadas com a experiência, lembranças e práticas dos jovens e adultos estudantes.

O *presente* também é o *tempo como experiência*, às experiências atuais são as responsáveis pelo retorno ao passado. O retorno ao passado sempre advém dos problemas práticos do presente. “Não há outra forma de pensar a consciência histórica, pois ela é o local em que o passado é levado a falar, e o passado só vem falar quando questionado; e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação da vida prática atual diante das suas virulentas experiências no tempo”. (RÜSEN, 2010a, p.63). Portanto os problemas atuais, ou seja, as experiências do tempo presente, são o impulso para o retorno ao passado. São as carências de orientação da vida prática atual que nos fazem buscar o passado. O presente é o tempo em que as experiências são interpretadas, é de onde vemos o passado e o futuro. Na presente pesquisa o impulso ao passado e as expectativas do futuro foram induzidas por uma questão sobre a vida prática dos alunos elaborada pela pesquisadora.

O futuro é o *tempo como intenção*. A experiência proveniente do passado não apenas atua sobre nossas ações no presente como também tem o futuro como ponto de referência. O olhar para o passado impele para o futuro. (NIETZSCHE, 2003). A partir de suas vivências passadas o ser humano busca projetar o seu futuro. O futuro é apropriado enquanto perspectiva de ação. A “evocação do passado é uma condição necessária para fornecer à vida humana um quadro cultural de orientação que abra uma perspectiva futura enraizada na experiência desse mesmo passado” (RÜSEN, 2009, p.185). Nele se condensa todas as referências temporais relacionadas com a experiência, lembrança, prática e, sobretudo, as intenções. As demandas, projeções futuras, constituem nossas intenções, a partir das experiências e com o objetivo que buscamos intencionamos um futuro. Costa (s/d) diz que para compreender a identidade de um indivíduo, não devemos apenas conhecer as forças históricas que o empurraram desde o passado, mas compreender também, até que ponto estas forças são dirigidas em seu futuro, até onde estas forças histórias o orientam que significados têm em seu projeto de vida.

A *orientação* permite as pessoas guiarem suas ações a partir da síntese estabelecida entre as três temporalidades. Trata-se da habilidade para interpretar as experiências do tempo e, a partir desta interpretação, tomar decisões. O agir é um procedimento típico da vida humana. Ortega y Gasset (1982) diz que a vida é uma ocupação, estamos sempre obrigados a fazer algo para nos mantermos na existência. E o requisito da ação é que nela residem intenções. O ser humano age na busca de satisfazer suas intenções. Age com a finalidade de

alcançar objetivos. As ações implicam fins. E para agir o homem precisa conhecer a si mesmo e ao ser entorno. As pessoas agem mediante a interpretação que constrói de si e do mundo.

Compreendendo que o ser humano é capaz de interagir consigo mesmo, com o outro, com a natureza, com o mundo como um todo, sempre em busca de conferir sentido a sua vida, Rüsen (2001) atribui a narrativa uma função orientadora. Isto é, o homem converte suas experiências temporais em narrativas dotando-as de sentido, e estas se convertem em guias de suas ações. Se a consciência histórica é um entrelaçamento do passado, presente e futuro, essa interdependência das três dimensões temporais é tida como uma representação de continuidade que serve de parâmetro para a vida prática. Por fim, a partir da orientação procuramos identificar nas construções discursivas dos alunos, elementos que indicam uma perspectiva de ação, objetivo.

3.4-NARRATIVA HISTÓRICA: TIPOLOGIAS DE SENTIDO

A constituição de sentido histórico da vida humana prática, mediante o movimento da narrativa, se dá segundo alguns pontos de vistas fundamentais: da afirmação, da regularidade e o da transformação. Com base nestes pontos de vista Rüsen cria uma tipologia da constituição histórica de sentido. Essa tipologia pode ser tida como níveis do desenvolvimento da consciência histórica. Esses níveis são respectivamente: tradicional, genético e exemplar. Da passagem de um nível para o outro existe a negação ou contraposição, isto é, o pensamento crítico. A constituição de sentido crítica, inicialmente era tida pelo autor como um nível cognitivo específico. A constituição de sentido crítica não se trata de um nível do desenvolvimento da consciência histórica, mas transpassa os outros três níveis. “Cabe-lhe a função, incontornável, de tornar possível a passagem de um nível ao outro, na medida em que problematiza a capacidade interpretativa do nível anterior ou mais antigo em benefício do novo”. (RÜSEN, 2015, p.255).

O primeiro ponto de vista é o da orientação por *afirmação*. A *afirmação*, como condição necessária da constituição de sentido histórico, corresponde à constituição *narrativa tradicional* de sentido. O processo de constituição histórica de sentido por meio da narrativa não está desligado dos significados sociais e culturais. A narrativa histórica age sobre o processo de significação do presente por meio da representação que cultiva do passado. O passado já se faz presente nas várias formas das intenções orientadoras do agir, antes mesmo do pensamento histórico. O agir humano nunca ocorre sem pressupostos. A orientação cultural da vida humana prática, por meio da interpretação da experiência passada, se

relaciona sempre com interpretações prévias.

A forma mais direta que o passado se apresenta ativamente na vida prática é pela *tradição*. A tradição para Rösen é um dado prévio do agir. O autor emprega o termo tradição para denominar os setores da experiência atual que se mantém em viva conexão com o passado, isto é, o ontem eterno, a exemplo: valores, instituições, de comportamento social, usos e costumes relacionados com as mais diferentes dimensões da vida humana. Na constituição narrativa de sentido do tipo tradicional, a consciência histórica é articulada de modo a manter vivas as tradições como forma de constituir sentido. O passado se apresenta como algo fixo e imutável, sem distinções elaboradas entre uma época e outra. A continuidade é o fator determinante desta forma de consciência histórica.

Princípio da *regularidade* corresponde à constituição *narrativa de sentido exemplar*. O princípio da regularidade se faz necessário na medida em que a tradição como orientação histórica não é suficiente. As tradições detêm uma estreita capacidade de elaborar a experiência, o seu limite é atingido quando se é necessário superar uma experiência da contingência não trabalhada anteriormente na tradição. A constituição de sentido exemplar detêm uma relação mais abrangente com a experiência temporal, ela leva em consideração a diversidade das experiências, ela permite que várias tradições sejam sintetizadas em interpretações unificadas (RÜSEN, 2010). Isto é, ela busca elementos normativos que unem essas experiências. Portanto, na constituição de sentido exemplar, as experiências temporais são processadas segundo uma regularidade dos princípios que servem de regras de conduta para as situações atuais, como uma espécie de lição para o presente. Nesse processo, as determinações de sentido não aparecem como uma realidade concreta na vida prática, como na tradição, elas assumem uma forma abstrata, ela se sintetiza nas regras, pontos de vistas, princípios. A constituição sentido exemplar segue a máxima *História magistra vitae*. “A história ensina, a partir dos inúmeros acontecimentos dos passados que transmitem regras gerais do agir” (RÜSEN, 2010, p.51). Estes acontecimentos são universais e atemporais, se convertem em exemplos históricos, que servem de parâmetros para a constituição de sentido sobre a experiência temporal.

O princípio da *transformação*, por sua vez, corresponde à constituição narrativa de sentido *genética*. A consciência histórica do tipo genética leva em consideração a mudança temporal para a elaboração de sentido. A própria mudança do tempo adquire uma qualidade positiva e se torna uma perspectiva orientadora. “A mudança temporal deve poder receber uma qualidade de sentido apta a orientar o agir, pois ela não se aquieta no mero sentido guardado na memória e carece de ser significada em si mesma”. (RÜSEN, 2010, p.47). Nesta

perspectiva toda estrutura de interpretação temporal é mediada pela mudança como fator constituinte de sentido. A constituição narrativa de sentido do tipo genética reconhece o legado do passado, porém os tempos mudaram. Ela não nega a validade da história, mas, ao mesmo tempo, reconhece que houve mudanças profundas, e que deve haver uma reorientação das circunstâncias atuais. O passado é reformulado para o presente.

Esses princípios não se encontram de modo claro e direto e não podem ser pensados isoladamente, não se manifestam, contudo, de forma pura, eles se conectam, no entanto essa conexão é um tanto complexa. Ao mesmo tempo em que se condicionam mutuamente eles também se opõem e um nível simplesmente não desaparece ao nível do outro. Adquirem uma nova posição. Cada tipologia tem uma função específica na orientação histórica.

As tipologias da constituição narrativa de sentido histórico podem ser compreendidas por aquilo que Max Weber chama de *tipo ideal* ou *tipo puro*. Isto é, típicos modelos construídos com base em generalizações para explicar determinada realidade. Contudo estes tipos não se encontram com esse grau de pureza na sociedade. Os tipos ideais ou puros tratam de parâmetros para estudar uma variedade de casos e acontecimentos. Estes tipos normalmente são construídos com base em simplificações ou generalizações da realidade. Isto quer dizer que a realidade nem sempre se apresenta por estes parâmetros. O mesmo ocorre com os tipos de constituição narrativa de sentido histórico. Neste aspecto são apenas recursos metodológicos que facilitam a análise de como os indivíduos compreendem determinada realidade. Muitas vezes estas tipologias construídas por Rüsen não se aplicam à realidade estudada ou não são suficiente para explicá-la.

Ao usar determinada tipologia de constituição narrativa de sentido histórico o indivíduo faz determinado uso da história. Quando uma pessoa faz uso do conhecimento histórico que tem ou usa a história com um determinado fim, é dito que essa pessoa fez um tipo de “uso da História”. (THORP, 2014). A consciência histórica também se manifesta pelo uso da história que o indivíduo faz. Robert Thorp (2014) diz que quando uma pessoa elabora uma narrativa histórica ela está fazendo um uso da história. Pode se dizer que por meio do uso da história que uma pessoa faz é possível acessar a sua consciência histórica.

3.5-TRABALHO,VIDA PRÁTICA E TEMPO

As categorias centrais de análises escolhidas para fundamentar esta investigação foram: *trabalho*, *vida prática* e *tempo*. Como o filme escolhido para a realização da pesquisa foi “Tempos Modernos”, a categoria de *trabalho* se mostra bastante pertinente, já que o

trabalho ocupa uma posição significativa dentro da narrativa cinematográfica. Apesar de serem abordados outros temas, a questão do trabalho é central no filme. Esta categoria também é pertinente pela própria condição dos indivíduos desta pesquisa, trata-se de pessoas que, em algum momento de suas vidas, tiveram que interromper os estudos por diversos motivos, principalmente de trabalho, e voltaram a estudar para uma melhor qualificação para o mercado de trabalho. Trata-se de um tema que está estritamente relacionado ao cotidiano destes alunos e com o próprio PROEJA. E neste ponto, esta categoria está diretamente relacionada com o objetivo da pesquisa, que é a investigação e análise do constructo de uma consciência histórica sobre as relações trabalhistas, a partir da experiência com a narrativa cinematográfica.

A categoria de *vida prática* foi escolhida por se tratar de um importante termo da teoria de Rüsen. O que é vida prática para o teórico? Em seus escritos Rüsen usa o termo para se referir aos processos concretos da vida humana, ele não faz uma conceituação específica sobre o termo. Os processos concretos da vida humana fazem referência à “vida” para além dos processos biológicos, isto é, se refere à vida que se constitui nas relações sociais. A vida, nesta perspectiva, não é uma função natural humana, mas desenvolvida nos processos históricos sociais. A vida prática pode ser também compreendida como o cotidiano. O cotidiano trata de práticas fundamentais aos indivíduos, de caráter trivial, realizadas no dia a dia. Portanto, a categoria de vida surge no papel desempenhado pelas representações discursivas dentro do processo de orientação prática da vida social. A partir da categoria de vida prática procuramos investigar como os indivíduos da nossa pesquisa orientam-se por representações de processos temporais significativos, mas especificamente, como se orientam a partir de representações referentes aos processos de trabalho e outras questões inerentes da vida prática.

A categoria de *tempo* foi escolhida por estar diretamente relacionada com o conceito de consciência histórica e por se tratar de um importante conceito da História. A consciência histórica é compreendida como uma forma de consciência do tempo, uma síntese estabelecida entre as três temporalidades, passado, presente e futuro.

Procuramos analisar como os alunos representam, compreendem os processos de trabalhos, como compreendem a relação trabalho e vida. Que ideias passadas, presentes e futuras expressam sobre este tema? A partir de quais elementos estes jovens adultos elaboram representação sobre o trabalho? Utilizam conteúdos históricos para construir suas narrativas? Como estão organizados temporalmente estes relatos? Estes alunos utilizam da narrativa cinematográfica para compor suas representações? Se sim, qual uso fazem desta narrativa?

Este trabalho de investigação também é um exercício de articulação entre a história pessoal, em que os alunos relatam suas próprias experiências, e a história mais ampla. Segundo Fernando Cerri (2011) esse tipo de evidência empírica possibilita a apreensão dos quadros teóricos concernentes à consciência histórica para análise e caracterização de como os indivíduos significam o tempo e o seu tempo.

3.6-HISTÓRIAS DE VIDA

O trabalho de investigação da consciência histórica também pressupõe um trabalho de investigação destes indivíduos, que são estes jovens e adultos estudantes? Saber quem são os indivíduos da pesquisa é de fundamental importância para uma melhor compreensão do meio social em que estes estão inseridos, além de investigar a relação destes sujeitos com a cultura audiovisual, em particular, com filmes.

Na investigação narrativa também faz parte a investigação da história de vida, sobretudo para a compreensão do desenvolvimento e da construção da subjetividade dos indivíduos participantes da pesquisa. O instrumento de pesquisa “História de Vida” tem como ponto de partida os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa autobiográfica com um foco no uso de narrativas como um de seus instrumentos de coleta de dados e/ou informações sobre aspectos específicos ou não da trajetória de vida de uma pessoa. A história de vida ou uma vida “é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história [...]” (BORDIEU, 2006, p. 183).

O Uso de biografia e/ou autobiografia se funda na hipótese de que uma vida, seja qual for a sua originalidade, ocorre em um contexto histórico, social que a justifique. (CORRÊA e GUIRAUD, 2009, pg.678). A partir do referencial teórico organizado por Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2003) em *Memória, Narrativa e Pesquisa Autobiográfica* e Jovchelovitch & Bauer em *Entrevista Narrativa e o próprio* Rösen, procuramos compreender melhor a noção de narrativa de vida ou história de vida.

A pesquisa autobiográfica, narrativa de vida, história de vida, biografias, autobiografias, memórias, faz uso de múltiplas fontes como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, entre outros, enquanto instrumentos que possibilitam uma melhor compreensão sobre a história da vida de uma pessoa, sua trajetória de vida pessoal, profissional, escolar, etc., ou sobre um assunto específico, sendo a memória um elemento fundamental para a realização de pesquisas dessa natureza.

Abrahão (2003) diz que o pesquisador precisa compreender a fonte não apenas como

um relato de fatos, mas ter conhecimento dos fatos vividos num dado contexto histórico-social. A autora compreende a metodologia autobiográfica como um diálogo entre o individual e o sociocultural. O relato de vida incorpora experiências subjetivas misturadas a contextos sociais o que o torna um instrumento privilegiado para análise e interpretação. As narrativas estão sempre inseridas no contexto sócio-histórico. “Uma voz específica em uma narrativa somente pode ser compreendida em relação a um contexto mais amplo: nenhuma narrativa pode ser formulada sem tal sistema de referente”, (JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, 2003, p. 110).

Optamos por usar desta metodologia como um ponto de partida da pesquisa e para mapear e compreender quem são os indivíduos, estas vozes de nossa pesquisa e quais relações estabelecem com a cultura audiovisual em especial com o cinema, bem como vários outros aspectos de suas vidas, como o motivo que os levaram a abandonar a vida escolar em um dado momento de suas vidas e porque voltaram a estudar. Os alunos estavam livres para mencionar os aspectos de suas vidas que considerassem importantes. Neste tipo de pesquisa os indivíduos da investigação não são vistos como objetos de uma investigação, mas reconhecidos como os protagonistas de suas próprias histórias antes da atividade interpretativa do pesquisador.

3.7-JOVENS E ADULTOS: SOBRE O PROEJA

Porque da escolha da educação de Jovens e Adultos? E porque o PROEJA e não a EJA? O interesse por este universo da educação de jovens e adultos partiu da ausência ou da quase ausência de trabalhos realizados no campo da Didática da História com esse público. A Didática da História sobre a égide do conceito de consciência história alia o conhecimento histórico à vida prática. Quando se trata do conceito de consciência histórica não imagino um público mais pertinente. Tem um universo mais rico em conteúdo, de experiências e vida que o PROEJA ou a EJA? A escolha dos alunos dos PROEJA como sujeitos da pesquisa partiu de identificação particular com esse público, pela riqueza que esse meio representa, pela bagagem de vida, memória e experiências que estes jovens e adultos carregam. A escolha do PROEJA e não da EJA se deve ao fechamento de turmas que vem ocorrendo neste programa nos últimos anos. No ano de 2015, a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Goiânia fechou 10 turmas e a Rede Estadual também vem reduzindo salas e escolas. Das poucas escolas que ainda oferecem turmas, há uma dificuldade de acesso para pesquisa por parte dos coordenadores.

O que é o PROEJA. O Decreto nº. 5.478, de 24/06/2005, inicialmente denominado Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, hoje, PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos foi criado pela necessidade de atender a demanda de jovens e adultos pela oferta de uma educação profissional técnica de nível médio. Inicialmente o programa tinha como campo de atuação a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com promulgação do Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006.

O programa teve as suas bases expandidas, tendo por meta a universalização da educação básica em paralelo com a formação para o âmbito do trabalho, tendo como público-alvo os jovens e adultos que tiveram suas trajetórias escolares interrompidas. Com o novo decreto tem-se possibilidade de adoção de cursos do PROEJA em instituições públicas dos sistemas de ensino estaduais e municipais e em entidades nacionais de serviço social, de aprendizagem e formação profissional, vinculadas ao sistema sindical e também de articulação a cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores com Ensino Fundamental na modalidade de EJA. (CASTRO, 2011, p.110). E além da oferta do nível médio houve a inclusão do ensino fundamental. Contudo, como ressalta (SOUSA, 2009), o horizonte que se almeja caminha não só para a consolidação de um programa, mas como também para a sua institucionalização como uma política pública de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos.

No que diz respeito ao PROEJA no Instituto Federal de Ciências e Tecnologia – Câmpus Goiânia, o programa integra o ensino médio a um curso técnico profissionalizante (técnico integrado em cozinha, técnico integrado em transporte rodoviário e técnico integrado em informática) destinado aos jovens e adultos com idade mínima de 18 anos. A proposta do programa prevê o acesso, a inclusão e a permanência de jovens e adultos na educação profissional, com intuito de promover melhoria nas condições de suas vidas e de empregabilidade. Ou seja, o PROEJA estabelece diretrizes que possibilitam a inserção destes alunos no âmbito educacional, tanto como a inserção qualificada dos mesmos no mercado de trabalho. Segundo Marina Burjack da Costa (2015) o objetivo do programa é possibilitar uma educação pública e de qualidade, para pessoas que, por diversos motivos, possuem um descompasso em sua formação profissional e escolar. Portanto os sujeitos do PROEJA são um público particular, que pelos mais diversos motivos tiveram as suas trajetórias escolares interrompidas logo à conclusão do ensino fundamental.

O PROEJA se caracteriza pela diversidade socioeconômica de seus ingressos. A

autora chama a atenção para a heterogeneidade de faixa etária dos alunos, o programa do IFG tem registros em seus cadastros de estudantes com mais de dezoito anos e até idosos. No senso do ano de 2016 foram registrados no IFG, Câmpus Goiânia, 303 alunos matriculados no PROEJA, sendo: 140 alunos no curso Técnico em Cozinha; 104 alunos no curso Técnico em Informática para Internet; 55 alunos do curso Técnico em Transporte Rodoviário. Segundo a coordenadora Gleice Alves, do curso técnico em Cozinha, a maioria dos alunos matriculados nesta modalidade apresenta uma média faixa etária de 40 anos, sendo a maioria dos matriculados mulheres.

Apesar dos registros, em sala de aula o número de alunos frequentando era bem menor. Essa é uma triste realidade deste programa de ensino, a grande evasão dos alunos. Por diversos motivos, como a falta de tempo para os estudos, dificuldade de permanecerem no curso por questões financeiras, entre outros, levam os alunos a abandonarem os estudos. Devido a essa realidade o PROEJA dispõe aos alunos um auxílio-estudantil num valor de R\$100,00 por mês. Porém, nem esse auxílio é suficiente para diminuir a evasão.

3.8-MEMÓRIAS DE CAMPO

O desenvolvimento da proposta de trabalho deu-se por cinco etapas. A primeira etapa foi aproximação à escola por meio do diálogo com diretor, coordenador e professores sobre o trabalho a ser desenvolvido e, acordar os pontos do Termo de Anuência. Assinado o termo e, portanto, autorizada a pesquisa, o próximo passo foi contatar os alunos sobre a pesquisa a ser realizada e o interesse destes em fazer parte da mesma.

Para a seleção dos participantes da pesquisa, inicialmente planejei selecionar pessoas diversas, que pudessem contribuir com diferentes pontos de vista. Não tinha um número de participantes em mente, seriam todos aqueles que desejassem participar da pesquisa. Porém, num programa que oferece três cursos técnicos integrados ao ensino médio, sendo oito turmas por curso, realizar a pesquisa com todos aqueles que se dispusessem a participar, seria uma tarefa um tanto quanto complicada ou mesmo inviável. No senso do segundo semestre do ano de 2016 foram registrados no IFG, Câmpus Goiânia, 303 alunos matriculados no PROEJA, até o término desta pesquisa, em fins de março de 2017, ainda estava em voga o semestre de 2016, por tanto, não houve novas matrículas nos cursos ofertados.

Devido à grande quantidade de alunos, optamos por trabalhar com as turmas que tinham em sua grade a disciplina de História. Por intermédio da coordenadora do PROEJA entrei em contato com um dos professores que ministra a disciplina de História, que

gentilmente dispôs as suas aulas para a realização da pesquisa. Mas devido ao número reduzido de turmas contatamos outros professores. Assim a pesquisa foi realizada durante as aulas das disciplinas de História e Segurança do Trabalho.

O estudo teve início na quarta semana de julho de 2016, porém, o ano de 2016 se mostrou importuno para realização da pesquisa. Durante este período a instituição passou por dois recessos, ocupação estudantil e um período de greve, além de motivos de saúde que impediram a realização da pesquisa. O estudo final começou de fato em janeiro de 2017 e finalizado na última semana de março de 2017.

O estudo se deu nas turmas do 2º e 4º período do Técnico em Informática para Internet e na turma do 2º período do curso Técnico em Cozinha da Educação de jovens e adultos do IFG Câmpus Goiânia. Nesse período pude acompanhar algumas aulas, ter conversas despreziosas com os alunos nos intervalos para conhecer e ter um maior contato com estes antes de iniciar a pesquisa. Esse primeiro contato foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, a dinâmica das atividades funcionou melhor com este contato prévio, uma vez que os alunos já conheciam a pesquisadora e esta aos mesmos, então não havia mais receio de ambas as partes quanto à realização da pesquisa, os alunos a realizaram de bom grado.

Foram realizadas, com os alunos, quatro atividades. Participou do estudo, um total de 24 alunos. No 2º período de Técnico em informática, de uma turma de seis alunos todos participaram da pesquisa, no 4º período de Técnico em informática cinco alunos participaram em uma turma de seis alunos e no 2º período de técnico em cozinha 13 alunos participaram em um total de 17 alunos. Contudo, nem todos puderam participar da pesquisa até ao seu fim, alguns alunos deixaram o curso durante a realização da mesma. Por diversos motivos, estes alunos são levados a abandonar o curso, dentre eles está a dificuldade de conciliar trabalho e estudo. A falta de tempo para se dedicar às atividades escolares levam muitos alunos a desistirem, mesmo com o auxílio ao estudante.

A segunda etapa da pesquisa foi a aplicação do instrumento de pesquisa “História de vida”. Este instrumento de pesquisa tinha por finalidade traçar o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa. No instrumento de pesquisa “História de vida”, foi proposto aos alunos que escrevessem um pequeno texto narrativo seguindo a proposta de um roteiro, contudo os alunos estavam livres para relatarem o aspecto que quisessem sobre suas vidas. Alguns alunos não compareceram no dia em que foi realizada a atividade narrativa. Portanto, obtive algumas informações a respeito destes alunos, sobre as suas vidas por meio de conversas informais durante os intervalos das aulas.

O terceiro momento da pesquisa foi a elaboração da primeira narrativa. Foi solicitado

aos alunos que escrevessem um pequeno texto no qual eles deveriam responder como o trabalho interfere em suas vidas, em seu cotidiano. Para que pudéssemos investigar a relação dos alunos com as três dimensões temporais (passado, presente e futuro), foi pedido aos alunos que também procurassem refletir, em seus relatos, sobre as relações entre o trabalho e vida cotidiana no passado, estabelecendo enlances com suas experiências atuais. E que também fizessem conjecturas sobre a relação de trabalho e vida no futuro. Durante a atividade não foi realizado nenhum tipo de conversa ou debate a respeito do tema para não influenciar as narrativas dos alunos, e assim obter uma resposta mais sincera. A atividade foi desenvolvida no período de aula, não foi delimitado tempo para a sua realização. À medida que os alunos finalizavam suas produções escritas, recolhia-se o material, contudo apenas o horário da aula não foi suficiente para alguns alunos, que findaram suas narrativas em casa.

A quarta etapa da pesquisa foi a experiência visual com o filme *Tempos Modernos*. O filme foi projetado em um telão em uma sala específica para este tipo de atividade, remetendo à experiência de estar em uma sala de cinema. As luzes foram apagadas e o telão iluminou a sala, dando início à experiência fílmica. Durante a exibição o gosto pelo filme se fazia evidente nos comentários, lamentações e constantes risadas dos alunos. Ao final, quando questionados pela pesquisadora sobre o que acharam do filme, alguns comentários demonstram bem esta questão: “Me diverti muito, ri bastante pensei que fosse dormir, mas não, gostei muito”, “Só não gostei da moça não ter ido buscar suas irmãs”, “Gostei da forma como ele usa o humor pra contar a história”; “Obrigado por nos proporcionar esse momento de alegria”. No dia da exibição do filme uma turma de alunos levou pipoca e outra preparou um lanche. A experiência fílmica em si foi prazerosa, tanto para os alunos, quanto para a pesquisadora.

E por fim a quinta etapa da pesquisa foi a realização da segunda narrativa. Na elaboração da segunda narrativa, foi feita a mesma proposta do primeiro relato. Assim como anteriormente, os alunos também deveriam dissertar como o trabalho interfere em suas vidas cotidianas. Para essa atividade dar certo, decidimos que a proposta das narrativas deveria ser a mesma. Não pedimos diretamente aos alunos que dissertassem sobre o filme, queríamos saber como a narrativa cinematográfica infere sobre as suas construções discursivas de uma maneira mais espontânea.

Realizar a pesquisa de campo foi um dos momentos mais difíceis desta dissertação. Primeiramente pela inexperiência da pesquisadora quanto a esse tipo de pesquisa. E essa inexperiência vem acompanhada pela inexistência de pesquisas com essa temática. Junto à falta de experiência e pela inexistência de pesquisas com essa temática, sempre estava

presente o receio quanto à escolha da metodologia adotada, se o caminho escolhido era o melhor ou não. Neste tipo de pesquisa não poderia cometer erros, uma vez que não teria oportunidade de realizar novamente a atividade com os alunos.

Segundamente, por se tratar da educação de jovens e adultos, o receio quanto à realização desta pesquisa também advém do seu público. Nunca havia passado pela experiência de sala de aula com a educação de jovens adultos, e por ser bem mais jovem que a maioria dos indivíduos desta pesquisa, tive receio de não saber lidar com este público.

E terceiramente, talvez este tenha sido o ponto mais frustrante da realização desta pesquisa, a dependência de terceiros. Dependendo da burocracia de um comitê de ética, de uma instituição, de coordenadores, de professores e de alunos, é um tipo de situação que foge ao controle. E isso, por muitas vezes, criou um sentimento de impotência e até mesmo uma vontade de desistir, principalmente pelo descaso do Comitê de Ética e pelas contingências da vida como os recessos e as greves pelas quais a instituição passou, prejudicando e muito o desenvolvimento da pesquisa, que precisou ser refeita do seu princípio. Trata-se de situações que não há o que fazer, a não ser esperar.

Para trabalhar com a educação de jovens e adultos tem que se levar em consideração que este público tem um ritmo próprio, e para pesquisa funcionar é preciso respeitar este ritmo. Muitos alunos não conseguem desenvolver uma narrativa apenas no período da aula, e quando deixam para fazer em casa e trazer na próxima aula, muitos não trazem, porque esquecem, por falta de tempo, já que muitos possuem dois empregos. Talvez a melhor opção tivesse sido trabalhar com narrativas orais, no entanto a falta de tempo e espaço para lidar com os alunos individualmente tornou esta possibilidade inviável, porque o único espaço que tinha para realizar esta pesquisa era a sala de aula. O que reavivou o ânimo para continuar a pesquisa foram os alunos. Trabalhar com estes jovens e adultos estudantes, tão ricos em histórias e cheios de vontade, foi a parte mais envolvente e motivante da pesquisa, e creio eu a mais importante.

3.9-CONSIDERAÇÕES SOBRE OS INDIVÍDUOS

No decorrer das narrativas somos, então, apresentados a inúmeras trajetórias de vida desses jovens e a adultos estudantes e trabalhadores. Quem são estes sujeitos, estes colaboradores, estas vozes da nossa pesquisa?

A trajetória de vida destes jovens e adultos estudantes, em sua maioria, mulheres adultas, nem sempre foi fácil. Muitos vindos das roças das cidadezinhas do interior tiveram

uma relação muito precoce com o mundo do trabalho. Trata-se de pessoas que, pelos mais diversos motivos, principalmente por questão de trabalho, se viram impedidos de seguirem uma vida escolar. Se por um lado tiveram uma relação precoce com o mundo do trabalho, por outro, tiveram uma relação tardia com o mundo escolar. São pessoas, como diz Costa (2015), que “apresentam uma defasagem em sua formação profissional, de tempo e de aprendizagem”. Estes alunos apresentam uma diversidade de perfis socioeconômicos. Muitos estão afastados há um longo tempo do ambiente escolar, são pessoas que não fizeram o ensino médio ou não o concluíram. Tratam-se de homens e mulheres, arrimos de família, jovens que trabalham, ou pessoas sem grandes perspectivas de vida, que voltam à vida escolar, muitos para terminar os estudos outros com o afã de adquirirem uma melhor qualificação para o mercado de trabalho.

As turmas do PROEJA se caracterizam por uma heterogeneidade de faixa etária dos alunos. O aluno mais jovem, participante desta pesquisa, tem 19 anos e o mais velho 60 anos, contudo, a maioria dos alunos matriculados nesta modalidade apresenta uma média faixa etária de 40 anos, sendo a maioria dos matriculados mulheres adultas. Entre essa heterogeneidade de alunos há aqueles que trabalham na área que escolheram fazer o curso, outros em campos distintos do curso escolhido. Há ainda os que não trabalham, aposentados, entre outros.

Portanto, os indivíduos desta pesquisa são, primeiramente, trabalhadores, garis, diaristas, auxiliar de serviços gerais, cozinheiras, depois estudantes, pais e mães de família que viram no retorno aos estudos uma oportunidade de ter uma melhor qualificação para o mercado de trabalho. Tratam-se em sua maioria de trabalhadores do setor terciário ou do que Ruy Braga definiu como “precariado”.

Ruy Braga (2012) tirou a sua definição do conceito precariado da noção de “superpopulação relativa” de Marx. Isto é, Braga entende por precariado as camadas da população trabalhadora menos qualificada e mais mal paga entre os assalariados. Normalmente o precariado se encontra na faixa salarial de um a dois salários mínimos. O precariado nesta perspectiva agrega tipicamente formas não qualificadas, semiqualificadas e subalternas de trabalho que tende a ter uma maior concentração nos serviços de empregadas domésticas, porteiros, vigias, pedreiros, entre outros. Portanto, o precariado é aquele setor da classe trabalhadora que está engajado em relações de trabalho precarizada.

“Nossa noção de precariado busca levar igualmente em conta o 'construtivismo' da formação da consciência política do proletariado precarizado” (BRAGA, 2012, s/p). Nesta perspectiva, para Braga o precariado detém condições de reivindicação e mobilização

coletivas. “Aos nossos olhos, mesmo a população pauperizada e o lumpemproletariado podem se mobilizar coletivamente”. (BRAGA, 2012, s/p)

A maioria destes alunos procurou o PROEJA/IFG por estarem insatisfeitos com sua ocupação e posição no mercado de trabalho. Cada vez mais se exige uma melhor qualificação do trabalhador. Na condição de “precariado”, estes alunos trabalhadores viram no retorno aos estudos uma forma de se qualificar com a esperança de se ascenderem no mercado de trabalho.

CAPÍTULO 4

DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA TRADICIONAL À CONSCIÊNCIA CRÍTICA

A narrativa histórica, segundo Rüsen, age sobre o processo de significação do presente por meio da representação que cultiva do passado. Partindo desta perspectiva, os alunos, em suas construções discursivas, caminham de uma consciência histórica do tipo tradicional para elementos de uma consciência histórica do tipo crítica.

Na consciência histórica do tipo tradicional, as experiências do tempo são interpretadas, a partir de tradições possibilitadoras e condutoras de ações. Rüsen (2010b) ressalta que o indivíduo que apreende o seu entorno por meio da consciência histórica do tipo tradicional, pretende, em suas construções narrativas, ligar o passado ao presente sem problematizar as atuais conjecturas em que ele está inserido. Não há mudanças significativas entre um tempo e outro. Contudo, há um elemento nas narrativas dos alunos que escapa à concepção de consciência histórica tradicional do teórico, que é o fator da mudança. A definição de Rüsen (2010b) de consciência histórica tradicional baseia-se na ideia de permanência. E, nas narrativas, há o elemento transformador. Existe uma transformação significativa, nos processos de trabalho e da vida prática do passado, para os processos de trabalho da vida prática do presente. Neste ponto específico a tipologia de Rüsen, da consciência histórica tradicional, não cabe na forma como ela foi elaborada. Portanto, usamos o termo de consciência tradicional, para além da definição de Jörn Rüsen. Usamos a palavra tradicional, porque os valores com os quais estes jovens e adultos estudantes analisam as mudanças temporais são tradicionais.

A estrutura da consciência histórica destes estudantes, nos primeiros relatos, se caracteriza por um tipo de consciência histórica do tipo tradicional, cuja, ideia de progresso, se impõe como eixo central de interpretação do indivíduo e do mundo. O progresso aparece nas construções discursivas como um possibilitador e condutor das ações na vida prática. Isto é, o progresso apresenta-se, em quase todos os relatos, como a causa histórica capaz de explicar as mudanças ocorridas nos processos de trabalho e da vida cotidiana no tempo.

Além da ideia de progresso, alguns alunos também partem da experiência religiosa cristã do ser humano e do mundo para explicar as mudanças ocorridas no trabalho e na vida prática. É exatamente a experiência religiosa de paraíso e castigo que explica a origem e mudança do trabalho e da vida cotidiana (que orientam os indivíduos). Ao se basearem numa

concepção religiosa, os alunos também apresentam uma consciência histórica do tipo tradicional.

Estes estudantes apresentam dois ideais culturais de interpretação do indivíduo e do mundo. De um lado a tradição cristã do ser humano, e do outro, a concepção racionalista do ser humano. Podemos dizer que a nossa perspectiva de uma visão de progresso na História advém justamente da experiência religiosa. Alguns intelectuais associam a ideia de progresso ao advento do cristianismo, mais exatamente da concepção cristã do tempo.

“De acordo com a perspectiva grega da vida e do mundo, tudo se move na base do retorno no nascer e do pôr-do-sol, do verão e do inverno, da geração e da destruição”. (LÖWITH, 1991, p. 17). O Tempo Cristão rompe com a história circular da antiguidade. O cristianismo impõe uma visão de que o mundo avança em direção a um destino, ao caminho da salvação ou condenação. Para os judeus e os cristãos a história é justamente a história da salvação. Nesta visão o progresso seria a promessa cristã do retorno de cristo. Os religiosos estão à espera do juízo final. A vida é um eterno sofrimento até o retorno de cristo.

Karl Löwith (1991), em *O Sentido da História*, ressalta que a própria secularização da modernidade deve ser buscada na teologia cristã. O autor defende a tese de que a modernidade se apropriou do padrão escatológico cristão. A filosofia da história é escatológica, isto é, ela dá um sentido para a história. Dizer que a história tem um sentido, é dizer que ela caminha para algum lugar, se é para a salvação, condenação, libertação, isto independe, ela segue um rumo. “Vista a história ser um movimento no tempo, o objetivo é uma finalidade” (LÖWITH, 1991, p. 19).

A ideia de progresso advém como construto do tempo. O progresso é por excelência um tipo de atribuição de sentido própria da ideia de tempo. A nossa concepção de progresso na história está fundada, segundo Karl Löwith, no ideal do tempo cristão. Assim, talvez, por causa da própria atribuição de sentido dos alunos com bases na concepção religiosa do ser humano e do mundo, que estes, também, partem de uma constituição de sentido do tempo progressista.

A consciência histórica crítica estabelece uma relação de ruptura para com os elementos do passado. Na tipologia da consciência histórica crítica os valores tradicionais são problematizados em face à experiência atual. O presente não se apresenta como um ontem eterno, a consciência crítica parte da premissa da mudança. Os alunos romperam com alguns dos valores que norteavam as suas visões de mundo. Eles problematizaram os valores tradicionais, isto é, o ideal de progresso e a concepção religiosa do ser, com os quais interpretavam as mudanças temporais, relacionadas à prática do trabalho. Há quem mudou

completamente a maneira de se pensar o trabalho, a vida e a tecnologia. Outros mantiveram a sua posição, só que com uma perspectiva crítica.

Após a experiência com o filme a estrutura da consciência histórica dos alunos é alterada de um tipo tradicional para elementos de uma crítica. A narrativa de Tempos Modernos, ao inaugurar um espaço novo de experiência, proporcionou aos alunos outros rumos no modo com que eles interpretam a experiência do trabalho na vida prática. Porém, o progresso ainda é o motor que move o tempo. Mesmo rompendo com o passado, a consciência histórica crítica não foi capaz de efetuar uma ruptura profunda com os valores tradicionais.

Por fim, defendemos a tese de que a interpretação que os alunos fazem da história da humanidade avança de uma consciência histórica tradicional para uma consciência histórica crítica, cujo eixo central é a ideia de progresso, principalmente pelo viés tecnológico, e a concepção religiosa do ser. Embora a ideia de progresso predomine.

Os relatos dos alunos superaram as expectativas da proposta inicial. A categoria de vida prática teve suas bases ampliadas, os relatos direcionaram para outras questões intrínsecas da vida cotidiana. Além destes dois valores, pelos quais os alunos produzem uma concepção de narrativa histórica tradicional, outros temas como a escravidão, o trabalho feminino, a qualidade de vida, o desemprego, a educação, o sentido do trabalho, são abordados em seus discursos. Procuramos apresentar como os alunos compreendem, estabelecem relações em torno destas temáticas. O nosso objetivo não foi o de esgotar as narrativas dos alunos, mas de apresentar brevemente uma análise destes temas.

4.1-PROGRESSO

4.1.1-A Tecnologia Como Principal Fator de Mudança Histórica

Em primeiro lugar, a análise das narrativas permite-nos afirmar que os alunos entendem o desenvolvimento tecnológico como o principal fator de mudança histórica nos processos de trabalho. O desenvolvimento tecnológico é apontado essencialmente, em quase todos os discursos, como a causa motora das mudanças ocorridas nos processos de trabalho e da vida prática ao longo dos anos.

Entre os elementos que justifica o processo de transformação é a própria evolução humana, principalmente no desenvolvimento tecnológico. (SR. MILTON, 1ª Narrativa)

A narrativa acima representa grande número de narrativas que foram interpretadas a partir da premissa do progresso. A palavra **principalmente**, usada por Sr. Milton, coloca o desenvolvimento tecnológico como fator decisivo do processo de mudança. O tempo é percebido, pelos alunos, como uma evolução da técnica e da ciência. Ou seja, a tecnologia se apresenta como o principal fator de progresso e de desenvolvimento nas relações de trabalho e da vida prática. E isto incidiu diretamente na consciência de tempo dos alunos, no olhar que lançam sobre o passado, na forma que veem o presente e no olhar que projetam ao futuro. O tempo está amarrado indissociavelmente desta ideologia.

A ideia de progresso presente nas narrativas dos alunos está diretamente relacionada ao aprimoramento das condições materiais da sociedade. Os relatos dizem muito sobre o impacto no cotidiano mediante as novas determinações que foram impostas pela transformação da técnica. Deste modo, por trás das transformações sociais, sobretudo nos processos de trabalho, sempre tem uma tecnologia que a condiciona.

O trabalho humano passou por uma série de mudanças ao longo das décadas. Por exemplo sou do tempo em que se escrevia cartas à mão ou datilografadas muitos não conhecem máquinas de escrever estão ultrapassadas foram substituídas pelos teclados de um computador. Minha avó tinha um ferro de passar roupa à brasa trabalhou em muitas casas usando este ferro. (ROSA, 1ª Narrativa)

Para Rosa, as transformações na forma de realizar a atividade do trabalho, estão diretamente relacionadas com a evolução dos instrumentos que auxiliam em sua atividade. A técnica e a ciência estão em constante desenvolvimento, sempre se aprimorando. Todo dia surge algo novo deixando algumas invenções obsoletas, e assim, causando mudanças nos hábitos sociais. As pessoas, por exemplo, como ressaltou Rosa, perderam o hábito da escrita à mão.

O desenvolvimento tecnológico não é uma exclusividade do nosso tempo. A técnica sempre existiu na história da humanidade. No entanto, foi nas sociedades industriais modernas que a técnica atingiu níveis de desenvolvimento inimagináveis. Nesta perspectiva, o ideal de progresso como o fundamento da história está presente desde as suas primícias, como bem enfatizou Rosa ao falar da invenção da roda.

Houve um tempo que o homem, ou animais, ou escravos tinham que carregar fardos pesados (agora) com a invenção da roda tudo se torna mais fácil. (ROSA, 1ª Narrativa)

A roda, em comparação às outras tecnologias citadas, se trata de uma invenção primitiva.

Compreende-se, portanto, que os processos de reconfiguração social estão diretamente relacionados às transformações tecnológicas. O progresso técnico aparece como o alicerce que orienta a direção da história. A racionalização da vida, o desenvolvimento técnico e científico, é sobre esta égide de valores que vivem e agem os indivíduos da pesquisa.

4.1.2-A Tecnologia Como Poder

Em segundo lugar, percebemos que as construções discursivas expressam, algumas vezes, a tecnologia como poder. Trata-se, aqui, não de uma visão necessariamente negativa de poder, mas de intensidade de força que essa dimensão tecnológica exerce sobre o trabalho. Em certas tradições conceituais o poder é visto em seu sentido negativo, o que não é o caso, o poder é abordado como uma força capaz de impor e de interferir no agir de todas as pessoas. Em alguns discursos a tecnologia aparece como algo que domina as relações de trabalho no presente. Alguns alunos usam da metáfora para dar essa ideia de senhorio.

Hoje a tecnologia que está mandando (ANA, 1ª Narrativa).

Na frase acima, a tecnologia é o sujeito da frase e é o sujeito da ação. “**Está mandando**” é uma expressão metafórica que atribui à máquina características próprias dos seres humanos. Ana usa da metáfora para expressar o poder de mando que a tecnologia tem sobre a vida hoje. A tecnologia, mesmo sendo um objeto inanimado, é capaz de prover mudanças significativas no ser humano. A relação que o indivíduo estabelece com a tecnologia para além da mera utilidade, é uma relação de poder. A tecnologia exerce um poder sobre os corpos das pessoas, na sua saúde, na sua sobrevivência, nas satisfações das suas necessidades mais básicas, em seus hábitos, comportamento.

Hoje para os meus filhos as coisas são mais modernas têm muita tecnologia tudo é digital e cada vez mais a máquina está tomando conta (IRENE, 1ª Narrativa).

A expressão “**está tomando conta**”, também se trata de uma expressão metafórica, refere-se ao domínio tecnológico da nossa época, a chamada “era digital”. Essa forma de poder aplica-se ao grande domínio tecnológico na vida cotidiana. A tecnologia passou a ser um componente essencial das sociedades atuais. As relações trabalhistas e sociais hoje estão

condicionadas e dominadas pela tecnologia. A tecnologia em si não tem poder algum, porém os alunos a atribuem um forte poder de influência sobre a vida prática na atualidade. Assim o indivíduo desenvolve uma relação de dependência e controle com a tecnologia.

4.1.3-A Extensão Da Tecnologia

Em terceiro lugar, o poder da tecnologia não se refere apenas à sua intensidade, mas também, à sua extensão. Pensar na vida prática atual é pensar uma ampla relação do ser humano com a tecnologia em seu dia a dia. A tecnologia está fundamentalmente imbricada à vida cotidiana no presente nas mais diversas dimensões. As máquinas estão por todas as partes, na cidade, no campo, nas atividades domésticas, entre outros.

Até mesmo na cozinha a tecnologia tem mudado, eu acredito para melhorar o trabalho, máquinas de fazer pão, bolo, fritadeiras sem óleo, forno elétrico, tudo tem facilitado. (ROSA, 1ª Narrativa)

A narrativa de Rosa reforça a ideia do poder de extensão da tecnologia na nossa sociedade presente nos discursos. A expressão “**até mesmo**”, trata de um recurso narrativo usado por ela para demonstrar o alcance desta dimensão. Em lugares, que nem imaginávamos, como o ambiente doméstico, mais especificamente a cozinha, a tecnologia abrangeu o seu domínio.

Hoje com a transformação tecnológica já temos as máquinas para tudo inclusive para falar a distância. (MARIA, 1ª Narrativa)

A expressão “**para tudo**”, usada por Maria também reforça a ideia de extensão da tecnologia na nossa sociedade. A palavra tudo, indica que não há dimensão de nossas vidas que a tecnologia não esteja presente. Ela está em todos os lugares. É inegável o avanço técnico em todos os setores da vida humana.

Já Sr. Milton enfatiza as alterações verificadas no âmbito econômico, como na agricultura, pecuária e indústria.

Na atualidade tanto a agricultura, a pecuária, quanto a indústria desfruta do desenvolvimento acontecido ao longo dos tempos. (SR, MILTON, 1ª narrativa)

A tecnologia envolve absolutamente tudo ao nosso redor. Os discursos destes alunos

apontam os diversos setores da nossa sociedade em que a tecnologia tem expandido o seu domínio.

4.1.4-Positivção Da Tecnologia

Em quarto lugar, e mais importante, é o modo como o desenvolvimento tecnológico é entendido, pelos alunos, como positivo. Aqui temos o centro da noção de progresso presente na consciência histórica dos estudantes. Essa positividade passa, em primeiro lugar, pelo fato de tornar o trabalho menos pesado, mais fácil. Essa forma de percepção positiva, restrito ao labor físico, aparece em quase todas as narrativas. Mas, para além dela, alguns alunos percebem outros elementos positivos, tais como a geração de empregos e o acesso ao conhecimento. A tecnologia não só exerce domínio sobre os indivíduos e é extensiva, ela também significa a melhoria.

O progresso na concepção dos alunos tende para um fim bem específico, melhorar a vida prática, contribuindo para o bem-estar social, facilitando a atividade do trabalho, tornando-a menos penosa, ampliando as dimensões do conhecimento e gerando novas formas de trabalho.

4.1.4.1-A Supressão Do Esforço Físico

Os alunos traçam uma trajetória do trabalho e da vida prática ao longo do tempo, e esta é percebida como um processo evolutivo. Um processo gradual e sempre em forma crescente. A ideia de progresso, presente nas narrativas, nos dá o sentido de que a vida humana se moveu, e está se movendo em direção a uma sociedade melhor. Foi assim no passado, é assim no presente e será assim no futuro. Um futuro sempre melhor do que o passado foi e do que o presente é. A humanidade trilha um caminho ascendente por via do desenvolvimento tecnológico. O tempo é progressista, cujo motor é a tecnologia.

O ideal de progresso é usado pelos alunos para se referir aos avanços, a um novo tempo que se contrapõe ao passado. Partindo desta concepção, o passado é rejeitado frente ao progresso, há uma ruptura com os valores passados. Deste modo, há uma tendência nos discursos de valorizar o presente e inferiorizar o passado. A expectativa no progresso faz com que estes alunos percebam o tempo passado como menos desenvolvido e conseqüentemente mais sofrido. O discurso de Sr. Milton enfatiza bem esta ideia.

Esses avanços em relação ao passado e ao presente, caracteriza-se por um trabalho mais sofrido no passado, e menos sofrido no presente. (MILTON, 1ª Narrativa).

O trabalho no passado, como evidenciado nos fragmentos: **“plantavam e colhiam para o seu sustento”**, **“o trabalho era muito pesado, mas era pra sobreviver”**, **“tudo tinha que plantar para ter as coisas”**, **“o alimento era nos que plantava e colhia”**, era voltado unicamente para a subsistência da família ou das pessoas envolvidas na coletividade. Tudo era produzido, se quisesse alguma coisa, comida, tinha que plantar. O processo de produção passava pelo plantio e depois pela colheita. Este modo de produção é caracterizado pelos alunos como: **“muito difícil”**, **“não era fácil”**, **“muito pesado”**, **“muito complicada”**, **“tudo era muito difícil”**, **“o trabalho era muito pesado”**, **“era muito braçal”**, **“mais difíceis”**. Os alunos atribuem como características negativas do passado o trabalho braçal, que é uma característica que está diretamente relacionada, em seus discursos, ao trabalho rural. Nesta conjuntura o processo de modernização do campo, das atividades agrícolas, baseado na tecnologia é visto como um avanço positivo nas relações trabalhistas.

Para os que trabalhavam pesado no campo, surgiram as máquinas para transportar a vida do trabalhador do campo. (JÚNIOR, 1ª Narrativa)

O momento da mecanização do trabalho foi para Júnior fundamental para a reconfiguração do trabalho. Há uma passagem do trabalho manual para o domínio das máquinas. Com a implementação de máquinas no campo não haveria mais a necessidade do trabalho humano. A tecnologia neste aspecto é vista como algo que facilitou o trabalho no campo. O trabalho braçal não seria mais necessário.

O desenvolvimento tecnológico está atrelado à ideia de progresso, no melhoramento da vida cotidiana. Assim, o progresso caracteriza-se nas narrativas por uma negação do passado e uma supervalorização do presente.

Hoje é mais tranquilo os serviços e mais modernos, hoje tem as máquinas nas lavouras, tem indústrias tem mais facilidade para as pessoas. (IRENE, 1ª Narrativa)

Na atualidade Irene dá ênfase à modernização dos processos de trabalho, com destaque para a mecanização das atividades rurais e o surgimento das indústrias. E que este processo tornou a atividade do trabalho mais fácil e a vida mais tranquila. Quando os alunos falam do trabalho e da vida cotidiana no presente é de consenso da maioria que trabalho e vida são mais

fáceis. O tempo presente é destacado como um tempo de grande crescimento e desenvolvimento tecnológico, econômico e de grandes melhorias na vida prática. É um tempo mais tranquilo, ou como disse Irene, “*tem mais facilidades*”.

Dentre as palavras utilizadas pelos alunos para se referir ao desenvolvimento tecnológico destacam-se os termos: “**mais tranquilo**”; “**mais facilidades**”; “**ajuda**”; “**facilitou**”; “**ajudou muito**”; “**facilidades**”; “**mais fácil**”; “**melhorar**”; “**facilitado**”; “**menos sofrido**”. Para estes jovens e adultos com o desenvolvimento da técnica e da ciência houve uma abreviação, suavização, ou até mesmo a supressão do trabalho laborioso. Nesta perspectiva a tecnologia é positivada na medida em que torna a atividade física do trabalho menos pesada. O avanço tecnológico, neste sentido, põe fim à concepção do trabalho como sofrimento.

O trabalho para estes alunos não é uma atividade abstrata, é uma atividade física concreta que o trabalhador tem que executar. Justamente por estes alunos pertencerem ao precariado que a positivação da tecnologia, em face ao trabalho laboral, é possível. Grande parte dos trabalhadores que participaram desta pesquisa, como parte do precariado, advém de experiências com o trabalho manual pesado. É deste modo que positivam a tecnologia como uma forma de percepção de que a atividade não precisa mais ser tão pesada. Não se está julgando as relações sociais, mas a atividade física real, concreta, que ele, o trabalhador, precisa executar. O trabalho não é, assim, abstrato, mas uma atividade corporal, muscular.

4.1.4.2-A Facilidade De Acesso Ao Conhecimento

A positivação da tecnologia também aparece na facilidade de acesso ao conhecimento. O progresso técnico e científico na área da comunicação, sobretudo na informática, criou possibilidades de obtenção do conhecimento, tanto que a chamada sociedade da informação é também é conhecida como uma sociedade de aprendizado.

Em minha época já foi um pouco melhor, estudei um pouco mas precisei trabalhar em roça em serviços braçais, com as máquinas vieram, e ajudou muito no desenvolvimento não precisa-se fazer serviços tão pesados, temos facilidades de procurar conhecimento na internet e xerocar para estudar, qualquer coisa que quisermos aprender temos facilidades de aprender. (FRANCES, 1ª Narrativa)

A facilidade de acesso ao conhecimento, à informação de um modo geral, sobretudo após o advento da internet, constituiu-se para Frances um ponto positivo do desenvolvimento

tecnológico. Para esta aluna a tecnologia não só tornou a atividade do trabalho mais fácil, como também possibilitou à sociedade atual acesso rápido e fácil a todo o tipo de conhecimento, nesta perspectiva a tecnologia tornou o conhecimento ilimitado.

4.1.4.3-Geração De Emprego

Além da facilidade de acesso ao conhecimento e da diminuição do trabalho braçal, a positividade da tecnologia aparece na geração de emprego. O progresso técnico é visto constantemente como o responsável pelo desemprego ao substituir o trabalhador em sua atividade, no entanto, o progresso técnico ao criar produtos novos, cria novas empresas e setores de atividade econômica, gera novos empregos.

Com as novas máquinas, novos empregos foram gerados, como por exemplo na década de 60 (1960), meus avós trabalhavam na roça, plantando milho, feijão, tirando leite, eles nunca imaginavam ver um celular, é um aparelho que gerou bastante emprego. (JÚLIO, 1ª Narrativa)

Júlio enfatiza os efeitos positivos dos avanços da tecnologia informacional na geração de emprego. Assim o desenvolvimento tecnológico ao desenvolver novos produtos, como o celular, dá origem a novas necessidades e conseqüentemente a novas oportunidades, novos postos de trabalho.

4.1.5-Narrativas Que Contrastam das Dominantes

Em quinto lugar, contrastando com as narrativas dominantes, alguns alunos apontaram elementos negativos do desenvolvimento tecnológico. Nem todos, dentre eles, entretanto, o entendem como simplesmente negativo. Mesmo acreditando que a tecnologia facilitou o labor físico, ela também produziu malefícios.

4.1.5.1-A Tecnologia Como Uma Forma De Exclusão

Uma das acepções do ideal de progresso presente nos discursos dos alunos é de que a tecnologia é excludente. Com o processo de industrialização e mecanização do trabalho, em decorrência das transformações tecnológicas, exige-se um grau mínimo de formação do trabalhador. O indivíduo que não estuda, ou não tem uma formação propriamente escolar, é excluído dos processos de trabalho.

Comparando com o trabalho atual eles com certeza não conseguiria sobreviver até porque não tiveram escolaridade nenhuma, eles ainda continua morando no sítio deles, mas nada além do que eles conseguem fazer como capinar, buscar água (MARIA, 1ª Narrativa).

Maria destaca os próprios pais que, por falta de escolaridade, não conseguiram acompanhar o desenvolvimento tecnológico, tiveram que continuar vivendo no âmbito rural, no sítio, por não terem se adaptado às novas exigências do mercado de trabalho na cidade. *“Eles com certeza não conseguiria sobreviver até porque não tiveram escolaridade nenhuma”*. Nesta perspectiva a escolaridade não está apenas relacionada à conquista de um bom emprego, mas à própria sobrevivência. No presente o indivíduo que não estuda tem a sua sobrevivência ameaçada.

Com a transposição do modo de vida urbano, veio o desafio de se adaptar à vida na cidade. O trabalho nas cidades exige outros conhecimentos e qualificações diferentes dos empregados no campo. A falta de escolaridade é considerada um agravante que dificulta a busca por emprego.

Os patrões exploravam não davam valor no trabalho executado, lembro que minha mãe não aguentou e veio para a cidade procurar uma vida melhor mas não foi possível por falta de estudo e experiência ela não sabia ler e nem escrever teve que apelar para trabalhar nas casas dos outros (LÚCIA, 1ª Narrativa)

A mãe de Lúcia veio para a cidade em busca de melhores condições de trabalho e vida. Porém o trabalho e a vida na cidade se tornam melhores, na visão de Lúcia, se o indivíduo tiver uma formação escolar. Ao trabalhador que não se qualifica, restam-lhe as funções pouco valorizadas, como diz Lúcia sobre a sua mãe *“teve que apelar para trabalhar nas casas dos outros”*. A expressão **“apelar”** denota um preconceito enraizado na nossa sociedade a certos tipos de trabalhos, como por exemplo, o trabalho de empregada doméstica, que ganha uma conotação negativa e inferiorizada mediante as certas ocupações consideradas de prestígio. O relato de Maria apresenta a mesma percepção.

Se hoje exige uma melhor qualificação do trabalhador quem não estuda não consegue bom emprego (MARIA, 1ª Narrativa).

A expressão **“bom emprego”**, usada no relato de Maria, também reforça a ideia de exclusão pela via tecnológica. Para os excluídos da tecnologia sobram os trabalhos ditos marginalizados pela sociedade.

A solução para aqueles que não encontram mais o seu lugar no campo é a migração para os núcleos urbanos. A migração do campo e da cidade é vista como um desejo de melhorias das condições de vida. Contudo, a mãe de Lúcia, vivendo ainda outro tempo, com outras estruturas que garantiam as condições que um dia condicionaram o seu dia a dia, ao mudar para a cidade parece não ter encontrado também o seu lugar. Nesta perspectiva, a mãe de Lúcia, excluída dos processos de renovação, tanto do campo quanto da cidade, teve que buscar formas de se adaptar aos novos tempos.

No processo de modernização do campo e da cidade surge uma população pobre e excluída dos “privilégios” proporcionados pelo desenvolvimento tecnológico, por ser desprovida de meios para acompanhar as mudanças que lhes foram impostas. Ficando assim essa população marginalizada do processo de modernização. O desenvolvimento tecnológico também produz outro tipo de excluído social, o desempregado, como ressaltou Maria.

No futuro se a tecnologia continuar evoluindo muitos terão dificuldade ou não conseguirão emprego. (MARIA, 1ª Narrativa)

Para Maria a tecnologia tem impacto direto no desemprego na medida em que ela exige um trabalhador “educado”. As pessoas que não conseguem acompanhar as inovações técnicas e as novas formas de se realizar a atividade do trabalho estão fadadas a situações de desempregos. O trabalhador pouco qualificado ou sem estudos tem a sua empregabilidade ameaçada.

4.1.5.2-O Impacto Negativo Da Tecnologia Na Qualidade De Vida

A saúde do trabalhador foi um tema posto em debate em relação ao desenvolvimento tecnológico. Para duas alunas o desenvolvimento tecnológico tem impacto negativo na qualidade de vida do trabalhador. Algumas das consequências da tecnologia na vida prática do indivíduo, levantada por elas, é o aumento de doenças psicológicas e o sedentarismo.

[...] as pessoas vão ficar mais doente e sedentárias, porque não vão mais fazer tanto as coisas para se movimentar, cada vez mais dependentes das mordomias. Hoje os jovens estão morrendo com doenças de velhos. Por fim as pessoas vão morrer mais cedo de doenças. (IRENE, 1ª narrativa)

Irene vê a dependência da tecnologia como prejudicial à saúde humana. Neste aspecto Irene apresenta uma maior preocupação com os jovens. A máquina tomou o lugar dos

indivíduos na realização do seu trabalho e isso, segundo ela, deixou as pessoas mais sedentárias. A consequência da mecanização do trabalho humano para Irene é o aumento de doenças e uma morte precoce.

No passado a atividade do trabalho presumia um esforço físico, os braços e as pernas eram quase que uma extensão do trabalho. A ferramenta do trabalhador na realização da sua atividade era o próprio corpo. Atualmente o trabalho é considerado pelos alunos como leve e de pouca exigência do esforço físico do trabalhador. Com a automatização do trabalho e a instauração da era digital na nossa sociedade, a dinâmica física, o esforço muscular têm dado espaço ao gesto digital. O esforço físico do trabalhador, em muitas atividades, se resume a apertar botões. Assim, na atualidade, há uma predominação do comando técnico sobre o corpo.

Uma das consequências do acelerado desenvolvimento tecnológico é a automação da atividade do trabalho. Neste aspecto, o esforço físico do trabalhador não seria tanto necessário, uma vez que a tecnologia se ocuparia desta parte. Nesta conjuntura, é o psicológico do trabalhador que é mais exigido, como afirma Izabel.

Na época dos meus antepassados, os serviços eram mais difíceis, pesados, pois era tudo braçal, mas a qualidade de vida era outra, o corpo era muito explorado, mas a mente e o psicológico eram mais tranquilos. Dava o fim do dia o corpo estava cansado, mas a cabeça tranquila, então podiam deitar-se e conseguiam dormir, com tranquilidade. Hoje temos maquinários, tecnologia, porém uma mente cansada um corpo sedentário. (IZABEL, 1ª Narrativa)

Para Izabel, apesar da inserção da máquina na linha de produção, o trabalho tornou-se mais exigente e alienado, refletindo diretamente no bem-estar mental e emocional do trabalhador. Para esta aluna, num contexto de reorganização dos processos de trabalho, talvez o psicológico do trabalhador seja o que mais foi afetado. Houve uma elevação dos níveis de stress, o que afeta diretamente a qualidade de vida. No passado o trabalho era mais difícil e mais explorado fisicamente, porém as pessoas eram mais tranquilas psicologicamente. A carga sobre o trabalhador deixa de ser diretamente física para ser mental. O discurso de Izabel, assim como o de Irene, também atenta para a questão do sedentarismo como uma consequência da tecnologia no nosso cotidiano.

4.1.5.3-A Destruição Da Sociabilidade No Interior Da Família

O terceiro ponto mencionado nos discursos dos alunos como um fator negativo do

processo de desenvolvimento tecnológico é a destruição da sociabilidade no interior da família. O passado é marcado por um tempo rural, pela relação com terra e com a família. A terra era onde as pessoas tiravam o seu sustento, e a família é percebida como de suma importância nesse processo. A atividade do trabalho no campo significava muito mais do que uma forma de trabalho, era um modo de vida. Um modo de vida que envolve um conhecimento passado de geração em geração. Os filhos aprendiam o ofício dos pais e auxiliavam nas atividades do dia a dia. O trabalho, apesar de ter como objetivo a realização de uma tarefa, também englobava o convívio dos membros familiares.

A tarefa de plantar, colher e produzir, são atividades associadas à prática coletiva. Nesta perspectiva, a forma de trabalho no campo acabava por promover um maior convívio das pessoas. Se no passado, a base do trabalho era familiar, no presente essa relação praticamente se perdeu para Tião.

Antigamente o trabalho era por questões de sobrevivência. A maioria dos trabalhos era no período do plantio no restante do ano era pequenos trabalhos do dia a dia como: ordenhar uma vaca, limpar uma casa, ou seja, era voltado exclusivamente para a sobrevivência. As famílias tinham mais tempo para ficarem juntas. (TIÃO, 1ª Narrativa)

Se antes, por ter uma base familiar, o trabalho era algo que mantinha os membros familiares unidos, hoje é o que separa. Tião justifica a sua afirmação dizendo que o processo de modernização, o progresso, tornou a vida mais acelerada. As pessoas não têm mais tempo para suas famílias. O trabalho para Tião deixou de ser submetido aos tempos da natureza e variáveis climáticas e passou, ele próprio, a reger o tempo do ser humano. Isto é, deixou de ser um meio de subsistência e tornou-se um meio para a aquisição de bens. E isto para Tião se trata de um tipo de escravidão.

Hoje em dia as pessoas meio que são escravas do trabalho, pois quanto mais trabalham mais dinheiro e quanto mais dinheiro mais conforto. Com essa era tecnológica cada vez mais. Quase todo dia tem algo novo que propicia um novo conforto, carros de última geração, telefones que fazem de tudo, com tudo isso as pessoas quase não ficam com suas famílias. Não tem nada haver com sobrevivência. (TIÃO, 1ª Narrativa)

A forma de se realizar a atividade do trabalho no presente, para Tião, gerou um novo tipo de escravidão, a escravidão pelo trabalho. O trabalho na atualidade tornou-se uma atividade compulsiva e incessante, uma espécie de servidão. No passado o tempo da vida não era o da pressa dos relógios nem das longas jornadas de trabalho, nem do consumo

exacerbado, com os avanços tecnológicos, com a era da internet, as pessoas estão cada vez mais apegadas aos bens materiais, sempre em busca de algo novo, e isso para Tião é escravizador.

Ao dizer que os indivíduos tornaram-se escravos do trabalho, Tião faz um contraponto ao trabalho do passado que era voltado para a sobrevivência. O trabalho na atualidade está relacionado à conquista de bens materiais. As pessoas trabalham não tanto para suprir suas necessidades, trabalham para ter dinheiro para o consumo. Para Tião, no presente, o consumo ultrapassou a necessidade de sobrevivência dos indivíduos. A importância dada ao trabalho, como um instrumento para a conquista de bens materiais, coloca em segundo plano a sobrevivência e outras esferas da vida como a família. O indivíduo na sociedade atual é valorizado a partir do seu lugar de proprietário e consumidor. É a partir desta premissa que os indivíduos elaboram representações de si mesmo e dos outros ao seu entorno.

O tempo rural parece ser evocado por Tião com saudosismo, como um modo de vida melhor, um passado rural mais feliz associado à natureza, da família autossustentável. O campo é associado a uma forma de vida “natural”. Tião apresenta uma visão idealizada do ser humano em harmonia com a natureza. Quando não apresentam uma concepção negativa do passado, alguns alunos apresentam uma visão idílica deste.

4.1.6-Como A Tecnologia Aparece Em Termos De Expectativas Futuras

Em sexto lugar queremos analisar o modo como o desenvolvimento tecnológico também aparece nas expectativas de futuro dos alunos. As construções discursivas dos alunos apresentam dois tipos de perspectiva de futuro. Uma perspectiva otimista em face ao desenvolvimento tecnológico, isto é, uma esperança no futuro pela perspectiva do progresso. E, o que podemos caracterizar por uma falta de perspectiva futura. Alguns alunos apresentam uma descrença no futuro face ao progresso técnico e científico.

4.1.6.1-O Progresso Enquanto Perspectiva Promissora De Futuro

O futuro, mesmo não podendo ser predizível por meio da experiência, trouxe a certeza, para alguns alunos, que as invenções e descobertas científicas proporcionariam um mundo melhor. Os alunos alimentam uma esperança no futuro pela perspectiva do progresso técnico-científico. Eles reconhecem as melhorias na vida prática no presente em relação ao passado e, por este motivo esperam mais melhorias para o tempo que virá. A própria ideia de progresso

parte da concepção de uma evolução linear.

Os discursos têm, como um ponto em comum, a convicção de que a técnica e a ciência resolverão os problemas básicos da vida prática. Pelo ideal de progresso estes alunos alimentam uma atitude otimista face à história futura. Eles têm esperança de um mundo melhor, e o progresso é a base da esperança deste mundo.

Se no decorrer de dez anos o homem voou segundo o desenvolvimento tecnológico. Daqui a 100 anos já deveria existir meios de locomoção por meio do pensamento. Dentre filhos, netos e bisnetos desta geração por certo irão desfrutar de outras tecnologias mais (MILTON, 1ª Narrativa).

Sr. Milton apresenta uma visão de futuro própria do imaginário da ficção científica. Ele tem uma visão auspiciosa do futuro e nutre uma crença no desenvolvimento tecnológico. As melhorias na vida e no trabalho se darão, a seu ver, por meio do progresso. A palavra “**desfrutar**” usada por Sr. Milton reforça esta ideia.

A pesar deste otimismo, é preciso ter cautela quanto ao progresso, como diz Frances.

Em relação aos filhos, netos e bisnetos a evolução vai se superando para melhorias das sobrevivências humana na terra. Espero que seja em todos os sentidos cuidando do meio ambiente que a sociedade se conscientize que devemos respeitar um os outros desde o maior para o menor assim sucessivamente. (FRANCES, 1ª Narrativa)

A partir do progresso, Frances também cultiva uma esperança no futuro. Para ela haverá uma superação da evolução humana, garantindo melhorias na vida prática. Contudo, apesar deste otimismo, ele expressa uma preocupação quanto aos impactos negativos que o desenvolvimento tecnológico tem sobre o meio ambiente. Portanto, para o futuro, há uma necessidade de se repensar o caminho que a tecnologia está trilhando. Frances adverte sobre a necessidade de minimizar os riscos ambientais sem, no entanto, abdicar dos benefícios que a tecnologia propicia aos indivíduos. Neste aspecto, a tecnologia em si não é negativa, o problema é o mau uso que se faz desta.

E este mundo melhorado por meio da evolução tecnológica sempre visa, nos discursos, a redução da atividade muscular do trabalho. A melhoria da vida prática para estes alunos está diretamente relacionada à supressão da atividade física do ser humano. Neste contexto a constante inserção da máquina no dia a dia das pessoas representa nas narrativas uma evolução positiva Os discursos do Felipe e de João evidenciam bem esta ideia.

No futuro imagino a diminuição dessas atividades, pois buscamos facilidades. Meus netos não iram cuidar de animais por obrigação, mas por diversão, o trabalho tornará complexo porém rápido e com acesso significativo para quem o faz. (FELIPE, 1ª Narrativa)

Com a crescente mecanização do trabalho rural, Felipe acredita que no futuro haverá uma redução das atividades rurais. O processo de mecanização do trabalho no campo levou muitos a abandonarem a vida nas roças e fazendas. Para Felipe no futuro não será mais necessário ao ser humano realizar tarefas braçais, como as exigidas no ambiente rural. Apesar de complexa, ele acredita que a atividade do trabalho se tornará mais rápida e significativa para o trabalhador.

Imagino que futuramente quase setenta por cento do trabalho braçal seja substituído por inteligentes, máquinas, capaz de substituir, a mão de obra, se tornando mais econômico, e rentável para o empregador. (JOÃO, 1ª Narrativa)

João tem perspectiva de que no futuro quase não será mais necessário ao ser humano o trabalho, uma vez que, a máquina cada vez mais está dominando este âmbito. Este fato, como enfatizou João, será positivo para empregador, que não terá gastos com empregados, tornando o trabalho mais rentável e econômico. A visão de um futuro dominado por máquinas é uma visão bastante recorrente no discurso dos alunos e na nossa sociedade. Estes alunos acreditam que chegará um momento em que a trabalho braçal será substituído pela mão de obra inteligente. Com a capacidade de uma máquina realizar o trabalho de várias pessoas não será mais tão necessário o trabalho humano.

4.1.6.2-Falta De Perspectiva Futura

Mesmo os discursos tendo em comum a convicção de que o desenvolvimento tecnológico amenizou ou solucionou os problemas básicos da vida cotidiana no presente, alguns alunos não apresentam uma perspectiva próspera do futuro frente ao progresso.

Supõe-se que, com o aperfeiçoamento técnico, com a implementação das máquinas nos processos de produção, de certa forma, haveria uma abreviação, suavização ao até mesmo a supressão do trabalho laborioso. Contudo, apesar da crença no progresso, muitos alunos apresentam em seus discursos certo receio do futuro ante ao grande progresso tecnológico. Muitos alunos imaginam um futuro dominado por máquinas, acreditam até mesmo que a presença humana não será mais necessária em algumas empresas, como é o caso de Laís.

No futuro, acho que as máquinas vão substituir o homem (trabalhador), com a tecnologia o mundo do homem vai deixar de existir em algumas empresas, ou só vai existir para dar manutenção nas máquina (LAÍS, 1ª Narrativa)

Para esta aluna, em um futuro dominado por máquinas, o ser humano não mais existirá em alguns setores de trabalho, ou se existir, será para dar assistência à máquina. Uma função que exige maior instrução do trabalhador e é um posto limitado. Não é necessário um grande contingente de trabalhadores para executar esta função.

A mesma preocupação se vê no discurso de Gustavo, que teme pela falta de emprego no futuro. Ele acredita que o uso de máquinas na atividade do trabalho provocará uma escassez no emprego.

O trabalho futuro, ele tenho impressão que ficará mais escasso pois as máquinas estão cada vez mais substituindo o trabalho e a produtividade do homem, fora os gastos. (GUSTAVO, 1ª narrativa)

Frente ao grande desenvolvimento tecnológico há a preocupação da substituição da mão de obra humana por máquinas. Se a utilização de máquinas no processo de produção será rentável para o empregador, como afirmou João em seu discurso, para o empregado não será tão benéfico assim. Além da redução do emprego, os discursos também apontam para outros malefícios que o constante desenvolvimento tecnológico acarretará na vida do trabalhador, como a escravidão mediante ao consumo.

E no futuro acho que vai ficar bem pior mesmo com toda essa tecnologia. Ou seja, os efeitos do trabalho nos dias de hoje e no futuro serão mais maléficis do que benéficos. (TIÃO, 1ª Narrativa)

Para Tião, o desenvolvimento tecnológico deturpou a função do trabalho na vida do ser humano, que pra ele, é a sobrevivência. Ele tece uma crítica ao trabalho voltado para a aquisição de bens materiais. As pessoas trabalham para além da satisfação das suas necessidades básicas, para além do que o corpo e a mente aguentam. O ritmo de trabalho, ao qual o presente está infundido traz graves consequências ao trabalhador. E com o crescente aumento da tecnologia no cotidiano das pessoas, Tião não crê em um futuro promissor, já que acredita que essas consequências serão intensificadas. Talvez Tião apresente uma descrença no futuro por ter uma ideia idealizada do passado rural.

4.2-MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

No sétimo e último ponto analisamos as mudanças e as permanências de perspectiva em relação ao progresso, após a experiência com o filme. No primeiro discurso os alunos se orientaram a partir de representações históricas dominantes e correntes sobre o tempo. Após a experiência com a narrativa cinematográfica, a mera afirmação tradicional não bastou para assegurar a função de orientação prática. Na segunda narrativa houve uma ruptura das representações habituais do processo do tempo, sobretudo da visão positivista da tecnologia e da unilinearidade do progresso. A experiência narrativa do filme acarretou, todavia, uma mudança na reflexão dos alunos acerca da experiência do tempo em relação aos processos de trabalho. Os discursos dos alunos caminharam de consciência histórica tradicional para elementos de uma consciência histórica crítica.

4.2.1-O Progresso Como Motor Da História

Apesar dos alunos assumirem em seus discursos uma perspectiva crítica em relação ao progresso técnico e científico, ele ainda é o motor que move o tempo. No segundo relato os alunos ainda entendem o desenvolvimento tecnológico como o principal fator de mudança histórica nos processos de trabalho. Ele é o catalisador das mudanças ocorridas nos processos de trabalho e da vida prática. Contudo alguns alunos apontam fatos históricos concretos para fundamentar as suas construções discursivas como a Revolução Industrial e a implementação do sistema capitalista.

A revolução industrial e suas consequências ao mercado de trabalho como um todo iniciou-se nos limites do território inglês (SR. MILTON, 2ª Narrativa)

No segundo relato, “Mais Valia”, Sr. Milton parte de uma perspectiva histórica para falar sobre o trabalho. Ele não trata mais de um passado abstrato, mas da implementação de uma sociedade industrial. Além do advento da Revolução Industrial, ele também atribui à instauração do sistema capitalista, sobretudo, da mais valia, como um fato histórico concreto no processo de transformação do mundo do trabalho. Agora há um contexto, e fatos específicos. Neste ponto de vista, a ideia de progresso no discurso de Sr. Milton está fundada principalmente na ideia de industrialização. Após a experiência com o filme, a concepção de progresso é modificada como representação da industrialização. Nesta perspectiva o filme, mesmo não fazendo uma alusão direta à Revolução Industrial, mobilizou uma consistência

histórica em Sr. Milton.

4.2.2-A Tecnologia Como Poder

Algumas construções discursivas ainda expressam a tecnologia como poder. A dominação tecnológica sobre o indivíduo se manifesta desde a relação de dependência que este estabelece com a tecnologia até a total dominação da máquina. A influência da tecnologia no agir dos indivíduos é uma das análises que está presente na narrativa cinematográfica, mas que foi antecipada por alguns alunos.

O meu pai tinha a fazenda ainda tem, mas ninguém mais quer morar em fazenda nas roças, eu gosto de ir lá pra passear não pra morar, porque depende de muita coisa da cidade trabalho e médico principalmente. (IRENE, 2ª Narrativa)

O discurso de Irene reforça a ideia da dominação do ser humano pela tecnologia. Irene não viveria mais no espaço rural por acreditar que as pessoas ficaram dependentes da cidade e da tecnologia. Principalmente da medicina, que Irene apontou como o principal fator da migração da sua família para a cidade. Por este ponto, o indivíduo estabelece uma relação de controle e dependência com a tecnologia. Por mais que Irene seja crítica ao desenvolvimento tecnológico no presente, ela acredita que hoje era melhor que no passado, na vida nos campos. Ela acredita nisso, talvez, pela própria relação de dependência que as pessoas têm com a tecnologia hoje. A tecnologia passou a ser componente significativo da sociedade.

O discurso de Luíza também reforça a ideia de uma sociedade tomada pela máquina, onde não mais será necessária a presença humana nos processos de trabalho. Se antes o indivíduo era uma extensão da máquina, este agora corre o risco de ser totalmente dispensável.

As coisas ficaram mais modernas, hoje **está tudo informatizado**, se continuar informatizando tudo daqui pouco ninguém trabalha só aperta botão. Acho que nem de trabalhador vai precisar estão inventando robô (Luíza, 2ª narrativa).

Luíza vê o desenvolvimento tecnológico como uma ameaça para o trabalho humano. Ela acredita que a máquina pode vir a substituir permanentemente o trabalho humano. Essa questão posta por Luíza é bastante válida e atual. Hoje se discute quais serão os efeitos da inteligência artificial no trabalho. Muitos trabalhos, que hoje, supomos que apenas o ser

humano pode fazer daqui alguns anos, computadores com inteligência artificial já vão conseguir fazer. Ao menos, é o que se espera. A tecnologia talvez tire a necessidade da existência do trabalho humano.

4.2.3-A Extensão Da Tecnologia

O poder da tecnologia ainda se expressa na sua extensão. A lógica da tecnologia estendeu-se em quase em todas as esferas da vida e da existência humana, principalmente no que se refere computação eletrônica e a cibernética, isto é, a dominação digital.

Hoje graças a tecnologia existem maquinários para quase tudo. (IZABEL, 2ª Narrativa)

Ao usar a expressão “**para quase tudo**”, Izabel ressalta o poder de extensão da tecnologia por meio da inserção da máquina em quase em todas as esferas da vida prática. Vivemos num contexto em que a tecnologia representa o modo de vida da sociedade atual. Apesar dos avanços tecnológicos em quase todas as esferas da vida prática, este, na visão de Luíza, ainda não cruzou a fronteira do trabalho doméstico.

Acho que a única coisa que a máquina não substitui é o serviço doméstico. (LUIZA, 2ª Narrativa)

Ao afirmar que o único trabalho que a máquina não substitui é o doméstico, talvez esta aluna esteja fazendo uma alusão ao próprio trabalho, que na prática continua sendo um fardo. Três vezes por semana Luíza trabalha como diarista. A narrativa de Luíza aparece como uma contraposição à ideia do poder de extensão da tecnologia. Ela afirma a extensão ao mesmo tempo em que afirma a sua identidade como lugar de resistência a esse espaço.

4.2.3-Positivização da tecnologia

No imaginário coletivo destes alunos, a tecnologia é assumida como um bem social. A noção de progresso presente nas narrativas, apesar de o seu teor mais crítico, ainda dá a ideia de que a vida se move em direção a uma sociedade melhor. A humanidade ainda trilha um caminho ascendente por meio do progresso. Nesta concepção, os alunos continuam interpretando a experiência da vida prática no passado no ambiente rural e da vida prática no presente no ambiente urbano a partir da tradicional concepção do ambiente urbano como o

locus do progresso e da modernidade, marcado pelas transformações tecnológicas, do saber, do conhecimento, das facilidades e melhorias na vida prática, e o ambiente rural como um lugar de atraso, sofrimento e do trabalho braçal.

A positivação da tecnologia ainda se manifesta na supressão da atividade laboral do trabalho. O desenvolvimento tecnológico permanece nos discursos como um fator que melhorou a realização da atividade do trabalho, o tornando menos pesado para o trabalhador. E além da supressão da atividade laboral, a positivação da tecnologia se manifesta em outros aspectos não mencionados anteriormente, como a facilidade do acesso ao alimento.

Hoje compramos tudo, na minha época de criança, dos meus pais e avós, na roça se a gente quer um pão tinha que fazer, meu pai fazia a farinha, a gente plantava quase tudo o trabalho de plantar, colher e produzir era muito mais difícil do que ir só ao mercado e comprar. (IRENE, 2ª Narrativa)

O trabalho no passado se definia pela relação com a terra, por meio da qual os indivíduos mantinham a sua subsistência. O comércio não era algo muito desenvolvido na zona rural, tudo era feito manualmente. Tudo era produzido, como diz Irene “*se a gente quer um pão tinha que fazer, meu pai fazia a farinha*”. O processo de produção passava pelo plantio e depois pela colheita, esse processo para Irene, plantar, colher, produzir e comer, era muito difícil, quando comparado com o presente, onde as pessoas simplesmente compram seus alimentos. Hoje, basta ir a um mercado, a uma feira para obter o alimento, sem precisar passar pelo processo do plantio, da colheita e produção. Nesse aspecto a tecnologia para esta aluna facilitou o acesso ao alimento. As famílias têm a possibilidade de dispô-los em suas casas sem muito esforço. Se no passado, os alimentos eram regradados devido à dificuldade de acesso, hoje, devido ao processo de industrialização, da produção em larga escala, há uma fartura de alimentos, de todos os tipos e variedades. Basta ir ao supermercado ou feira mais próxima.

4.2.4-Negativação Da Tecnologia

Inicialmente o desenvolvimento tecnológico foi valorizado positivamente por ser considerado a alavanca do progresso e de melhorias do trabalho no seu sentido material e não abstrato. Apesar da positivação da tecnologia nos processos de trabalho, alguns alunos não compraram totalmente a ideia de que por meio do progresso a atividade do trabalho e a vida prática se tornaram melhores. Há uma negação deste ideal de progresso. Na segunda narrativa

eles fazem uma avaliação crítica sobre o progresso. Mas, ele ainda é o principal fator de mudança temporal.

Se antes os alunos centraram os seus discursos na atividade física real do trabalhador, agora eles também julgam as relações sociais do trabalho. E foi exatamente a experiência da narrativa cinematográfica que levou os alunos a apresentarem em seus discursos um debate sobre as relações sociais do trabalho.

4.2.4.1-Exploração E Desvalorização Do Trabalho Humano

Um dos aspectos negativos levantados pelos alunos sobre o desenvolvimento tecnológico é a desvalorização e exploração do trabalho humano. A automação do trabalho, para alguns alunos, não se fez para auxiliar a condição humana, e nem amenizar a atividade física do trabalho. O desenvolvimento da técnica potencializou a exploração dos indivíduos pelo trabalho. A lógica da nossa sociedade permanece na concepção de exploração do trabalho humano.

[...] desvalorizando o trabalho humano desde o mais humilde trabalhador ao trabalho diferenciado do artesão. Que por meio de suas próprias mãos criou obras de arte sem iguais. (SR. MÍLTON, 2ª Narrativa)

Além de atribuir à Revolução Industrial e ao sistema capitalista as causas das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, Sr. Milton também utiliza destes eventos para justificar um problema enfrentado no presente, que é desvalorização do trabalho humano, sobre tudo o trabalho artesão. A desvalorização do trabalho humano está posta por Sr. Milton como uma desvalorização do trabalho como uma forma de criação. A expressão “**obra de arte**” conota uma prática criadora do trabalho humano. Ao falar do trabalho artesão ele também está se contrapondo ao modelo de produção de trabalho das relações capitalistas, isto é, o trabalho mecanizado. A mecanização do trabalho tirou a essência do trabalhador, do ser humano, que é justamente a sua relação com a natureza, a sua atividade criadora. A exaltação do trabalho artesanal supõe uma crítica ao trabalho como mão de obra e uma valorização do trabalho como criação humana.

Além de desvalorizado o trabalho também é explorado, como disse Izabel.

E ainda há muita exploração de mão de obra em nosso país. Uma remuneração salarial que talvez não seja justa, pelo tipo de serviço a ser executado, cargas horárias puxadas em algumas empresas. Talvez se

tivéssemos bons governantes as coisas seriam melhores. Por exemplo menos impostos, uma saúde e educação digna, isso nos ajudaria a ter uma condição de vida melhor. Teríamos mais prazer em trabalhar, pois tudo isso nos daria estímulo para ir a luta. (IZABEL, 2ª Narrativa)

A exploração do trabalhador, para Izabel, reflete nos baixos salários e nas longas jornadas de trabalho. Contudo, ela não culpa apenas o desenvolvimento tecnológico pelos problemas acarretados na vida prática do indivíduo na atualidade, mas também o Estado. O Governo para Izabel é conveniente com a exploração e com as péssimas condições de vida do trabalhador. Neste ponto, ao atribuir parte da culpa ao Estado, a tecnologia em si, não é ruim, mas sim a lógica que a sustenta. O termo **ir a luta**, apesar de todo o progresso, ainda reforça a ideia do trabalho como um fardo na nossa sociedade.

Além do progresso e do Estado, os donos do capital também recebem uma carga de culpa na exploração do trabalhador. No processo de produção o que mais se desgasta é a mão de obra humana, e quanto mais desgastada, mais lucro a empresa e/ou o patrão têm.

Então a primeira tecla a bater seria, os diretores das grandes e mesmo pequenas empresas, o que fazem é inadmissível, não podemos ser sensacionalistas, mas é a triste realidade, enquanto estão dentro dos seus escritórios no ar-condicionado, sem nem uma preocupação, exceto o dinheiro. O que fazem é só cobrar os funcionários as vezes com condições de trabalho bem precárias. (FERNANDO, 2ª narrativa)

Ao visar o próprio lucro, como enfatiza Fernando, os donos das grandes e pequenas empresas impõem um ritmo de trabalho muito maior que o trabalhador consegue realizar, e muitas vezes em condições indignas de trabalho. A exploração do trabalhador em detrimento do lucro do patrão foi uma questão abordada na narrativa de Tempos Modernos. O presidente da usina, na qual Carlitos é funcionário, por meio de uma espécie de monitor, controla e dita o ritmo da produção, sempre potencializando esta por meio de suas palavras de ordem: “mais velocidade”. Carlitos se torna uma vítima do intenso processo de produção da fábrica e sofre as neuroses de um trabalho mecânico que se limita a apertar os parafusos das peças que correm em alta velocidade na esteira, que aumenta sua intensidade de acordo com as ordens do presidente. Neste aspecto a narrativa cinematográfica mobilizou uma consciência histórica crítica em Fernando em relação ao processo de produção.

4.2.4.2-Interferência Nos Princípios Dos valores Humanos

No discurso destes jovens e adultos estudantes, o processo de modernização,

mecanização e da instauração do sistema capitalista na nossa sociedade não só acarretou mudanças profundas no sistema de produção, trazendo graves consequências para o trabalhador, como também interveio nos princípios dos valores humanos.

O trabalho definido pelo sistema capitalista que é “o preço da mão de obra” interfere não só no cotidiano do indivíduo mas interfere nos princípios dos valores humanos. No momento em que o indivíduo sofre interferência no seu princípio de valores humanos pelo sistema capitalista o indivíduo desencadeia um processo em que somente o valor dinheiro salário fundamenta seus movimentos em busca de atender as suas necessidades e realizar-se gerando valores humanos negativos. (CARLOS, 2ª Narrativa)

Para Carlos o trabalho dentro do sistema capitalista é definido pelo seu preço, isto é, pelo valor que vale a mão de obra. E isto, para este aluno, trata-se de um valor humano negativo. Pautar o trabalho pelo valor que se paga por este, trata-se de um reducionismo do trabalho. Dentro do sistema capitalista o trabalho é reduzido apenas ao preço que ele vale. Essa definição de trabalho para Carlos vai contra os valores humanos, porque desumaniza o trabalhador. E a partir do momento que o sistema capitalista interfere no princípio dos valores humanos, desencadeia um processo em que somente o valor do dinheiro, o salário, fundamenta os movimentos dos indivíduos na busca de atender suas necessidades, que na atualidade estão relacionadas ao acesso a bens materiais, gerando valores humanos negativos. O trabalhador se sente realizado ao atender suas necessidades, motivadas pelo salário que recebe ao final do mês. Há uma retirada do valor positivo do trabalho. O trabalho no seu sentido positivo para Carlos se trata da concepção criadora. O discurso de Carlos, assim como do Sr. Milton, faz um contraponto entre o trabalho como uma forma de criação e o trabalho como uma atividade compulsiva e alienada. O trabalho nessa acepção necessita ter um sentido e não restringir a um meio de acesso a bens materiais.

4.2.4.3-A Substituição Do Trabalhador Pela Tecnologia

O medo de ter o trabalho substituído por uma máquina ainda é um fato que assombra os indivíduos trabalhadores desta pesquisa. Estes alunos acreditam que o aumento do uso da tecnologia nos meios produtivos acarretou na exclusão da mão de obra. Um dos maiores impactos da tecnologia na atividade do trabalho será o desemprego. A rápida automação está levando a uma era de empresas sem trabalhadores. Se no discurso anterior João via este processo como positivo para o empregador, agora ele apresenta uma preocupação em relação ao empregado.

[...] as mudanças de condição de trabalho, e os avanços tecnológicos, mostrando o serviço braçal, sendo substituído por maquinários, máquinas avançadas, sendo capaz de substituir centenas de trabalhadores (João, 2ª Narrativa)

No entanto, ele aborda esta questão tendo em perspectiva o filme. Quando João aborda esta questão está apresentando uma leitura do filme. Quando diz: “**mostrando o serviço braçal...**” ele está se reportando diretamente ao filme. Ele usa a narrativa cinematográfica para abordar esta questão.

4.2.4.4-A Desumanização Do Trabalhador

Com a implementação das máquinas nos processos de trabalho houve uma divisão de tarefas e uma hierarquização das funções. O trabalhador executa a sua função de acordo com a necessidade da máquina. Como aponta Martins (2008, p.171), o trabalhador não tinha mais consciência do seu trabalho, não pensava nos processos de execução, a ele cabia “apenas reagir interpretativamente aos movimentos que o ritmo do processo de trabalho impunha ao seu corpo”. Transformando assim o processo de trabalho mecanizado. E uma das consequências deste processo, levantada por Sr. Milton, é a desumanização do trabalhador.

Charles Chaplin ao satirizar a dinâmica dos trabalhadores de uma grande fábrica mostrou o ser humano contra a máquina em uma competição desumana e desigual levando o homem trabalhador a exaustão sem tempo sequer para respirar ao fazer movimentos repetitivos transformando-o também em máquina[...] Desta forma Chaplin se fez contemporâneo aos sofridos trabalhadores de hoje. (SR. MILTON, 2ª Narrativa)

O trabalhador ficou submetido à máquina, quando não dominado por ela. Se antes as ferramentas, como enxada, eram praticamente um prolongamento do corpo humano, na realização do seu trabalho, com a implementação de uma sociedade industrial, segundo Sr. Milton, o corpo humano se tornou uma extensão da máquina, “*transformando-o também em máquina*”. Assim o trabalhador seria apenas uma parte da máquina. O processo de mecanização da atividade do trabalho, para Sr. Milton, é um processo de objetificação ou da retração da humanidade do trabalhador.

Durante uma cena de Tempos Modernos, Carlitos é engolido pela máquina. Esta cena é uma das mais clássicas e simbólicas do longa-metragem. Conhecida como o “homem como engrenagem”, esta cena representa o homem/operário como uma parte da máquina, como uma ferramenta e/ou homem engolido pelo sistema de máquinas. Carlitos perde a sua humanidade

se torna parte da máquina.

Influenciado pelo filme, Sr. Milton parte de uma análise de Tempos Modernos para falar sobre o trabalho. Ele usa um problema apresentado por Chaplin, as condições de trabalho em uma usina, para falar sobre a vida prática e o trabalho de uma forma geral. Apesar de se tratar de uma obra fictícia, e de uma época diferente, a situação representada, para Sr. Milton, pode facilmente ser transportada para a realidade atual.

4.2.4.5-Qualidade De Vida

A qualidade de vida ainda é um aspecto citado pelos alunos como um elemento negativo do processo de transformação tecnológica. Os problemas desencadeados na qualidade de vida do trabalhador se mantêm nas construções discursivas dos alunos, além dos problemas levantados anteriormente como o sedentarismo e a saúde mental, os alunos citam outros aspetos deste ponto, como a má alimentação, a LER e a invalidez.

[...] a alimentação piorou bastante hoje cada vez mais pessoas mais jovens estão doente por causa da comida da cidade, tudo ficou mecânico, o que importa é a quantidade e não a qualidade do alimento. Esse é um dos maus da industrialização hoje. (IRENE, 2ª narrativa)

Com a abundância de alimentos, também vieram as doenças, como afirmou Irene. Na roça, apesar da dificuldade de se obter o alimento, a comida era melhor, as pessoas não adoeciam tanto por causa da alimentação como hoje. Irene atribui a má qualidade dos alimentos no presente, à industrialização da alimentação.

Outro efeito do processo de industrialização, mecanização do trabalho e o aumento da produtividade apontado nas narrativas, é o intenso desgaste do trabalhador, que aumenta o risco de acidentes de trabalho e o desenvolvimento de doenças.

Isto é o efeito da maldita “mais Valia” que suga o pobre do trabalhador e que ao minar a sua condição física está a provocar acidentes de trabalho desde os causados pelos movimentos repetitivos “ler” aos inúmeros membros amputados nos mais variados acidentes que deixa o trabalhador desativado. (SR. MILTON, 2ª narrativa)

Milton responsabiliza a mais-valia pela exploração do trabalhador. A mais-valia é o que fundamenta o sistema capitalista. O trabalhador, ao dispende a sua força de trabalho no processo de produção, realiza um trabalho maior do que lhe é pago. É no aumento da jornada de trabalho que a mais-valia se constitui. O trabalhador trabalha mais que o necessário para

pagar a sua força de trabalho, o tempo extra é apropriado pelo capitalista. E nesse trabalho extra, o trabalhador tem suas condições físicas minadas, o que pode acometer em acidente de trabalho, levando o trabalhador à invalidez, ou ao desenvolvimento de doenças como a LER.

Além do bem-estar físico do trabalhador, a saúde mental também aparece como uma preocupação dos alunos mediante a exploração do trabalhador.

O trabalhador as vezes têm carga horária tão excessiva que acaba entrando em estado de stress, pois trazem problemas de casa por conta de tudo que já passam no trabalho. (FERNANDO, 2ª Narrativa)

O trabalho excessivo para Fernando acarreta estresse aos trabalhadores. A sobrecarga no ambiente de trabalho, aliada aos problemas individuais, como os familiares, acarretam em manifestações e sintomas de doença no indivíduo.

A tecnologia foi criada para melhorar a vida das pessoas, contudo, essas ainda sofrem, adoecem, estão insatisfeita com o seu trabalho. Com as melhorias nas condições do trabalho braçal, era esperada uma diminuição no esforço físico, da fadiga, até mesmo da diminuição do trabalho, contudo, o que houve foi um aumento das jornadas de trabalho, o trabalho tornou-se mais exigente, a pressão sobre o trabalhador também cresceu, e isso tem repercutido diretamente na saúde do trabalhador, no bem-estar físico, mental e emocional. Os problemas desencadeados na qualidade de vida do trabalhador é uma questão que quase não apareceu nos primeiros relatos, com exceção da narrativa de Izabel e Irene. Na segunda narrativa além destas alunas, esta questão também é abordada nos relatos de Fernando e Sr. Milton. De alguma forma os alunos foram despertados para esta questão no segundo relato.

O personagem de Chaplin, Carlitos, após ser infundido em um ritmo acelerado de produção, sobre a constante ordem do presidente da fábrica, “mais velocidade”, e sobre a vigilância de um supervisor, acaba sofrendo as neuroses do trabalho mecânico. Carlitos não aguenta a pressão e tem uma crise nervosa, acabando assim por ser internado em um hospital. Nesse ponto, Chaplin chama a atenção para o problema do desequilíbrio mental do trabalhador no ambiente de trabalho fabril. Portanto, podemos dizer de certa forma que o filme corroborou para a discussão dos problemas de saúde enfrentados pelos trabalhadores. Apesar das discussões nos relatos dos alunos terem tomados proporções maiores do que a dá representada no filme.

4.2.5 Perspectiva De Futuro

Podemos dizer que, de certa forma, houve uma presentificação dos discursos após a experiência com o filme. Quase não há menções sobre o futuro na segunda narrativa, e quando essas aparecem, elas se mantêm em um otimismo em face ao progresso, porém com algumas ressalvas, e uma falta de perspectiva perante o progresso.

O filme alimenta uma esperança mediante as contingências da vida, da dificuldade de Carlitos e a Garota de conseguirem um emprego e de se ajustarem aos novos tempos. Essa mesma esperança não encontramos na maioria das narrativas dos alunos, que não apresentam uma perspectiva de futuro. A experiência passada dos alunos, como também a experiência atual, exerce forte influência em suas perspectivas futuras, e o espaço da expectativa foi suprimido pela experiência.

4.3-CONCEPÇÃO CRISTÃ DO SER

Além da ideia de progresso como a possível causa e explicação das transformações dos processos de trabalho e da própria vida prática, estes jovens e adultos estudantes também partem da perspectiva religiosa cristã como uma possível explicação. A experiência religiosa cristã do ser humano e do mundo se trata de consciência histórica do tipo tradicional.

4.3.1-O Trabalho Como Castigo Divino e Salvação

Alguns alunos partem da concepção religiosa do pecado original para constituir sentido à experiência do trabalho na vida prática. Essa narrativa mítica religiosa sobre as origens é usada para justificar o sofrimento, a mortalidade e, sobretudo, o trabalho.

Na história da humanidade sobre o trabalho a pessoa o recebera como castigo. (CARLOS, 1ª Narrativa)

Ao tratar sobre o trabalho, Carlos parte de uma concepção religiosa de castigo, para justificar a existência desta atividade. Não foi assim que Adão e Eva, expulsos do paraíso, foram condenados a uma vida de trabalho? Depois de pecar o homem foi condenado a “extrair o seu sustento do suor, do cansaço, do labor de seu trabalho” (GÊNESIS, 3,17). Nesta perspectiva o trabalho é visto como resultado de um castigo divino aos seres humanos, e é desta concepção que o trabalho tirou o seu sentido de sofrimento, martírio.

Ivone também parte da concepção religiosa de castigo para justificar o trabalho na vida prática. Contudo, na atualidade o trabalho, na visão desta aluna, perdeu a sua conotação

negativa de castigo e tornou-se um meio do ser humano alcançar “a salvação divina”, de se redimir do pecado original.

Depois de pecar Adão e Eva foram expulsos do Éden, para poder sobreviver foram condenados a uma vida de trabalho. Assim o trabalho surgiu na vida do ser humano como um castigo. Hoje está mudado o trabalho não é mais como castigo mas um meio de nos redimir. (IVONE, 1ª Narrativa)

Nesta perspectiva o trabalho é visto como símbolo de redenção e libertação do ser humano. O trabalho é necessário para a redenção do pecado. Ivone apresenta uma visão valorativa do trabalho. O trabalho passa a ocupar lugar de destaque e valor na sociedade. Com a Reforma Protestante a visão punitiva foi transformada em salvação, o trabalho passou a ser visto como uma forma de realizar a vontade de Deus. Trata-se de uma perspectiva que atribui ao trabalho um valor dignificante.

4.3.2. Ideal De Paraíso

Alguns alunos partem da ideia de paraíso como explicação da existência humana. A ideia de paraíso, nas narrativas dos alunos, reforça a ideia da queda, e do castigo divino. A narrativa de Ivone é um claro exemplo desta concepção.

Na história da humanidade Deus criou o homem e este vivia em harmonia com a natureza e todos os seres no Éden. (IVONE, 1ª Narrativa)

A concepção do Paraíso, como uma terra enriquecida, cheia de recursos, como um lugar encantado, de pureza e de felicidade eterna é frequentemente evocada, na concepção cristã como um elo dos seres humanos com deus. E que é frequente relacionado ao reino celeste. A mesma percepção de uma terra idílica, onde os seres humanos viviam em harmonia com a natureza, encontramos na narrativa de Sr. Milton.

Na vida cotidiana no passado distante, o homem sobrevivia principalmente na casa abundante onde ele morava. Com o passar do tempo, as opções de caça foram diminuindo, o homem passou então a andar longas distâncias para conseguir a caça. Em seguida passou a cultivar o alimento, vegetais, assim como criar o animal e ser abatido para conseguir o alimento onde quer que ele estivesse. (SR. MILTON, 1ª Narrativa)

Ao falar sobre vida e trabalho no passado, Sr. Milton fala de um passado longínquo, de

um passado primitivo. Os seres humanos dispunham de uma abundância de alimentos que os levaram a se fixarem em uma localidade. A palavra abundância conota uma concepção idílica, ou mesmo religiosa do passado. A literatura cristã faz uso da palavra “abundância” para falar de uma terra rica em recursos, onde os seres humanos tiravam tudo o que lhes era necessário. Na visão de Sr. Milton, no passado, o homem dispunha de uma infinidade de recursos da natureza que o permitia viver tranquilamente em um local. Com o passar dos anos a terra já não era mais abundante, as opções de alimentos, como a caça, foram diminuindo. Houve uma mudança que levou os seres humanos a se deslocarem de um lugar a outro em busca de recursos. Esta parte do discurso do Sr. Milton se assemelha a narrativa cristã da queda do ser humano ao ser expulso do paraíso, que passou a ter que trabalhar para o seu sustento.

4.3.3-O Trabalho Como Dádiva de Deus

Se para alguns o trabalho é sinônimo de punição, castigo, para outros se trata de uma dádiva de deus aos seres humanos. A concepção do trabalho como dádiva rompe com a perspectiva do castigo divino e se aproxima mais da ideia de redenção do ser humano.

O Trabalho é uma dádiva de Deus em minha vida, pois desde de criança ele já faz parte da minha rotina diária. Não um serviço formal, mas já ajudava meu/s pais nos afazeres domésticos. E isso não me diminuiu em nada, pelo contrário, me ajudou e muito. Hoje sou uma pessoa que sabe fazer as coisas, tenho iniciativa e quando quero algo vou a luta, pois aprendi que com fé e o trabalho nada e ninguém pode nos barrar. (IZABEL, 1ª narrativa)

Ao dizer que o trabalho é uma dádiva de Deus, Izabel parte de uma perspectiva religiosa para explicar o trabalho. A compreensão do trabalho como uma dádiva de deus se aproxima da compreensão do trabalho como dignidade.

4.3.4-A Vontade Divina

Apesar de estes alunos alimentarem uma esperança do futuro por meio do progresso, este futuro só será real mediante a vontade divina. O futuro só pode ser afirmado na fé, onde Deus é experienciado como aquele que acompanha o indivíduo. O destino dos seres humanos está na mão de Deus.

Futuramente acho que 60% será somente máquinas que irá fazer o serviço, mas o futuro a Deus pertence e não tem como decifrar (JÚLIO, 1ª Narrativa)

Apesar de fazer uma projeção para o futuro, para Júlio este não pode ser predizível, não há experiência capaz de direcionar o tempo que está por vir, porque o futuro a Deus pertence. Apesar da crença no futuro pelo viés tecnológico é Deus quem tem o controle do tempo. A mesma ideia está presente nos discurso de Ivone e outros

O trabalho no futuro dos meus netos e bisnetos se Deus quiser será diferente e melhor creio eu com avanço da tecnologia. (IVONE, 1ª Narrativa)

Estes alunos submetem o desenvolvimento tecnológico à autoridade divina. Isto é, a ciência está submetida à religião. Então, para estes jovens e adultos o futuro será melhor, devido ao constante avanço tecnológico, apenas se deus permitir.

4.3.5-Trabalho E Lazer

Com a transformação do conceito do trabalho, novos valores sociais são ditados. Outros valores passam a determinar a vida prática e o trabalho. O trabalho tornou-se uma atividade central que ocupa quase todo o espaço da vida do trabalhador, na medida em que este passa a maior parte do seu tempo se dedicando a esta atividade. O trabalho interfere diretamente na utilização do tempo dos trabalhadores. Para o indivíduo da sociedade contemporânea, o tempo livre inexistente ou é escasso. A quantidade e as formas de lazer devem ser monitoradas para não interferir.

O gasto que o trabalho usa da nossa vida, atrapalha muito, pois muitas vezes, não sobra tempo para diversão e responsabilidades como estudar. (GUSTAVO, 1ª Narrativa)

Gustavo foi o único aluno a colocar a diversão em questão em sua narrativa. Esta dimensão foi praticamente esquecida pelos alunos. Gustavo é um dos indivíduos mais jovem que participou desta pesquisa, ele tem 19 anos. Ele é um jovem que está vivendo justamente um período da sua vida em que as pessoas da sua idade estão saindo, se divertindo e o trabalho é um empecilho no seu momento de lazer, inclusive nos estudos. O discurso de Gustavo é um contraponto à perspectiva religiosa do trabalho.

Com a valorização do trabalho, inclusive pela religião, quase não há espaço para o tempo livre. A distribuição que o indivíduo faz do seu tempo reflete a importância que atribui

a certos valores em sua vida. E o trabalho aparece como um fator significativo nesta divisão. Ficando assim as demais atividades em segundo plano. A ética cristã do trabalho é do sacrifício, por este ponto de vista, o lazer, a diversão não é digna. A etimologia da palavra “lazer” vem de *Licere*, do latim, que significa aquilo que é lícito ou permitido. O lazer seria tudo aquilo que a Igreja permitisse. Nesta lógica todas as práticas de lazer não permitidas são passíveis de condenação. Segundo Bacal (2003), o protestantismo pregava a dedicação integral ao trabalho, não via com bons olhos os prazeres pessoais, as tentações, e condenava a prática da vadiagem e da preguiça, sendo estas últimas consideradas pecados capitais. O trabalho dignifica o indivíduo. A diversão não.

4.4-O FANTASMA DA ESCRAVIDÃO

Em seus discursos os alunos destacam os avanços técnicos na atualidade, o desenvolvimento econômico e as melhorias nos processos de trabalho e na vida prática. Contudo, há um fantasma que assombra o trabalhador: a escravidão. A escravidão se apresenta nos discursos destes alunos como um trauma histórico por um acontecimento que não viveram, mas que marcou a história coletiva. A escravidão assombra, a todo o momento, não só o espaço do trabalhador, mas também o espaço da experiência coletiva.

A escravidão, dentro do sistema legal brasileiro, encontrou o seu fecho com a promulgação da Lei Áurea em 1888. Porém, ela é uma forte referência nas narrativas dos alunos, seja nas referências discursivas alusivas a relação do trabalho e vida prática no passado, seja no presente, ou em suas projeções futuras. Em seus discursos os alunos fazem uma interpretação da escravidão da experiência do passado e a relacionam à experiência atual, e a partir destas projetam um futuro tendo a escravidão como principal elemento. A questão da escravidão é algo que perpassa o tempo. Embora os alunos percebam mudanças nesta forma de escravidão, ela está ali, sempre presente. Apenas mudou de forma. A escravidão produziu marcas tão profundas na nossa sociedade que ela não é apenas um trauma social no passado brasileiro, ela é um trauma atual. O trabalho ainda é uma prática afetada pelo impacto que a escravidão teve na nossa sociedade.

4.4.1. A Escravidão No Passado

Ao tratar sobre o trabalho e a vida prática no passado, estes alunos são arremetidos à experiência da escravidão. A escravidão como um termo usado por eles para se referir ao

trabalho livre dos tempos passados, e a escravidão como escravidão histórica, na forma de sistema.

O trabalho escravo não era remunerado, eles apanhavam para trabalhar comia o que sobrava não tinham direito de comer nem o que plantavam muitos eram espancados no tronco até a morte. Eles trabalhavam nas casas grandes eram obrigados a fazer tudo. Começou pelos índios mas eles foram mais esperto e caíram fora.(ANA, 1ª Narrativa)

Ao tratar do trabalho escravo no passado, Ana se reporta a escravidão negra e indígena no Brasil, com maior destaque para a primeira. Ana elabora seu discurso apresentando a experiência do trabalho escravo no passado com foco nas dificuldades enfrentadas pela população negra no período escravocrata. Ela apresenta como característica do trabalho escravo a não remuneração, as punições físicas e a punição com a morte. Quanto à escravidão indígena, a narrativa de Ana reproduz o estereótipo criado em torno da figura indígena como um indivíduo preguiçoso. Existe um discurso muito corrente de que os indígenas não foram sistematicamente escravizados por não serem dados ao trabalho. Ana foi a única aluna que citou a escravidão indígena. Parece haver uma falta de consciência histórica quanto à escravidão indígena por parte destes alunos.

Ao falarem da escravidão como sistema, os alunos enfatizam o caráter de opressão da experiência negra no Brasil. O trabalho apresenta nestas condições um caráter obrigatório e compulsório. Se o escravo contrariasse a vontade de seu senhor, era submetido a castigos físicos ou mesmo morto, como afirmou Lucas.

O trabalho vem passando por várias transformações desde a época dos escravos, quando eles eram obrigados a trabalhar para ficarem vivos. (LUCAS, 1ª Narrativa)

Os alunos também apresentam em seus discursos uma ideia de escravidão no passado não relacionada à experiência negra no Brasil colonial. O trabalho livre, ao explorar a mão de obra, também é escravizador.

Hoje em dia o trabalho não é escravizado como antigamente, antes você trabalhava muito e ganhava pouco, hoje a jornada de emprego diminuiu e o salário aumentou um pouco. (JÚLIO, 1ª Narrativa)

As longas jornadas de trabalho e a má remuneração estão diretamente relacionadas ao trabalho escravo para Júlio. Simone também levanta como uma prática do trabalho escravo no

passado a não remuneração e as longas jornadas de trabalho, e culpa as indústrias pela condição de escravo do trabalhador.

Hoje estamos vivendo uma época de muitas dificuldade no mercado de trabalho, mas antigamente era muito pior que hoje, as pessoas trabalhavam muito e não tinham remuneração e por causa disso eram escravizadas e era uma pobreza muito grande as indústrias não estavam nem aí para seus funcionários. (SIMONE, 2ª Narrativa)

Simone faz uma leitura do trabalho, de um modo geral, a partir do trabalho nas grandes indústrias. Ela usa da representação narrativa de Tempos Modernos para falar sobre o trabalho. Ela apresenta uma interpretação da exploração do trabalhador pelo viés da escravidão. A exploração do trabalhador pelo trabalho é interpretada nas narrativas a partir da experiência da escravidão. Maria também constrói o seu discurso sobre a exploração da atividade do trabalho pelo viés da escravidão.

Quando eu era criança ouvia meus pais falar fulano trabalhou igual a um escravo, eles dizem isso depois de alguns séculos, eu imagino que até o que está escrito nos livros de história não chega perto de tanto sofrimento daqueles povos. (MARIA, 2ª Narrativa)

Esta aluna tem consciência que a escravidão acabou no Brasil a um bom tempo, mas, mesmo assim, ela ainda é relacionada com a realização do trabalho na época de sua infância, que trata de um passado bastante recente. No passado, na sua infância, os pais de Maria relacionavam o trabalho realizado por alguém ao trabalho escravo. O que a expressão “trabalhou igual a um escravo” significa? Normalmente esta expressão é vulgarmente usada para se referir a uma pessoa que teve uma longa jornada de trabalho, um trabalho extenuante e extensivo. Na perspectiva dos pais de Maria, o excesso de trabalho está relacionado ao trabalho escravo. Para Maria os livros de história não dão conta da vida, o sofrimento é, para ela, algo inarrável. As narrativas dos livros didáticos não conseguem captar a complexidade deste sofrimento que foi a escravidão.

4.4.2-A Escravidão No Presente

Assim como o passado, o presente também remete estes alunos à escravidão. A escravidão no presente manifesta nos discursos está vinculada à construção de escravidão no passado. O passado narrado em seus eventos é construído para justificar o que eles

denominam de escravidão moderna no presente. Os alunos apresentam uma narrativa sobre o ideal de escravidão que unifica passado e presente.

Eu creio que por falta de conhecimento os trabalhadores do passado, como até hoje, ainda como a maioria dos trabalhadores não se informam, o trabalho continua como uma mão de obra escravizada. No passado quando os escravos não descem conta de realizar o trabalho eles eram chicoteados, mau tratados, mau alimentados. E no pleno século XXI ainda vivemos essa realidade como por exemplo, quando um funcionário é contratado e não dá conta do serviço é mandado embora, porque hoje não pode bater, se pudesse batiam. Mas aqueles que ficaram vai ser escravo fazendo a função dele e do outro que foi mandado embora. Aqueles que resistiu vai se submeter pra que não seja mandado embora. E com a tecnologia avançada tudo ficou mais difícil por ter poucos trabalhadores qualificados eles ainda exploram aqueles que são qualificados. E como precisamos do trabalho na maioria das vezes acabamos aceitando irregularidades trabalhistas, cada dia que se passa vai ficando uma verdadeira escravidão mais modernizada e as vezes nos trabalhadores não damos conta da situação agravante. (MARIA, 2ª Narrativa)

O trabalho do passado, até o trabalho dos dias de hoje “*continua como uma mão de obra escravizada*”. A palavra **continua** denota uma constância na percepção do tempo. Se por um lado houve avanços no que diz respeito à tecnologia e a forma de se realizar o trabalho, por outro, o trabalho continuou escravo. A forma de trabalho hoje, embora Maria considere que as pessoas não são mais coagidas com castigos físicos é, na verdade, uma forma de escravidão moderna. Não uma escravidão como sistema, mas na forma de se realizar o trabalho.

Para Maria dois fatores geram e contribuem para a manutenção da escravidão na atualidade: a exploração do trabalhador e o medo do desemprego. Hoje as pessoas são coagidas e constrangidas pela ameaça do desemprego. Os trabalhadores têm consciência dos seus direitos, sabem das irregularidades trabalhistas, porém, a situação que se encontram não lhes permite uma escolha. O relato de Maria mostra uma conformação desta situação do trabalhador, por não ter meios de lidar com esta situação, o trabalhador se submete a esta condição de escravidão moderna. Mesmo assim, sua fala é paradoxal na medida em que diz que o trabalhador não tem consciência da sua exploração por falta de conhecimento e, posteriormente diz que o trabalhador sabe da sua condição, mas que o meio não lhe permite outra perspectiva.

Pela necessidade de sobrevivência, Fernando levanta a possibilidade da escravidão pelo trabalho no presente. Por falta de condições de conseguir um emprego melhor, por falta de oportunidades, de estudo, ou mesmo pela ameaça de demissão, como enfatizou Maria, o

trabalhador se submete às péssimas condições de trabalho, “aos míseros salários-mínimos”, por não ter outra opção, ou achar que não tem opção. O próprio salário-mínimo para Fernando contribui para a manutenção da escravidão no presente. Ou seja, houve uma mudança na forma de exploração do trabalho escravo para a escravidão assalariada.

A verdade é que a classe baixa sempre vai ser escravizada por míseros salários-mínimos, pois as oportunidades são mínimas.
(FERNANDO, 2^a Narrativa)

E este trabalhador escravizado tem uma face bem específica para Fernando, ele pertence à classe baixa, ao precariado. Nesta perspectiva a escravidão é ocasionada pela desigualdade social, os menos favorecidos acabam sendo submetidos à escravidão moderna. A palavra “**sempre**”, usada por Fernando, denota uma constância na percepção tempo e uma conformidade da situação, não há uma perspectiva de mudança. Foi assim no passado, é assim no presente e será assim no futuro.

A escravidão aparece relacionada não apenas ao trabalho urbano do setor terciário, como também ao trabalho rural. Essa é uma questão que fica bastante evidente no discurso de Maria ao falar do trabalho dos pais e dos avós. A escravidão acabou, mas o trabalho dos pais de Maria, como ela enfatiza, ainda é 100% escravizado, embora a tecnologia apareça em seu discurso como algo que amenizou a escravidão dos pais. Não só o trabalho dos pais, mas como também dos seus avós era escravizado. Tanto os pais de Maria como seus avós são trabalhadores rurais. O trabalho rural talvez seja a onde mais o trabalho escravo remanesce.

O trabalho dos meus pais ainda é 100% escravizados embora algumas coisas mudaram como, eles já usavam a enxada para capinar, o machado para cortar a lenha o cavalo para puxar a água a lenha, já tem o pilão para socar o arroz. [...] Na época dos meus avós era uma escravidão clara e também por uma sobrevivência financeira afinal não existia um salário fixo. O salário era uma moradia desumana ou até mesmo por um prato de comida. (MARIA, 2^a Narrativa)

A escravidão para Maria está relacionada à sobrevivência financeira. A necessidade de sobrevivência, segundo esta aluna, reduz os indivíduos a uma condição de escravidão. Para ela a principal causa de seus avós se submeterem ao trabalho escravo era a **sobrevivência financeira**. O trabalhador rural muitas vezes trabalha em troca de poder morar em uma localidade, ou em troca de comida. A falta de um salário fixo é visto por Maria como uma prática do trabalho escravo. As pessoas se tornam dependentes de outras para suprir as suas necessidades mais básicas, ficando assim sujeitas às vontades e constrangimentos impostos

por elas. Nestas condições, o trabalho para Maria nada mais é que escravo.

Além de usarem da própria experiência ou dos familiares para abordar a escravidão pelo trabalho, alguns alunos também apresentam uma leitura da narrativa cinematográfica de Tempos Modernos, a partir da experiência da escravidão, que é o caso do Sr. Milton,

Desta forma Chaplin se fez contemporâneo aos sofridos trabalhadores de hoje que mesmo distante no tempo e da forma de trabalho no momento sente o aperfeiçoamento da exploração amparada pela atual legislação de leis em prol da manutenção do trabalho escravo de exploração. (SR. MÍLTON, 2ª narrativa)

Estes dois significantes, “**exploração**” e “**escravo**” ligados ao trabalho, mostram uma leitura do processo de mecanização do trabalho fabril, representado no filme, pelo viés da exploração e escravização do trabalhador. Apesar de o filme retratar uma época diferente, a situação representada, para Sr. Milton, pode facilmente ser transportada para a realidade atual, não houve mudanças nas condições de trabalho, pelo contrário, como afirma, houve um aperfeiçoamento dessa exploração amparada por leis em prol da manutenção do trabalho escravo. O tratamento legal dado à escravidão no presente, isto é, as leis não são suficientes para garantir os direitos dos trabalhadores, pelo contrário, estas acabam viabilizando a prática do trabalho escravo. Para Sr. Milton o trabalhador no presente é explorado e escravizado.

4.4.3-Escravidão No Futuro

Os discursos apontam a existência de uma cultura senhorial em nosso presente que justifica a exploração e escravidão do indivíduo pelo trabalho. Por interpretarem o trabalho no presente, pelo viés da escravidão, muitos alunos também veem o futuro em perspectiva da escravidão.

E eu vejo que no futuro se não tiverem uma evolução social eles vão viver uma verdadeira escravidão na qual eles vão ser Histórias e vai ver que o atual deles não tem diferença dos antepassados. (MARIA, 2ª Narrativa)

Maria resgata uma experiência de um passado que ela não viveu, mas que está presente no arcabouço cultural da sua cultura histórica, e o traduz em uma compreensão para o presente. E a partir desta compreensão, ou prognóstico do presente, formula expectativas para o futuro. Maria acredita que se não houver uma transformação social, o futuro, assim como o passado e o presente, será escravizado.

Assim como Maria, Izabel também acredita que o desenvolvimento tecnológico propiciou uma nova forma de escravidão. A tecnologia é vista pelos alunos como um agravante da superexploração do trabalho no futuro. A máquina no processo de produção impõe ao trabalhador um ritmo de trabalho mais acentuado. Izabel acredita que se a tecnologia continuar sua evolução a pressão sobre o trabalhador será maior. Izabel considera a pressão a qual o trabalhador é submetido no processo de produção escravizador.

Creio que as próximas gerações vão sofrer muito mais, porque a tecnologia só aumenta e a pressão também é maior e a escravidão só tende a crescer. [...] E agora não querem nem que a gente aposente, o trabalho está se tornando escravo. (IZABEL, 2ª Narrativa)

Ao dizer “*e agora não querem nem que a gente aposente*”, Izabel faz uma referência a PEC 287/2016. A proposta da emenda à constituição altera os artigos. 37, 40, 109, 149, 167, 195, 201 e 203 da Constituição, para dispor sobre a seguridade social, estabelecem regras de transição e dá outras providências. Izabel refere-se particularmente ao Art. 40, parágrafo II e III da proposta de reforma.

Art. 40.

§ 1º Os servidores abrangidos pelo regime de previdência de que trata este artigo serão aposentados:

II – compulsoriamente, aos setenta e cinco anos de idade; ou

III – voluntariamente, aos sessenta e cinco anos de idade e vinte e cinco anos de contribuição, desde que cumprido o tempo mínimo de dez anos de efetivo exercício no serviço público e cinco anos no cargo efetivo em que se dará a aposentadoria. (PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO 287/2016)

A proposta da reforma da previdência atual, que prevê o aumento de contribuição e da idade para se a aposentar, é vista como uma agravante da escravidão moderna. Para Izabel, esta proposta de emenda à constituição contribui na continuidade da exploração, com a retirada de direitos básicos conquistados pelos trabalhadores.

Se no primeiro relato o que prevalecia eram as referências discursivas alusivas ao trabalho escravo no passado, no período escravocrata no Brasil, no segundo relato o que prevalece são referências discursivas alusivas ao trabalho escravo no presente e no futuro. No primeiro relato, a experiência da escravidão, no período escravocrata no Brasil, é uma experiência que está distante da realidade destes alunos, eles resgatam uma experiência que eles não viveram, mas que está presente em suas consciências históricas.

A referência à escravidão, apesar de já presente nas construções discursivas dos alunos na primeira narrativa, encontra maior corpus no segundo relato. A narrativa cinematográfica

de Tempos Modernos não apresenta nenhuma referência a esse período ou a algo remotamente alusivo a isso, mas, ainda assim, os alunos trataram desta questão ao articularem as suas experiências em relação ao filme a partir do significante da palavra escravidão.

A narrativa de Tempos Modernos aborda a mecanização do trabalho pela via da tecnologia. Os alunos interpretaram a mecanização do trabalho pela tecnologia de uma forma diferente da abordada no filme. Eles interpretaram a mecanização do trabalho a partir da escravidão. Ao entrarem em contato com a narrativa cinematográfica os alunos foram arremetidos para uma importante questão da relação trabalho e vida, a superexploração do trabalhador. A superexploração do trabalho é lida pelos alunos a partir da escravidão.

O excesso de trabalho para estes alunos é escravizador. Se presume que com a automatização do trabalho, com a implementação de máquinas no processo de produção, o trabalho se tornaria menos penoso para o trabalhador, e haveria até mesmo uma diminuição do trabalho a ser realizado. Ocorreu exatamente o contrário. A demanda de serviços aumentou, acarretando em longas jornadas de trabalho. O processo de produção exige uma maior agilidade do trabalhador para acompanhar o ritmo da máquina. O trabalho tornou-se mais rápido, mais alienado e submetido à máquina, e o trabalhador “escravizado” por ela. A escravização do trabalhador pela sua exploração, não é pensada pelos alunos na escravidão na forma de sistema, como no primeiro relato, mas na forma do trabalho escravo.

Os alunos resgataram a experiência do trabalho escravo, de um passado remoto, e a traduziram para uma compreensão de um problema no presente. Ao interpretar o passado, a escravidão explica um problema da escravidão pelo trabalho na atualidade. Para estes alunos, três fatores geram e contribuem para a manutenção da escravidão na atualidade: a desigualdade social, a exploração do trabalhador e o medo do desemprego. Estes fatores para estes alunos contribuem para a perpetuação dessa forma degradante de exploração da mão de obra. O trabalho na perceptiva destes alunos significa a submissão do trabalhador à necessidade, portanto uma forma de escravidão. A escravidão moderna não escraviza somente a negros, mas toda uma classe trabalhadora, “a classe baixa” como enfatizou Fernando, que se vê subjugada e constrangida pela necessidade da sobrevivência.

O filme, ao representar a exploração da mão de obra em uma fábrica, pode ter oferecido subsídios para o debate da escravidão no presente. E além do filme ter oferecido subsídios para este debate, essa é uma questão que também está relacionada diretamente com a experiência de vida de alguns alunos, de como eles compreendem o trabalho. Essa questão é bastante pontual no relato da Maria. A escravidão aparece nas construções discursivas como um elemento integrante da cultura histórica destes alunos e como parte da experiência de vida

dos mesmos.

Apesar de terem consciência de que a escravidão como sistema já acabou, para estes alunos, ela permanece em nossa sociedade. Na atualidade o indivíduo continua sem autonomia de sua vida. O papel que no passado se destinava ao senhor de escravos hoje confere aos patrões. As ameaças e os castigos físicos foram substituídos por outros, como o medo do desemprego, e a necessidade de sobrevivência. Para estes jovens e adultos estudantes a escravidão não se extinguiu, apenas mudou de forma. Mudaram-se os tempos e seus algozes. Dentre os alunos que levantaram o problema da escravidão apenas duas alunas são negras, Maria e Ana. A escravidão tornou-se tão enraizada na nossa sociedade que ela é um fantasma que assombra o espaço da experiência coletiva.

4.5-A MULHER

Numa turma de alunos majoritariamente composta por mulheres, não é nenhuma surpresa que a questão do gênero foi colocada em debate. Quando abordado a relação de trabalho e vida prática, estas alunas usam da própria experiência para tratar do tema, isto é, a experiência de vida de uma mulher adulta. Nos primeiros relatos a questão do gênero, particularmente o papel da mulher nas relações trabalhistas, já se fazia presente nas referências discursivas destas alunas e de um aluno, porém de uma forma mais sutil quando tratavam, por exemplo, das divisões de trabalho por gênero nas roças e fazendas. Apenas uma narrativa teve o seu discurso centrado no papel da mulher na relação trabalho e vida prática, a narrativa de Lúcia. Não há uma mudança na perspectiva deste tema de uma narrativa para outra, mas talvez um amadurecimento das ideias. Quando esse tema é abordado ele aparece na consciência temporal destas alunas como uma evolução do papel da mulher dentro da sociedade. E elas abordam essa mudança do papel das mulheres na sociedade usando as próprias experiências de vida e das mulheres de suas famílias, mães e avós.

4.5.1-O Trabalho Precoce

Em relação à inserção no mundo do trabalho, o que verificamos nas narrativas destas alunas é que elas adentraram a vida laboral de forma precoce. O trabalho não é uma opção, ele está presente em todos os momentos da vida destas jovens e adultas mulheres, desde o tempo de meninas, nas roças e fazendas das cidadezinhas do interior, ajudando a mãe nos afazeres da casa ou nas lavouras de café, de feijão, até nos grandes centros urbanos, na capital, seja como

diarista, babá, auxiliar de serviços gerais, auxiliar de cozinhas, entre outros.

[...] desde de criança ele já faz parte da minha rotina diária. Não um serviço formal, mas já ajudava meus pais nos **afazeres domésticos**. (IZABEL, 1ª Narrativa)

Desde a infância a criança já era introduzida à atividade do trabalho. Não propriamente um trabalho formal, mas nas tarefas de casa em auxílio aos pais. Desde muito nova Izabel já estava habituada, de alguma forma, a atividade do trabalho.

Além das atividades realizadas no âmbito doméstico para a própria família, a criança também ajudava no trabalho realizado para terceiros. Este fato fica evidente na narrativa de Lúcia.

O trabalho sempre esteve presente na minha vida eu já trabalhava com nove anos ajudava minha mãe nas lavouras colhendo café e feijão. (LÚCIA, 1ª Narrativa)

Os relatos expõem não apenas uma vida de trabalho precoce, mas apontam também para a exploração do trabalho infantil doméstico. O trabalho infantil doméstico, seja em casa de terceiros ou no ambiente familiar, é considerado uma das formas mais comuns do trabalho infantil. Segundo Simon Schwartzman (2004), o trabalho infantil doméstico atinge de forma mais expressiva as meninas.

Eu comecei a trabalhar cedo comecei aos 9 anos de idade, não ganhava salário, eles me pagavam com roupa, comida, calçado, colégio entre outros. Eu passava roupa, lavava roupa, arrumava casa, cuidava de criança. Então comecei tudo muito cedo engravidei aos 13 anos parei de estudar, não trabalhava mais daí voltei a estudar com 16 anos, não conseguia trabalho por ser menor de idade. Arrumava algumas faxinas mais sempre mentia a minha idade, aos 17 arrumei um serviço fixo mas era pra passa, cuidar de criança e arrumar casa e ainda não podia assinar carteira, ali fiquei até completar 18 anos. Hoje tenho 19 anos sou diarista e auxiliar de cozinha. (SANDRA, 1ª narrativa)

O relato de Sandra expõe uma realidade ainda recorrente na nossa atual sociedade: a prática do trabalho infantil, mais especificamente o trabalho doméstico feminino infantil.

4.5.2-O Trabalho Feminino

A forma de organização da nossa sociedade foi por muito tempo baseada no modelo

familiar “homem provedor do lar e mulher dona de casa”. O homem é o chefe da família e por meio do trabalho tem a obrigação de prover a família, enquanto a mulher realiza as tarefas do cuidado com a casa, das crianças do marido e também dá o afeto. As mulheres são tratadas como esposas e mães. Não era socialmente aceitável que mulheres casadas e até solteiras tivessem um emprego ou mesmo estudos.

As palavras: **afazeres domésticos, lavando, passando roupas, passar, cuidar de criança e arruma casa**, limitam o papel da mulher, dentro das relações trabalhistas, ao âmbito doméstico. A maioria dos trabalhos realizados por essas mulheres envolvem os afazeres domésticos e o cuidado com as crianças, como por exemplo, o serviço de empregada doméstica e o de babá, funções designadas pela sociedade atual como responsabilidade do gênero feminino. Mesmo relatado que em certos momentos executavam tarefas agrícolas, sua predominância estava nos afazeres da casa. Esta predominância do papel feminino no âmbito doméstico fica bastante evidente em uma frase de Irene.

A mulher tinha um trabalho que é só dela, sempre trabalhando com as coisas da casa ou cuidando dos filhos dos outros. (IRENE, 2ª Narrativa)

Esta frase dita por Irene coloca a mulher como a única responsável pelos afazeres doméstico. A expressão “**só dela**” reforça esta ideia.

O trabalho da mulher não só ficava restrito ao ambiente da casa, mas como também à sua vida. Luíza usa o exemplo da vó, que não podia sair de casa para ir à cidade, por conta da sua responsabilidade enquanto mulher.

Antigamente a mulher não tinha o direito de nada praticamente porque não se podia votar, não podia trabalhar fora, só ficava em casa cuidando dos filhos, marido e da casa.[...] eu lembro do tempo da minha vó que trabalhava na roça teve 7 filhos e nem se quer na cidade ela ia por conta do trabalho na roça, na casa e os filhos e mulher não sai muito de casa mesmo, (LUÍZA, 1º Narrativa)

No passado a mulher não podia trabalhar fora de casa, não tinha direito ao voto, suas atividades ficavam restringidas ao lar, tanto nos cuidados da casa, lavar, cozinhar, varrer, entre outros, como também com o cuidado com as pessoas, filhos e marido. A esfera de ação da mulher no passado era bastante reduzida, ficando esta, confinada à sua casa e aos filhos.

4.5.3-Evolução Do Papel Da Mulher

Apesar de estas alunas dizerem em seus discursos que no passado o espaço da mulher na sociedade estava restrito ao âmbito doméstico, elas reconhecem que houve mudanças. Para Irene, o papel da mulher parece crescer na sociedade, e ela atribui este crescimento ao fato de esta não depender mais financeiramente do homem. Ela usa da própria experiência para fundamentar a sua narrativa

A mulher parece estar crescendo na sociedade não depende mais do homem. Hoje a mulher trabalha, antigamente quem trabalhava era mais o homem. Mas hoje só o homem não consegue sustentar a casa, as coisas ficaram tudo mais caro, mais difícil. O salário do meu marido não dá pra pagar as contas lá em casa. Antes o salário do homem dava pra sustentar a mulher ficava com o serviço de casa e cuidando dos filhos. (IRENE, 2ª Narrativa)

A palavra “**parece**” conota uma incerteza quanto ao crescimento do papel da mulher na sociedade. E indica que é algo que ainda não está consolidado. Irene atribui a inserção da mulher no mercado de trabalho à necessidade da sua contribuição no ganho financeiro da família. A mulher sai do seu habitual espaço, a casa, para o mercado de trabalho para aumentar a renda familiar, assim ajudando o marido na provisão do lar. Nesta perspectiva a mulher é vista como uma força de trabalho secundária. A mulher trabalha para complementar a renda do marido e não por uma necessidade de afirmação do papel da mulher perante a sociedade.

Irene não reconhece a evolução do papel feminino na sociedade e no mercado de trabalho como fruto das transformações sociais, das relações trabalhistas e da vida prática, com o advento da modernidade, com o constante desenvolvimento tecnológico, próprio das sociedades urbanas. Estas transformações propiciaram mudanças nos papéis assumidos pela classe feminina até então. O novo cenário reconfigurou a posição da mulher na sociedade e na família. Com a Revolução Industrial, surge uma nova classe, o proletariado, composta tanto por homens como por mulheres. A mulher passa a ser incorporada nas relações produtivas. A evolução do papel das mulheres também é fruto dos movimentos feministas, que lutaram e lutam por direitos igualitários, e por maior participação em outros setores da sociedade, dentre outros.

A concepção do trabalho feminino como um mero complemento ao trabalho do homem, e das atividades domésticas serem exclusivamente de domínio da mulher, está enraizada em nossa sociedade e perpassa a esfera ideológica e cultural. Trata-se de uma consciência histórica do tipo tradicional. Assim, tanto homens quanto mulheres incorporam e reproduzem essa ideologia.

A independência financeira para Irene foi a maior conquista da mulher na atualidade. A mulher hoje ocupa espaços que antes eram de domínio exclusivo do homem e, além de ocupar este espaço, ocupa de uma maneira melhor. Ela ressalta que atualmente as mulheres trabalham mais do que os homens. Ela justifica a sua afirmativa citando a sua rotina diária de pegar o ônibus. Na sua percepção, o número de mulheres que pegam o ônibus para irem trabalhar é superior ao de homens.

No filme mesmo quem estava procurando serviço era o homem e não a moça e ela era procurada pela polícia porque não fazia nada. Hoje a mulher trabalha mais que o homem, de manhã no ônibus vemos mais mulher que homem indo pro trabalho, a mulher hoje também faz o trabalho do homem e faz melhor. A melhor coisa que a mulher fez foi trabalhar não precisa ficar pedindo dinheiro pro marido e ele sempre perguntando pra que e fala que a gente só gasta com bobagem. (IRENE, 2ª Narrativa)

Ao tratar sobre o trabalho feminino, acredito que Irene levanta esta questão, primeiramente, por ela ser mulher. A sua experiência de vida e de trabalho é a experiência de uma mulher adulta. Segundamente, acredito que para fazer uma contraposição ao papel da mulher representado na narrativa cinematográfica. O filme tem como foco um personagem masculino, ele retrata a experiência de trabalho masculina. Na narrativa cinematográfica ela observa que quem está em busca de emprego era o personagem masculino, Carlitos e não a personagem feminina. Irene diz que antigamente quem trabalhava mais era o homem. Ela relaciona este antigamente com o filme, percebemos isso em sua fala: “*no filme mesmo quem estava procurando serviço era o homem e não a moça e ela era procurada pela polícia porque não fazia nada*”. A realidade hoje é diferente da representada no filme. Irene atualiza o filme, e mostra em sua narrativa que a mulher ocupa este espaço de trabalho que o filme praticamente não mostra. Os dois únicos momentos do filme que vemos a mulher ocupando essa posição são nos papéis de secretária e dançarina, dois papéis tradicionalmente femininos. Irene, em seu discurso, mostra que a mulher rompeu com essa barreira.

Apesar dos avanços que houve nos processos de trabalho, Luíza acredita que ainda há muito que se mudar, principalmente o trabalho feminino, que ainda é mal visto na sociedade.

[...] hoje em dia apesar do trabalho feminino ainda não ser bem visto por alguns mas já foi conquistado muita coisa a mulher teve e tá conquistando ainda mais os seus direitos (LUÍZA, 2ª Narrativa)

No passado de Luíza e da sua mãe, no ambiente urbano, as mulheres já tinham um pouco mais de liberdade, quando comparado ao passado de sua vó no âmbito rural. Na

adolescência, Luíza começou a trabalhar fora de casa para ajudar nas despesas. As mulheres já haviam conquistado alguns direitos, como trabalhar fora de casa como doméstica, “*daí agente só vem querendo mais*”. Hoje, é comum qualquer tipo de trabalho para a mulher. Ela reconhece a evolução no papel da mulher dentro da sociedade como fruto da luta feminina.

Milhares de vezes minha mãe ajudava ela porque minha vó já estava cansada, minha mãe até trabalhou pra comprar as coisas pra gente, já tinha um pouco de liberdade até que nos ficamos adolescente e começamos a trabalhar pra ajuda em casa na época já estava conquistando alguns direitos a mulher já podia votar fazer alguns trabalhos fora como doméstica, daí agente só vem querendo mais, porque muitos foram atrás dos estudos para conseguir se formar em alguma especialidade então hoje já é normal qualquer trabalho pra mulher. (LUIZA, 1ª Narrativa).

O trabalho por muito tempo foi considerado uma função exclusivamente masculina, pelo menos, o trabalho considerado braçal, fora do âmbito doméstico. Com a revolução Industrial surge a classe trabalhadora, composta tanto por homens quanto por mulheres. A mulher também se torna uma assalariada, uma operária. A mulher trabalhadora operária para Carlos é mais revolucionária que o homem operário.

Prosseguindo no tempo sobre a mudança que o trabalho oferece, o mesmo torna uma via revolucionária a qual o personagem principal é a mulher. (CARLOS, 1ª Narrativa)

Depois de dizer que o trabalho é uma via revolucionária, Carlos diz que personagem principal da via revolucionária do trabalho é a mulher.

4.5.4-“Falsa Conquista”

Em seu relato, Luíza pondera sobre as conquistas femininas ao longo do tempo. Apesar destas conquistas o trabalho feminino continua sendo uma mão de obra desvalorizada. Era desvalorizado no passado é desvalorizado no presente, não houve mudanças neste aspecto. A importância da mulher na sociedade ainda é minimizada.

As coisas ficaram mais modernas, a mulher conquistou o seu espaço no mundo do trabalho, mas precisa conquistar ainda mais. A mulher não tinha direito a nada, hoje ela tem mais direitos, ela vota e pode trabalhar fora de casa. Mas com os direitos veio mais trabalho a mulher agora trabalha em casa e no trabalho. O trabalho fora de casa é muito explorado mas o da casa também é, a mulher tem que cuidar de tudo, da comida, da limpeza, dos filhos, do marido, dos bichos, tem que fazer a compra. A mulher conquistou

uma falsa conquista, ela até pode vota, pode trabalhar fora, tem o seu próprio dinheiro, mas ficou mais escravizada. (LUIZA, 2^a Narrativa).

A incorporação da mulher no mercado de trabalho, para Luíza, acabou por prover um novo modelo familiar, não totalmente novo. O papel do homem provedor do lar manteve-se praticamente intacto. Nesse novo modelo familiar, o papel da mulher dona de casa e mãe não desapareceu, apenas somou-se a mais um. O da mulher que trabalha. Assim as mulheres passaram a trilhar uma dupla jornada, trabalhando em casa e fora de casa. Para Luíza, a mulher no presente é escravizada sobre a face da falácia da independência financeira, de uma “falsa conquista”.

O espaço de trabalho da mulher nas narrativas destas alunas está diretamente vinculado ao âmbito doméstico, não importa se com o cuidado da casa ou das crianças e do marido. Até então o que se nota é que a história se repete e temos alguns denominadores comuns entre os relatos até então observados. Suas próprias profissões mostram a limitação do trabalho feminino ao âmbito doméstico: Como descrito em suas histórias de vida, estas alunas se tratam de: diaristas, babás, auxiliar de cozinha, costureiras. Apesar da mulher ter rompido com as barreiras do âmbito doméstico e conquistado novos espaços como o mercado de trabalho e o âmbito escolar, a maioria dos trabalhos femininos ainda estão relacionados aos cuidados da casa, das crianças e do marido.

A questão da mulher é uma característica secundária no filme “Tempos Modernos”, mas que de alguma forma contribuiu para que algumas alunas usassem como problemática para falarem de trabalho e vida. As personagens femininas de “tempos Modernos” ainda seguem o papel da mulher dona de casa e mãe. Em algumas cenas essa questão é bastante evidente. Por exemplo, no filme é apresentada uma sequência de cena que mostra a Garota e Carlitos, após fugirem da polícia, sentados em um gramado onde presenciam a cena de um casal se despedindo. A mulher se despede do marido, que se dirige para mais uma jornada de trabalho, para cumprir o seu papel de provedor do lar, enquanto a mulher volta para dentro da casa, toda feliz e sorridente, para dentro do seu papel de esposa e dona de casa. Após essa sequência, Carlitos e a Garota, se veem idealizando uma vida como a do casal. Ela com um avental posto à cintura, recebe Carlitos que acabará de chegar a casa, recolhe o seu chapéu, arruma a mesa para servir o almoço, enquanto Carlitos espera. E como observou Irene, quem estava procurando emprego era Carlitos e não a Garota. As personagens femininas de Tempos Modernos também assumem o papel da esposa e dona de casa. Nos primeiros relatos esse tema já se fazia presente nas referências discursivas destas mulheres, mas de uma forma sutil,

as referências eram quase sempre voltadas para transformação tecnológica, sempre comparando o antes com o agora. Um antes mais sofrido do que o agora.

4.6-EDUCAÇÃO

4.6.1-O Trabalhador “Educado”

A análise das narrativas dos alunos nos possibilita afirmar que estes jovens e adultos estudantes compreendem que o trabalho na atualidade está diretamente relacionado com uma boa qualificação do trabalhador. Uma das consequências do progresso tecnológico nos processos de trabalho foi a exigência de uma mão de obra “educada”.

Teve mudanças mais precisa estudar mais (ANA, 1ª narrativa).

O processo de mecanização da atividade do trabalho exige novas competências para o desempenho de sua função, e conseqüentemente outro perfil de trabalhador. Daí a necessidade dos trabalhadores de adquirirem novos conhecimentos que os possibilitam a acompanhar as mudanças no mercado de trabalho. Ana ressalta na sua narrativa a importância dos estudos para o mercado de trabalho na atualidade. Houve mudanças nos processos de trabalho, contudo estas mudanças exigem um grau mínimo de formação do trabalhador, um conhecimento propriamente escolar.

Devido à exigência de uma mão de obra qualificada, no presente, no ambiente urbano, as pessoas são mais preocupadas com os estudos. E segunda Irene, principalmente as mulheres.

Hoje as pessoas estudam mais. E quem não estudou está voltando a estudar principalmente as mulheres, o número de mulheres que volta a estudar é maior. Antigamente o pai e o marido não deixava falava que o lugar de mulher é em casa. (Irene, 2ª Narrativa)

Além de mercado de trabalho as mulheres também conquistaram âmbito escolar. No presente esta condição já é mais naturalizada. Se antigamente as pessoas eram analfabetas ou não concluíam os estudos, hoje, como diz Irene, elas estudam mais. E quem não estudou está voltando a estudar, principalmente as mulheres. O fato das mulheres estudarem mais que os homens reflete na própria turma de Irene. De todos os alunos matriculados, apenas dois eram homens, de uma turma de 17 alunos. E as mulheres são a maioria participante desta pesquisa.

No relato de Irene parece haver uma maior preocupação das mulheres quanto a uma melhor qualificação. Renato Pompeu (2006) diz que a maioria da mão de obra, particularmente de mão de obra intelectualizada, é hoje feminina.

Os relatos colocam a problemática do retorno ao âmbito escolar como uma necessidade dos tempos atuais, mediante um mercado competitivo que exige cada vez mais do trabalhador. O relato de Maria é significativo de se analisar, na medida em que aborda o desenvolvimento tecnológico como um agravante na conquista de emprego, por ter poucos trabalhadores que se enquadrem às novas exigências do mercado de trabalho.

E com a tecnologia avançada tudo ficou mais difícil por ter poucos trabalhadores qualificados[...] (MARIA, 2ª Narrativa)

No presente o conhecimento está em constante evolução, deste modo o trabalhador se encontra numa busca constante do desenvolvimento de suas habilidades, para acompanhar a evolução da tecnologia. As empresas estão à procura de uma mão de obra especializada e capacitada, e isto faz com que se diminuam as chances de muitos trabalhadores na conquista de uma vaga de emprego. O trabalhador é exigido não tanto pela sua força de trabalho, mas da sua capacidade técnica e intelectual.

As chances de conseguir um bom emprego no espaço urbano, no presente, estão diretamente vinculadas à escolaridade. Uma escolaridade voltada não tanto para um pensamento crítico, mas para as habilidades necessárias ao mercado de trabalho, isto é, para a formação de mão de obra.

O mercado de trabalho hoje exige um maior nível de qualificação, e o que percebemos nestes relatos é um baixo nível de escolaridades destes jovens e adultos. Pelos mais diversos motivos estes estudantes se viram obrigados abandonar a vida escolar, seja pela necessidade de assumir certas atividades para complementar a renda familiar, ou por causa dos filhos, como explicitado no relato de Sandra:

[...] engravidei aos 13 anos parei de estudar, não trabalhava mais, daí voltei a estudar com 16 anos. (SANDRA, 1ª Narrativa)

A presença dos filhos também se coloca como uma das barreiras ao acesso à escola para as mulheres. E essa é realidade é vivenciada por uma parcela significativa da população brasileira.

Alguns alunos atribuem a exigência cada vez maior de um trabalhador educado ao

capitalismo. A lógica capitalista, unida à tecnologia, acirrou a competitividade no mercado de trabalho. Por este motivo os indivíduos buscam desesperadamente uma melhor formação.

As mudanças ocorridas no mundo são resultados de um mercado competitivo exigindo mais dos trabalhadores, com isso o sistema capitalista, na busca pela excelência, as organizações procuram qualidade acima de tudo. (MONICA, 2ª Narrativa)

Mediante os novos caminhos trilhados pelo processo de produção, há uma necessidade de “trabalhadores educados”. Esta questão é fundamental, já que os indivíduos destas pesquisas são jovens e adultos, que viram no retorno escolar uma possibilidade de conquista de um emprego melhor e de melhoria na vida prática. Devido às novas exigências do mercado de trabalho, o ensino técnico profissional surgiu para atender às necessidades de uma educação voltada ao atendimento das necessidades tecnológicas. O próprio PROEJA surge como uma modalidade de ensino voltada para a profissionalização técnica.

4.6.2-Educação Dos filhos.

As transformações no processo de trabalho também alterou a maneira de se pensar a família, sobretudo a educação dos filhos. Como o desenvolvimento tecnológico exige uma melhor qualificação para o mercado de trabalho, o ensino passa a ser uma prioridade.

Enquanto os homens iam para roça, as suas esposas cuidavam da casa e de seus muitos filhos, naquela época era raro mulheres ter menos de quatro filhos, os filhos ajudavam no trabalho as mulheres cuidavam das casas e de seus arredores, das galinhas das vacas da horta. (ANA, 2ª Narrativa)

Como explicitado no relato de Ana, a relação do trabalho no passado era também uma relação familiar, se tinha muitos filhos para ajudar nas tarefas de casas ou em outros trabalhos nas roças. O trabalho no campo significava muito mais do que uma forma de trabalho, era um modo de vida. Um modo de vida que envolve um conhecimento passado de geração em geração. As experiências de trabalho eram adquiridas no cotidiano, os filhos aprendiam o ofício dos pais e auxiliam nas atividades do dia a dia. A atividade do trabalho no passado tinha o seu início logo na infância.

No passado as pessoas eram, na grande maioria, analfabetas. Para Irene, eram analfabetas por falta de incentivo. Por uma necessidade econômica, os filhos não estudavam, mas trabalhavam para ajudar com as despesas da casa. Como ela afirma em seu relato, na roça

se tinha muitos filhos, ela mesma era uma filha dentre sete.

E naquela época a maioria das pessoas eram analfabetas não tinham incentivo para o estudo, eu mesma comecei a estudar aos 10 anos e tenho muita dificuldade por causa disso. Minha mãe aprendeu a ler com a bíblia. E os filhos estudar era difícil eles tinham que trabalhar pra ajudar em casa. (IRENE, 2ª narrativa)

Nesta perspectiva os filhos eram vistos como uma mão de obra. E além dos filhos serem vistos como uma mão de obra, a mulher que saía de casa era estigmatizada pelo pai, pelo marido, pela sociedade. Se no passado os filhos eram valorizados enquanto uma mão de obra a mais para ajudar a família, no presente os alunos ressaltam a importância da educação dos filhos. Como bem ressaltou Irene, no presente se tem menos filhos, e estes não trabalham, estudam.

Hoje se tem menos filhos mas os custos aumentaram e as crianças não podem trabalhar porque agora elas estuda. (IRENE, 2ª Narrativa)

Se no passado os filhos eram tidos como mão de obra, no presente são uma despesa. Na atualidade há uma maior preocupação com os estudos dos filhos. O conhecimento já não é mais baseado no conhecimento familiar ou do grupo, daí também a necessidade de uma formação propriamente escolar. Talvez por isso houve também um afastamento das famílias, como dito por Tião em seu relato.

As transformações nos processos de trabalho, promovidas pelos avanços da técnica e da ciência, não só redefiniram o trabalho, mas também o próprio modo de se pensar as relações familiares. A educação dos filhos passa a ser uma prioridade e a mulher também sai do espaço doméstico. Se houve uma alteração na conjuntura familiar ela também se deve às mudanças nas relações trabalhistas, sobretudo no trabalho rural, já que na roça, trabalho e família estão intimamente relacionados. Pais e filhos perderam o vínculo do trabalho, do conhecimento passado de um para o outro.

4.6.3-Crença Na Educação

Uma das acepções do ideal de progresso presente nos discursos dos alunos é de que é preciso uma formação propriamente escolar para poder alcançar os benefícios proporcionados pelo progresso. Há uma crença na educação como o meio de ascensão social. O nível de educação de uma pessoa determina a sua posição na sociedade. Uma boa qualificação está

contundentemente relacionada a um bom emprego, a uma vida estabilizada. A educação é o critério pelo qual os indivíduos são selecionados para ocupar determinados cargos e/ou funções. Há nos discursos uma esperança de uma vida melhor pela educação, principalmente a dos filhos.

A vida de trabalho de meus filhos será bem diferente da minha vida, porque tudo que vivemos vem contribuindo para a informatização, fazendo com que os estudos tornem a vida um pouco branda. (JÚNIOR, 1ª Narrativa)

Ao dizer que os estudos tornam a vida um pouco branda, Júnior acredita na educação como uma possibilidade de um futuro mais digno. O acesso aos estudos é visto, de um modo geral, como uma forma de ascensão social. Estes alunos criam, pela educação, expectativas de outros futuros possíveis para os filhos, onde a vida para estes será melhor que as suas foram ou é. O discurso de Lúcia também reforça o ideal da educação como um caminho de ascensão social, principalmente dos filhos.

Bom em relação a meus filhos penso que vai ser diferente pois estão estudando e pensam diferente em relação ao trabalho hoje em dia os jovens estão mais atentos ao estudo e a uma profissão e os adultos também estão mais a procura a uma profissão até mesmo para garantir uma velhice mais tranquila (LÚCIA, 2ª Narrativa).

Percebe-se em alguns casos, nos discursos, a ascensão social dos filhos. Ao pensar a educação como um meio de melhoria de vida, como o meio mais imediato de inserção no mercado trabalhista, estes alunos apresentam uma visão mais instrumental e/ou utilitarista do ensino. A valorização dos estudos como meio de melhoria de vida reforça uma visão meritocrática. Isto é, evidencia valores associados ao esforço e mérito individuais. O crescimento do indivíduo na sociedade está diretamente relacionado ao seu esforço próprio.

Ao mesmo tempo em que os alunos creem na educação, também se mostram preocupados com o constante desenvolvimento tecnológico.

Já daqui a uns anos acho que já vai tá mais difícil porque também se exige mais e mais a onde a tecnologia já está bem avançada. (LUÍZA, 1ª Narrativa)

O trabalhador para Luíza, por mais que ele tenha uma formação escolar, nunca estará suficientemente qualificado. Devido à constante evolução tecnológica, o conhecimento também se encontra em um processo contínuo de mudança. Nesta perspectiva, o trabalhador se encontra em um processo contínuo de formação. E, exatamente por este motivo, alguns

alunos se mostram incertos quanto ao futuro e às suas carreiras. Acreditam que se a tecnologia continuar evoluindo haverá um aumento na taxa de desemprego.

4.6.4-Culpabilização Do Indivíduo

A noção de que a forma de trabalho hoje exige um trabalhador “educado” é uma verdade universalmente aceita nas falas destes estudantes. Neste ponto de vista, a causa do desemprego está diretamente relacionada à falta de qualificação do trabalhador, e não a um problema social mais amplo. Sob esta perspectiva, o trabalhador se vê responsabilizado pelo próprio desemprego. A culpa do desemprego, sob esta ideologia, é do indivíduo.

E para aqueles que acham que a tecnologia vai conseguir (substituir) o trabalhador pelas máquinas, a verdade é que elas sempre precisarão de alguém capacitado para programá-las então vamos nos capacitar estudando.(ROSA, 1ª Narrativa)

No relato de Rosa o emprego está condicionado à escolaridade. Ela acredita nos estudos como uma forma de garantir o emprego. Se o trabalhador se qualificar, tiver uma boa formação, não terá o seu trabalho ameaçado pela tecnologia. Trata-se de uma visão meritocrática, porque ela atribui a responsabilidade do desemprego ao trabalhador. Se ele estuda ou não é uma responsabilidade dele. Para Rosa, e para muitos alunos, a responsabilidade da qualificação é atribuída ao trabalhador. Nesta perspectiva a qualificação é usada para culpabilizar o desemprego.

4.6.5-Educação E Valores Humanos

O relato de Carlos é o único que aborda a questão da educação por uma via diferente. Ele acredita que a educação pode sobrepor os valores humanos negativos gerados pelo trabalho no sistema capitalista. Para Carlos, um trabalho fundamentado em valores humanos só seria viável por meio da educação. Ele acredita que se a educação for prioridade, em um país como o Brasil, a sociedade se transformará em 30 ou 40 anos.

Em um país como o Brasil a educação sendo prioridade na sociedade é a única e exclusiva via para desenvolver um pensamento em que os valores humanos é o que sustentará no fundamento de seus movimentos em busca de atender suas necessidades e suas realizações. Como seria esta sociedade em um tempo de 30 a 40 anos. (CARLOS, 2ª Narrativa)

Carlos apresenta uma visão positiva do futuro condicionado à educação. Podemos dizer até que uma visão idealizada de que a educação resolverá boa parte dos problemas da sociedade, inclusive o futuro. Ele é um aluno da EJA, que voltou a estudar porque acredita que com a educação ele vai conquistar coisas melhores, um trabalho melhor. Ele coloca a educação como o fundamento da transformação da sociedade e não unicamente uma via de conquista de um emprego melhor.

4.7-O DESEMPREGO

4.7.1-O Desemprego Como Um Trauma

A discussão sobre trabalho e vida trouxe à tona outra questão bastante preeminente desta relação: o desemprego. Habitados ao trabalho desde a infância, estes estudantes vivem para trabalhar e não trabalham pra viver. Por vários momentos o trabalho se confunde tanto com a própria vida, que é impossível dissociá-los. O trabalho ocupa um lugar central na vida prática destes jovens e adultos estudantes, que na falta deste a vida tem as suas estruturas abaladas. O trabalho constitui sentido à vida das pessoas. As pessoas estão tão acostumadas ao trabalho que na falta dele a vida perde o sentido. Para aqueles que vivenciaram a experiência do desemprego, o trabalho passa ser algo muito valorizado.

Já foi muito sofrido e o salário é pouco na maioria das vezes, acaba antes da metade do mês, muitos trabalham em dois empregos para sustentar a família. Mas já imaginou como fica um pai de família quando fica desempregado? A pessoa fica arrasada vi isso no olhar do meu pai, no olhar do meu marido, igual ao pai das meninas. A pessoa perde auto-estíma, não sabe o que fazer da vida. (ROSA, 2ª Narrativa)

A experiência do desemprego é vivida por Rosa como um trauma. O filme, ao mostrar o abatimento do pai das garotas por estar desempregado, dialogou diretamente com a experiência de vida de Rosa. O filme a remeteu a experiência do desemprego vivida pelo seu pai, e por seu marido.

“Mas já imaginou como fica um pai de família quando fica desempregado? A pessoa fica arrasada vi isso no olhar do meu pai, no olhar do meu marido, igual ao pai das meninas. A pessoa perde auto-estíma, não sabe o que fazer da vida”. Dentre tantos aspectos do filme, porque citar justamente esta cena? Porque houve uma identificação. O filme despertou em Rosa uma memória bastante marcante na sua vida. Os olhares de abatimento do seu pai e do

seu marido ficaram gravados na memória de Rosa como um trauma, e ela vê este mesmo olhar no pai das garotas no filme.

A história de Rosa, em um dado momento, entrecruzou-se com aquela narrada no filme, possibilitando um cruzamento de uma com a outra. Em um tipo de intercepção entre filme e vida, a experiência cinematográfica proporciona uma experiência de mundo e de indivíduo (LUZ, 2002). A narrativa cinematográfica, por sua especificidade linguística, induz o público a se identificar com suas significações, e ao lidar diretamente com as emoções esta identificação é maior.

O trabalho se torna algo extremamente importante na vida de Rosa, ao ponto dela dizer que pior do que um trabalho mal remunerado seria a falta deste. Frente à ameaça do desemprego usa-se o argumento de que é melhor o trabalho degradante do que o não trabalho.

[...] infelizmente na maioria das vezes não é bem remunerado, o salário para alguns acaba antes de terminar a 1ª semana do mês, mas paciência pior seria se não tivesse nenhum. O importante é continuar lutando. (ROSA, 1ª Narrativa)

Para Rosa, muitas pessoas se mostram descontente com a atividade do trabalho, mas ela acredita que o trabalho, não importa a sua natureza, é um meio das pessoas conquistarem a dignidade.

Muita gente fala que gostaria de conhecer quem inventou o trabalho, só para dar uma “sova nele”. Mas, eu acho que o trabalho dignifica o homem. Ele que seu lugar na vida do ser humano (Rosa 2ª Narrativa)

Por ter vivido a experiência do desemprego o trabalho tem uma importância fundamental na vida de Rosa. Por ter passado pela experiência do desemprego, Rosa relaciona o trabalho à ideia de dignidade. Por ter vivido este trauma, ela se orienta no presente, valorizando o trabalho na sua vida, mesmo que este seja mal remunerado.

“*Ele que seu lugar na vida do ser humano*”, para Rosa o ser humano conquista o seu lugar na vida, enquanto humano, por meio do trabalho. O desempregado, ao ser desprovido do trabalho, também seria desprovido de sua humanidade, ou usando as palavras de Rosa, perderia seu lugar na vida do ser humano? Para Rosa o trabalho é o lugar de afirmação da nossa humanidade.

A questão do desemprego aparece nos discursos porque ela faz parte da experiência de vida de Rosa. E além do desemprego ter sido vivenciado por ela, o filme chamou a atenção para o problema do desemprego. Tempos Modernos se localiza temporalmente e

especialmente nos anos 30 nos Estados Unidos, logo após a crise de 1929, período da “grande depressão”, um período também de crescimento no nível de desemprego. O desemprego foi um dos maiores problemas enfrentados pela população estadunidense nesse período. O desemprego está representado nos ex-funcionários da fábrica que, desempregados, entraram para a criminalidade, no pai da Garota e no próprio personagem Carlitos, que ao não se ajustar a modo de trabalho dos “tempos modernos” se encontra frequentemente na situação de desempregado. No primeiro relato Rosa faz menções indiretas ao desemprego, no segundo relato essa ideia é melhor explanada. A narrativa de Tempos Modernos, ao provocar uma identificação, fez com que Rosa voltasse sobre si mesma numa tomada reflexiva, assim, aprofundando as suas ideias sobre o desemprego.

4.7.2-Desemprego E Criminalidade

O relato de Fernando é interessante de analisar porque mostra a outra face deste problema social, que é a criminalidade. As pessoas precisam suprir suas necessidades, garantindo assim a sua sobrevivência. Mediante a este fato, existem para Fernando dois caminhos para o indivíduo: o trabalho ou o crime.

Trabalhamos mas recebemos, e o que seria de nós sem uma quantia garantida em nossos cofres? Muitos eram partir para o crime, antecipando assim a sua partida na terra para o além. (FERNANDO, 1ª Narrativa)

A falta do trabalho para Fernando é um caminho para a marginalidade. As pessoas precisam suprir as suas necessidades. Na privação do trabalho muitos entram para a criminalidade. Ao citar a criminalidade no primeiro discurso, Fernando faz um contraponto ao que ele chama de trabalho honesto. Não apenas a falta de trabalho para Fernando é uma via para a criminalidade, como também a desvalorização e exploração do trabalhador. Diante ao trabalho degradante, o crime aparece como uma opção.

O pai de família hoje tem dois caminhos a seguir ou a vida do crime ou do trabalho honesto, o crime está em vantagem por conta disso, pois um país onde era pra existir um plano, infraestrutura para o cidadão de bem, trabalhador que pago seus impostos em dia, esses merecem mais que uma atenção, eles precisam de amparo, e para isso as leis trabalhistas poderiam entrar em vigor e ajudar mais o lado do trabalhador que ajuda as engrenagens capitalistas trabalharem. (FERNANDO, 2ª Narrativa)

Mediante a necessidade de sobrevivência, o trabalhador para Fernando ou é

escravizado, se submete a uma forma de trabalho degradante, ou leva uma vida fora da lei. E além da sobrevivência o trabalhador se submete à condição de exploração ou leva uma vida fora de lei pelos desejos de consumo.

A criminalidade e o desemprego também estão diretamente relacionados na narrativa cinematográfica de *Tempos Modernos*. No filme a violência e a criminalidade estão aliadas ao desemprego, sendo as primeiras representadas como uma consequência do último. A sobrevivência e a criminalidade estão representadas na personagem da “Garota” e no ex-companheiro de trabalho da metalúrgica de Carlitos.

A Garota, uma personagem sem nome, apenas apresentada como “garota”, se trata de uma importante personagem da trama. Apresentada como uma jovem criada no porto, que se nega a passar a fome, ela rouba para suprimir suas necessidades. Big Bill, ex-companheiro de trabalho de Carlitos, ao assaltar uma loja de departamentos, diz não ser um ladrão, e sim alguém com fome. A criminalidade é trazida como consequência de uma crise social e da falta de emprego. Ao representar a criminalidade como consequência de uma crise social, a narrativa cinematográfica fez com que Fernando reconfigurasse a própria narrativa, apresentando assim uma perspectiva crítica sobre a própria experiência.

4.8-OS SENTIDOS DO TRABALHO

O ser humano tem que viver. Viver, segundo a teoria de Rüsén (2010a), trata-se de uma forma do homem se relacionar com o mundo, dotando-o de sentido. Viver significa mover-se, pensar, agir sobre o meio que nos rodeia. O trabalho é uma forma de interação dos indivíduos com o mundo e, portanto uma práxis humana, talvez uma das mais importantes. A atividade do trabalho é um dos atos mais triviais e rotineiros realizados pelo ser humano, porém, de suma importância. O trabalho está fundamentalmente relacionado com a vida social, por ser essencial em nosso dia a dia.

O trabalho ocupa um lugar central na vida prática destes jovens e adultos estudantes, em sua maioria mulheres adultas. O trabalho, para estes indivíduos, vai muito além da questão da sobrevivência, o que está em jogo são as suas próprias existências. Ou como diz Belinda Mandelbaum (2009) é a vida que só é vida quando também trabalhada. Não se trata apenas da sobrevivência, mas também da existência. Pode-se dizer que o trabalho é a vida destes estudantes. Habitados ao trabalho desde a infância, por vezes o trabalho parece confundir com as suas próprias vidas. Vida e trabalho se entrelaçam e por muitas vezes se confundem. Estes alunos não conseguem pensar suas vidas dissociadas desta atividade. Eles não trabalham

para viver, mas vivem para trabalhar. Os discursos destes alunos são marcados a todo o momento por percepções conflituosas sobre o trabalho.

4.8.1-Sobrevivência

Primeiramente o trabalho interfere no cotidiano destes alunos como um meio de sobrevivência. Tanto na vida cotidiana do passado, quanto no presente o trabalho interfere diretamente na sobrevivência humana. Para suprir as necessidades mais básicas do ser humano, como alimento, moradia e até as mais sofisticadas como: lazer, consumo, fonte de dinheiro, entre outros. Para garantir sua sobrevivência, o indivíduo depende do seu labor.

O Trabalho interfere na minha vida por um motivo de sobrevivência financeira. (MARIA, 2ª Narrativa)

A sobrevivência parece ser a razão fundamental para estes trabalhadores se manterem em seus empregos, mesmo estando insatisfeitos com estes, reconhecendo que são mal remunerados e explorados. Mediante a sobrevivência há uma forte preocupação destes estudantes quanto ao desemprego. Contudo a importância do trabalho na vida destes alunos vai muito além do fato de que por meio dele satisfazem suas necessidades. O trabalho tem um forte significado na vida destes alunos, para além da simples sobrevivência.

4.8.2-Mérito Pessoal

O trabalho é visto nos discursos dos alunos como um caminho para o mérito pessoal. Nesta perspectiva o indivíduo é valorizado no esforço do seu trabalho, no empenho individual para a conquista de seus objetivos. Este tipo de perspectiva reforça a ideia de que a ascensão do indivíduo, a melhoria de vida, depende, exclusivamente, de suas próprias virtudes, do suor do seu trabalho.

Viva o trabalho, e que todos comam, bebam, se vestem e se causem usando o seu próprio suor, para que assim não sejamos pesados há ninguém.(FERNANDO, 1ª Narrativa)

O ser humano tem que sobreviver, comer, beber e se vestir, e para isso desenvolveu meios que lhe garantissem a sobrevivência. O trabalho é um deles. É de suma importância para Fernando que as pessoas conquistem os seus objetivos pelo próprio esforço, para assim

não dependerem de ninguém. A pessoa que não trabalha, o desempregado, é tido por Fernando como um peso para a sociedade. O trabalho é uma condição para a realização pessoal. O ser humano se sente realizado ao conseguir atender as suas necessidades, atingir seus objetivos. Trata-se de um mérito pessoal e nos tornamos dignos, merecedores daquela conquista. Este ideal do mérito pessoal tem internalizado uma moral religiosa do trabalho. Depois de pecar, o ser humano foi condenado a extrair o seu sustento com o suor do seu rosto. “Comerás o teu pão com o suor do teu rosto...” (GÊNESIS, 3,19). O sentido de obrigação, de um dever a ser cumprido, advém desse princípio bíblico. Este trabalho tem valor, é visto como uma questão de honra e fonte de orgulho. O ser humano tem que sobreviver, mas sobreviver “*usando o seu suor*”.

O mesmo sentido de que o trabalho é uma via para mérito pessoal se encontra no discurso de Rosa. O trabalho, para Rosa, desperta um sentimento de grandeza, e faz o indivíduo se sentir útil e importante. O trabalho desperta nas pessoas um sentimento de dever para com a sociedade, e isto faz com que o ele se sinta útil na comunidade.

Eu acredito que o trabalho interfere na vida da pessoa, que é importante que mesmo sendo simples ele é capaz de tornar uma pessoa melhor fazê-la crescer que trata-se não somente de garantir o pão de cada dia, mas também de fazê-la sentir útil. (ROSA), 1ª Narrativa)

O trabalho para Rosa, não importa a sua natureza, é o que torna as pessoas melhores. O trabalho não se trata apenas de uma questão de sobrevivência, ou como ela diz, “de garantir o pão de cada dia”.

Ter trabalho também significa honrar com os compromissos. E honrar os compromissos proporciona uma grande satisfação pessoal aos indivíduos. Por meio do trabalho as pessoas suprem as suas necessidades mais básicas, como também é um incentivo na conquista de bens materiais. O trabalho, como explicitado no discurso de Fernando, também propicia sonhos e desejos.

Temos o nosso salário, temos a certeza que vamos cumprir com aquele compromisso no começo do mês, comprar aquela roupa que tanto quero, etc. (FERNANDO, 1ª narrativa)

4.8.3-Coesão Social

O trabalho é visto como uma forma de manter o equilíbrio e a coesão social. Ele é visto como uma regra de conduta que estabelece direitos e deveres sobre os indivíduos. O

trabalho impede que a sociedade se desintegre e caia no caos. Segundo Geertz (1973), os seres humanos, em qualquer lugar ou tempo, são modificados pelas sociedades em que estão inseridos, isto é, pelos costumes, regras desta sociedade. Todas as sociedades dispõem de mecanismos que orientam e controlam o comportamento dos indivíduos por meio de determinadas regras ou normas. O ser humano é um ser que depende de tais mecanismos de controle de comportamento para viver, sem estes o comportamento humano seria ingovernável.

O trabalho na minha vida considero como uma engrenagem que se quebra o dente, ela para toda a produção [...]Seríamos como animais que se olham e cheira e dão um passo a frente sem nem um pingo de afeto, pensar que viveríamos sem fazer alguma atividade relacionada ao trabalho seria loucura, pois o trabalho nos dá benefícios que são importantes para a nossa vida cotidiana, e pelos nossos atos cometidos na sociedade. (FERNANDO, 1ª Narrativa)

O trabalho tem uma importância capital para Fernando, ele é o que rege a sua a vida. E além de ser fundamental em sua vida o trabalho é o próprio meio de se viver em sociedade. Para Fernando a própria civilização se dá por meio do trabalho. Sem ele as pessoas viveriam com base na “lei da selva”. Fernando compara uma vida sem trabalho à vida dos animais, sem regras, sem limites, sem relações sociais e sem afetos. O ser humano é desprovido da sua humanidade na falta do trabalho. Isto é, o trabalho para Fernando é a condição da nossa própria humanidade. Sem o trabalho, além das pessoas perderem a sua humanidade, elas também não teriam afetos umas com as outras. Nesta perspectiva o trabalho aparece como uma regra da vida em sociedade, ele é um controlador social, sem ele a sociedade se desintegra. Para este aluno até mesmo a sanidade está relacionada ao trabalho. Fernando vê uma vida desprovida de qualquer função relacionada ao trabalho como loucura.

4.8.4-Valor Social

O trabalho é afirmado nos discursos não só como provedor da subsistência, mas como detentor de um valor. E este valor não é apenas pessoal, mas também social. O trabalho ganha um valor social justamente pela sua característica social. Presta-se um serviço à comunidade.

Uma coisa é certa o trabalho dá-nos a satisfação e o alívio de fazermos parte de uma sociedade correta, e mais que ainda existem aqueles que correm pelo lado certo. (FERNANDO, 1ª Narrativa)

O trabalho, para Fernando, é sinônimo de uma vida decente e correta, de uma vida digna. Por meio do trabalho o indivíduo mostra como quer ser visto socialmente, como uma pessoa honesta, competente e que contribui com a sociedade por meio do seu trabalho. Em troca o trabalhador espera reconhecimento público. Ao dizer "*exitem aqueles que correm pelo lado certo*", Fernando faz um contraponto ao indivíduo que leva uma vida fora da lei. Fazer parte de uma sociedade correta é fazer parte de uma sociedade onde o indivíduo conquista o seu dinheiro pelo esforço do próprio trabalho. O trabalho para Fernando, por este aspecto, é sinônimo de uma vida correta.

Por ser um ser de relações sociais o ser humano incorpora normas, regras, valores vigentes do meio social que vive. O trabalho aparece como uma regra da vida em sociedade. Quem não segue essa regra está à margem da sociedade. Enquanto seres sociais, nossas ações e comportamento estão em constante aprovação ou reprovação da sociedade, seja pela família, pelos vizinhos, estamos sempre sendo avaliados. Quem não trabalha, na visão de Laís, não é visto com bons olhos perante a sociedade.

O trabalho é muito importante na vida de casa ser humano, pois com o trabalho se sente mais seguro diante da sociedade, pois a sociedade em si é muito ruim, ex.: a pessoa que não trabalha é vista com mal olhos pela sociedade, por isso que o trabalhador vive correndo atrás de seus objetivos de crescer diante do trabalho. (LAÍS, 1ª Narrativa)

O trabalho, para Laís, tem um papel importante para imagem social do indivíduo.

4.8.5-Interação Social

O trabalho, nos discursos, é um meio de se relacionar com o outro, ele desperta um sentimento de vínculo, de pertencimento. O trabalho fortalece o vínculo de comunidade e o elo entre as pessoas. Mandelbaum (2009) diz que o trabalho ocupa um espaço que é legitimamente o lugar da sociabilidade.

o que seria da minha pessoa sem um modo de me interagir com as pessoas e aprendendo que cada ser tem o seu modo de viver, se comportar e como viver com sociedade. (FERNANDO, 1ª Narrativa)

O trabalho para Fernando também possibilita a interação social. O ambiente de trabalho também é um espaço de encontro. O mesmo sentido é dado ao trabalho por Ana em seu discurso:

É muito gratificante pelo salário os colegas de trabalho conviver com outras pessoas é muito bom cada um com seus defeitos e qualidades e assim é que vivemos aprendendo todos os dias. (ANA, 1ª Narrativa)

A relação que Ana estabelece com o trabalho está para além do salário. O salário é importante, mas os vínculos que o ambiente de trabalho propicia tem uma importância fundamental para esta aluna. O trabalho também proporciona aprendizado ao possibilitar a interação entre os indivíduos.

4.8.6-O Trabalho Como Dignificação

“O trabalho dignifica o homem”. Essa frase, tão intensa e marcante, dita por Benjamin Franklin, dita por Carlos, dita por Tião, dita por Rosa, dita por Maria, e tantos outros, mostra a grande importância do trabalho hoje na sociedade e na vida prática destes jovens e adultos estudantes. O ideal do trabalho que dignifica o homem é uma forte referência nas construções discursivas dos alunos e está presente em quase todos os relatos antes e depois da experiência visual com o filme. Apesar da mudança de perspectiva, por parte de alguns alunos, no modo de se pensar trabalho, de tratarem os avanços tecnológicos de uma maneira mais crítica, mesmo reconhecendo a falta de valorização social do trabalho, ele continua digno.

Mas o que é dignidade? A palavra dignidade vem do latim *dignitas*, e significa aquilo que tem valor, a sua vez o termo *dignus* quer dizer aquele que é merecedor de estima e honra, aquele que é importante. (FRANZ; BAECELLOS, 2014). Thomas Hobbes diz que “atribuir a um homem alto valor é honrá-lo e um baixo valor é desonrá-lo”. (HOBBS, 2008, p.71). A dignidade trata-se da valorização humana. O ser humano é valorizado enquanto agente do trabalho.

O trabalho, para Carlos, deixou de ser um modo de expiação do ser humano frente ao pecado original, para torna-se digno. O trabalho para este aluno pode ser dignificante, mas não nesse sentido simplista do capitalismo, pautado pelo valor que ele vale. O trabalho, em um sentido mais amplo, que é a ação para atender nossas necessidades e realizações, “*mesmo que a vaidade e o supérfluo definam nossos objetivos*”, para Carlos é algo digno.

O trabalho nos permite viver dignamente mas não pelo valor financeiro mas pelo movimento que fazemos em busca de atender nossas necessidades e nossas realizações – mesmo que a vaidade e o supérfluo definam nossos objetivos (CARLOS, 2ª narrativa)

Rosa atribui ao trabalho o caráter de dignidade por ter passado pela experiência da

falta deste. A satisfação das necessidades humanas mais básicas, a garantia de sobrevivência imputa ao trabalho o caráter de dignidade.

Muita gente fala que gostaria de conhecer quem inventou o trabalho, só para dar uma “sova nele”. Mas, eu acho que o trabalho dignifica o homem. (ROSA, 2ª Narrativa)

Mesmo não tendo uma visão muito positiva a respeito do trabalho na atualidade e no futuro, Tião acredita que o trabalho dignifica as pessoas perante a sociedade, seja este por questões de sobrevivência ou para o lucro.

O trabalho dignifica o homem perante a sociedade seja para sobrevivência ou pra obtenção de lucro. (TIÃO, 1ª Narrativa)

Enquanto indivíduo que vive em sociedade, o ser humano não vive isolado, isto é, ele não está sozinho no mundo. Nascemos, vivemos e morremos em um ambiente social. O ser humano é um ser social, portanto, o que ele faz, faz perante a sociedade. Nossas ações e comportamentos sempre serão postos em relação ao meio social em que estamos inseridos. Não seria diferente com o trabalho. O trabalho é uma atividade social, talvez uma das mais importantes da vida em sociedade. O trabalho permite as pessoas desempenharem um papel na sociedade. Um papel que é reconhecido por nossos pares. O trabalho proporciona o respeito pelo outro. Dizer que o trabalho dignifica o homem perante a sociedade é atribuir ao trabalho um valor social. Trata-se de um valor público. E a imagem que passamos aos olhos do outro, isto é, a nossa imagem pública, afeta a nossa dignidade.

O ser humano se sente realizado mediante o trabalho, não importa por qual motivo se trabalhe. O trabalho nos proporciona um sentimento de grandeza, uma sensação de dever cumprido, o que afeta diretamente na nossa dignidade. O ideal do trabalho que dignifica o homem pode ser pensado em duas perspectivas. A primeira, com a disseminação da ideologia do trabalho como dignidade e que encontrou reforço com a Revolução Industrial. A partir do momento que surge o trabalhador assalariado era necessária uma justificativa para o trabalho, já que este, por muitos anos, carregava uma conotação negativa. A ideologia da dignificação humana pelo trabalho também tem as suas raízes na religião, principalmente no protestantismo. A ideologia do trabalho que dignifica serve de motivação para os trabalhadores. A segunda por uma questão de necessidade, o meio socioeconômico em que estes alunos se encontram não lhes permite uma mudança de perspectiva, ao menos assim acreditam. Como explicitado na narrativa de Maria, eles têm consciência que o trabalho é

desvalorizado, mal remunerado, que o trabalhador é explorado e até mesmo escravizado, mas não há muito que eles podem fazer mediante esta realidade.

Mesmo com a falta da valorização social ele ainda continua sendo digno, desde os tempos passados. (MARIA, 2ª Narrativa)

Estes alunos precisam do trabalho para sobreviver. Se eles não acreditarem que o trabalho é algo digno eles nem viveriam, não encontrariam motivação para levantarem todos os dias e encarar mais uma jornada de trabalho, ou “ir à luta”, como disse Izabel. A ideologia do trabalho que dignifica o ser humano é uma grande falácia que leva estes alunos seguirem a vida.

4.9-INDIVÍDUO

O filme mostra o trabalhador, o indivíduo como vítima do processo de modernização. Apesar de a narrativa cinematográfica colocar o indivíduo, o trabalhador, como uma vítima deste processo, ele não se acomoda ou se conforma diante da situação, ele se revolta. Em vários momentos do filme há uma tentativa do trabalhador de contornar a situação, como as greves e passeatas. Uma realidade que parece estar distante dos indivíduos da nossa pesquisa. O indivíduo não aparece nos relatos destes jovens e adultos estudantes. Os indivíduos nas narrativas dos alunos são pessoas que se adaptaram as mudanças e transformações a sua volta, se conformam com a realidade por acreditarem que não há perspectiva de mudança. Os alunos reagem às contingências da vida se adaptando a elas. Quando os alunos dizem que precisa haver uma transformação social e política eles não colocam a si mesmo e/ou trabalhador como protagonistas destas mudanças. Precisa-se de mudanças, que um terceiro “interceda” por eles, é como se eles estivessem à espera de um “salvador”. E quando falam das melhorias no processo de produção e da vida, eles atribuem estas conquistas ao progresso, não mencionam as lutas sociais e reivindicações dos trabalhadores. Poucos relatos mencionam o indivíduo.

Diferentemente dos demais discursos, João não coloca apenas o desenvolvimento tecnológico como o responsável nas melhorias no processo de produção e da vida prática. João considera as leis trabalhistas de suma importância neste processo.

Se compararmos o passado com o presente muitas coisas mudaram, por exemplo leis trabalhistas, assim assegurando os direitos e deveres do empregado e empregador, tornando serviços remunerados e direitos

assegurados por ambas as partes. (JOÃO, 1ª Narrativa)

Se no primeiro relato Rosa coloca o desenvolvimento tecnológico no centro das transformações no mundo do trabalho, no segundo, ela já menciona o movimento dos trabalhadores, os sindicatos, as leis trabalhistas, como importantes neste processo. Ela não interpreta as melhorias no trabalho apenas como um resultado dos avanços tecnológicos. Os trabalhadores também tiveram um papel importante neste processo. Neste ponto, o filme mobilizou uma consciência crítica em Rosa.

No passado havia mais trabalho escravo, mais trabalho pesado, carga horária maior, com a criação de leis trabalhistas e sindicatos, passou-se a respeitar mais o trabalhador. (ROSA 2ª Narrativa)

E não é apenas nesta questão que o indivíduo é apagado das narrativas. Em muitos relatos os alunos apagam a si mesmo de suas histórias. Falam sobre o trabalho e a vida de um modo geral, a própria experiência não aparece, e na segunda narrativa esta praticamente desaparece. A experiência transmitida pela narrativa cinematográfica, em alguns relatos, se sobressai às experiências vividas, quando não se entrelaça com elas. Alguns alunos não se veem inseridos nas histórias que contam.

5.0-DISCUSSÃO

Nos relatos a todo o momento estão presentes referências discursivas referentes ao tempo, pontuadas pelas expressões: “*tempo passado*”, “*no passando*”, “*na época dos meus pais e avós*”, “*na minha infância*”, “*antes*”, “*no presente*”, “*hoje*”, “*agora*”, “*depois*”, “*no futuro*”. Sempre estabelecendo relações com as três temporalidades. Sendo essa relação mais pontual entre o passado e presente. O futuro por vezes não é mencionado. Nos primeiros relatos essa relação das três temporalidades é um pouco mais nítida, no segundo, podemos dizer que, em alguns casos, que houve uma presentificação das narrativas. Isto é, de alguma forma a narrativa de Tempos Modernos levou estes alunos a focarem seus discursos nos problemas práticos do presente.

A memória é um forte elemento usado em suas construções discursivas. Memórias elaboradas sobre a base de experiências vividas, isto é, que privilegiam a realidade do que foi experimentado pelos alunos em algum momento de suas vidas e, memórias de experiências não vivenciadas por eles. Rüsen (2015, p.220) ressalta que na lembrança dos homens sempre

estão presentes acontecimentos não vividos pelos mesmos. “Esses acontecimentos estão vivos na memória como fatores conformadores, condicionantes das próprias vivências ou como um passado assumido pela consciência temporal dos indivíduos, por haver sido contado por outros”.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLACK, 1989, p. 02)

Pollack (1989) diz que tanto a memória individual quanto a memória coletiva são formadas primeiramente por experiências pessoais. “Nós somos tudo aquilo que lembramos; somos a memória que temos. A memória é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente”. (SANTOS, 2003, p.25). Depois, a memória se constitui pelo que o autor denomina de acontecimentos “vividos por tabela”, isto é, acontecimentos compartilhados pela coletividade na qual estamos inseridos. Mesmo a pessoa não tendo nenhuma relação direta com esses acontecimentos, “no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLACK, 1992, p.201).

Usando da memória os alunos fazem um exercício de retornar ao passado, de rever e refletir sobre suas experiências, sejam experiências vividas ou contadas, contadas pelos pais, pelos avós, ou por outrem, que de alguma forma contribuíram para a formação de suas consciências históricas. Pollak (1989) ressalta que as memórias sofrem grandes interferências do momento em que são articuladas. As narrativas dos alunos foram elaboradas em dois momentos distintos, antes e depois da experiência visual com o filme, e isso repercutiu diretamente em suas construções discursivas e em suas memórias. No segundo discurso, alguns alunos relataram memórias não mencionadas anteriormente. Ao olharmos para uma imagem cinematográfica, dela emergem outras. A narrativa de Tempos Modernos, ao retratar o abatimento do pai das garotas mediante ao desemprego, despertou em Rosas memórias de seu pai e de seu marido. Por meio de sua linguagem peculiar, a narrativa cinematográfica envolve a imaginação do público, possibilitando a identificação com as imagens representadas. Podemos dizer que o filme mobilizou memórias não mencionadas na primeira narrativa.

Ao se reportarem ao passado, alguns alunos apagam o próprio passado e falam sobre

um passado remoto, de um passado generalizado sem especificação temporal e espacial. Falam sobre um passado cuja experiência faz parte da coletividade, a uma memória comum.

As referências alusivas a um passado mais recente são feitas a partir das experiências pessoais, ou a partir do que puderam elaborar por meio das informações de seus avós, por outrem. Em geral são percepções que tentam buscar explicações da situação familiar, pessoal no contexto do trabalho. Diferentemente no presente, ao abordarem trabalho e vida no presente as experiências vivenciadas por eles é uma forte referência, contudo, alguns alunos no segundo relato, ao falarem sobre vida e trabalho, usam o filme para ilustrar a experiência contemporânea. Alguns relatos tratam de uma análise sobre o filme, não sabemos se os alunos estão falando sobre o filme ou sobre as suas vidas. Em alguns casos as referências discursivas sobre a base de experiências vividas praticamente somem após a experiência com o filme. A trama do filme parece se misturar a trama da vida destes alunos.

Na primeira narrativa os alunos falam de trabalho e vida de uma forma mais generalizada, traçando uma trajetória do trabalho no tempo e no espaço. Na segunda essa característica se perde um pouco, os alunos focaram seus discursos em temas mais pontuais, como, a exploração do trabalhador, a questão da mulher no mercado de trabalho, entre outros. E além de centrarem os seus discursos em temas mais pontuais, alguns alunos usam de fatos históricos específicos, como o capitalismo, a Revolução Industrial, a escravidão para explicar determinado fato. Algo que não apareceu no discurso anterior. Neste ponto, estes alunos, ao interpretarem os processos de trabalho a partir de eventos históricos, estabelecem uma relação mais complexa com o tempo. A narrativa cinematográfica permitiu a construção desta relação mais complexa dos processos de trabalho.

Por outro lado, alguns alunos reforçam algumas ideias presentes no primeiro relato, porém essas ideias foram melhores desenvolvidas no segundo. Deste modo, a narrativa cinematográfica parece ter dado aportes para que os alunos desenvolvessem melhor as suas ideias.

A narrativa de Tempos Modernos aborda a transformação da vida prática na modernidade, sobretudo nas relações trabalhistas, como a mecanização do processo de produção. O filme constrói uma imagem desse processo de modernização, dos avanços tecnológicos, dos desejos de consumo, por fim, do progresso, por uma via crítica. O filme apresenta uma construção narrativa crítica sobre o processo de industrialização e modernização. A arte de cada período condensa um determinado ponto de vista que se tem deste tempo, isto é, produz ideologias que repercutem um contexto sociocultural. Tempos Modernos foi construído com certas intencionalidades e apresenta uma perspectiva crítica do

seu tempo. Ele foi produzido com o intuito de criticar e denunciar a sociedade industrial e capitalista. A narrativa cinematográfica praticamente impõe-se ao expectador como uma consciência crítica. Percebe-se então, que esta postura, assumida na construção narrativa de Tempos Modernos, incide diretamente na construção discursiva dos alunos no segundo relato. A experiência do filme foi transmitida aos alunos e de alguma forma influenciou em suas percepções da realidade. A narrativa de Tempos Modernos ampliou a visão de algumas questões, e proporcionou uma nova percepção acerca de outras. Houve uma ressignificação das experiências narradas. O filme proporcionou um novo tipo de compreensão que se contrapõe à que antes os alunos tinham sobre eles mesmos e da realidade que os envolve. Mas eles não simplesmente incorporaram o discurso cinematográfico em suas construções discursivas, os alunos reconfiguraram a narrativa do filme a partir de suas experiências.

Apesar da narrativa de Tempos Modernos ter sido produzida com certas intencionalidades, com um objetivo específico e legitimar determinadas formas de subjetivação, a leitura que os estudantes fizeram desta foram diversas. Como enfatizou Turner (1997), os sentidos produzidos pela narrativa cinematográfica são afetados pela interpretação de quem olha. Além das próprias vivências, o contexto histórico e sociocultural interfere no olhar e na interpretação destes estudantes.

Ao passarem pela experiência de assistir ao filme, este entra em contato e conversa com outras narrativas presentes na cultura histórica dos alunos. Assim o discurso cinematográfico é reconfigurado pelos alunos a partir de suas vivências. Um novo discurso é construído a partir do confronto de experiências. Como bem ressalta Turner, o cinema é um local de interação entre obra e seu público. A experiência transmitida pelo cinema recebe uma resposta do público a partir de suas experiências e interpretação, como a leitura que os alunos fizeram da representação da exploração do trabalhador em Tempos Modernos, a partir do significado da palavra escravidão. O filme não aborda esta questão, mas na leitura e interpretação dos alunos ela aparece.

Uma coisa importante a ser levar em consideração é que estes alunos não viveram a experiência do trabalho fabril. Boa parte da narrativa se desenrola em ambientes como a usina, um ambiente que estes jovens e adultos não frequentam e não frequentaram. Estes alunos, como boa parte da população brasileira, não passaram pela experiência da indústria. A industrialização no Brasil tratou-se de um processo localizado. Não faz parte da experiência de vida destes indivíduos a experiência do trabalho industrial, portanto a relação que eles estabelecem com o trabalho está diretamente relacionada com as suas experiências de trabalho pessoais, que é a experiência do precariado. O filme retrata uma experiência que estes

estudantes não viveram, no entanto, no segundo relato, esta experiência é incorporada em alguns discursos. A partir de *Tempos Modernos* alguns alunos tenderam em seus discursos a analisar toda forma de trabalho sob o paradigma industrial. O filme permitiu aos alunos adquirirem uma experiência que não viveram.

Outro ponto a se destacar é que estes alunos receberam a experiência cinematográfica como uma verdade. Não houve questionamentos da narrativa apresentada. Em momento algum os alunos colocaram em dúvida o ponto de vista apresentado, pelo contrário, não só o tomaram como verdade como o incorporaram em suas discussões. Como enfatizou R. Luz (2002), o cinema provoca em seu público uma impressão de realidade e credibilidade. Assim a representação sobre o trabalho de *Tempos Modernos* se inseriu no imaginário dos alunos como uma verdade.

O que podemos dizer com este estudo é que a experiência fílmica foi incorporada nas narrativas dos alunos. A narrativa de *Tempos Modernos* incide diretamente na construção de discursos dos alunos no segundo relato. Ao assistirem ao filme, os alunos incorporam a experiência de interpretação do tempo deste e a aplicaram em suas constituições de sentido sobre trabalho e vida cotidiana. Filme e espectador se entrelaçam de modo que este último coloca a sua vida em questão. O filme como diz (REIS, 2006) possibilita outra compreensão de si e da realidade. Ao reinterpretar o indivíduo vê-se modificado em seu vivido

Raymond Willians (1961) ressalta que o conjunto de valores pelos quais um indivíduo se orienta não é permanente. Quando uma pessoa vivencia novas experiências e as interpretam, cria novos sentidos para elas. A narrativa cinematográfica, segundo Luz (2002) é capaz de estabelecer um novo espaço de experiência. Após a experiência com o filme os alunos se voltaram sobre as próprias experiências, a respeito do trabalho e da vida prática, estabelecendo novos sentidos sobre essas.

A experiência fílmica não apenas foi incorporada nas narrativas como também mobilizou memórias não mencionadas no primeiro relato, como também reconfigurou a experiências de alguns alunos. No que se refere aos filmes, Clarice Ehlers Peixoto (2001) diz que estes nos dão a sensação de (re) viver situações que foram registradas ao longo da vida. Mesmo sem ter qualquer ligação com o contexto que o filme se remete, estes tipos de produção nos possibilita uma articulação com a memória familiar. Que foi o caso do relato de Rosa, ao falar sobre o desemprego ou de Maria ao lembrar-se dos pais no seu tempo de infância.

Ao assistirem ao filme, os alunos entram em contato com o que foi vivido e tem sido experienciado por eles em suas relações com o trabalho. Após a experiência fílmica muitos

são levados a uma reconfiguração e novas articulações de suas próprias experiências. Eles problematizaram os valores tradicionais com os quais interpretavam as mudanças temporais relacionadas à prática do trabalho. Na segunda narrativa eles apresentam uma perspectiva crítica sobre as próprias ideias, além de incorporarem em seus discursos a experiência da narrativa cinematográfica. Assim, a experiência do filme fez com que os alunos passassem de uma estrutura da consciência tradicional para elementos de consciência histórica crítica, embora não tenha rompido totalmente com a perspectiva tradicional.

A narrativa cinematográfica não foi suficiente para romper com alguns aspectos tradicionais da consciência histórica, como a ideia de progresso. Apesar dos alunos apresentarem uma consciência crítica na segunda narrativa, o progresso continua sendo a causa motora das mudanças ocorridas nos processos de trabalho e na vida cotidiana. Ao mostrar a racionalização da vida, mesmo que por uma perspectiva crítica, a narrativa cinematográfica de *Tempos Modernos* pode ter contribuído para a manutenção de uma percepção do tempo progressista. Os novos tempos são mais velozes, dominados por máquinas. Talvez por isso a narrativa fílmica não foi capaz de superar totalmente a estrutura de uma consciência histórica do tipo tradicional.

6-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de delinear com mais riqueza de detalhes como a narrativa cinematográfica interferiu nos processos de constituição de sentido histórico no âmbito das relações cotidianas, isto é, nas práticas essenciais ao ser humano, recorreremos à narrativa de “Tempos Modernos” (1962) de Charlie Chaplin. Compreendemos estas práticas não só como um constructo da vida prática que tem a sua gênese nos próprios processos culturais e sociais que constituem sentido às experiências dos indivíduos no mundo, mas como um espaço dinâmico, que encontra abertura para a transformação. No caso particular desta pesquisa, nos debruçamos sobre a formação da estrutura de uma consciência histórica sobre a prática do trabalho.

No decorrer da elaboração deste trabalho, o nosso objetivo foi o de analisar e investigar como a narrativa de “Tempos Modernos” interfere no constructo de uma consciência histórica sobre a atividade do trabalho. Para tanto escolhemos como indivíduos da pesquisa trabalhadores, os jovens e adultos estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG).

Com um enfoque nas categorias de trabalho, vida prática e tempo, procuramos refletir como o trabalho interfere na vida cotidiana destes jovens e adultos estudantes. A categoria de trabalho, além de estar diretamente relacionada com o objetivo da pesquisa, se relaciona de maneira fecunda com os indivíduos da pesquisa, uma vez que, tratam-se, primeiramente, de trabalhadores e depois de alunos e alunas da educação de “jovens e adultos”, que viram no retorno escolar uma oportunidade de ascensão no mercado de trabalho e conseqüentemente uma ascensão da vida prática. O conceito de vida prática foi escolhido com base na teoria da consciência histórica de Rüsen. Segundo o autor(2010^a) as operações mentais com as quais os indivíduos realizam o trabalho da consciência histórica se dão dentro dos processos concretos da vida humana. Os processos concretos fazem referência à vida que se constitui nas relações sociais, no dia a dia. Assim a categoria de vida prática foi escolhida pelo papel que as representações discursivas desempenham nos processos de constituição de sentido na vida social. E o conceito de tempo, por estar diretamente relacionado com o conceito de consciência histórica. A consciência histórica ao estabelecer uma síntese entre o passado, presente e futuro. Pode ser considerada como uma consciência temporal.

Nesse processo, nos apropriamos do conceito de consciência histórica de Jörn Rüsen (2010) tido como uma prática vital ao ser humano, e da sua teoria narrativista. O conceito de

consciência histórica do autor trata-se de uma teoria de constituição de sentido histórico, por meio da construção de uma narrativa, frente às experiências temporais. Conduzidos pela teoria narrativista de Rüsen, optamos como estratégia metodológica a investigação narrativa, que parte da própria concepção universal de constituição de sentido expressa pela linguagem. Nessa acepção, a constituição de sentido histórico, segundo Rüsen, assume a forma de uma narrativa. Narrando, os indivíduos expressariam a sua consciência histórica. Portanto, nossa fonte se tratou de construções discursivas elaboradas pelos indivíduos da pesquisa, a partir de um instrumental de pesquisa. Nessas narrativas, em que a vida ordinária se expõe, nos voltamos à investigação da estrutura da consciência histórica, sobre as relações de trabalho, que surgem destas fontes.

Os alunos elaboram suas narrativas em dois momentos, antes e após a experiência visual com o filme *Tempos Moderno*. O objetivo consistia em analisar a interferência do trabalho na vida destes estudantes nesses dois momentos. Esta estratégia nos permitiu averiguar as possibilidades de construção de novos olhares sobre essas vivências a partir da experiência cinematográfica. Procuramos refletir, nas narrativas, sobre as relações estabelecidas entre o imaginário das relações cotidianas de trabalho apresentadas no filme e as relações cotidianas de trabalho na experiência dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Analisando as mudanças e permanências na perspectiva dos alunos, se a narrativa fílmica, de alguma forma, contribuiu para reelaboração das experiências e ideias narradas no primeiro relato.

Buscamos analisar nas narrativas dos alunos os seguintes pontos: Que consciência de tempo os alunos apresentam em suas narrativas? Quais ideias de passado, presente e futuro apresentam? Quais fatos são citados? Usam de suas experiências para compor seus discursos? Como interpretam o tempo? Estabelecem algum tipo de relação entre as três temporalidades? Usam da narrativa cinematográfica para compor os seus discursos? Que leituras fazem da narrativa cinematográfica?

Além das categorias norteadoras: trabalho, vida prática e tempo, escolhemos também, como estratégia de análise as categorias: experiência, interpretação e orientação, da teoria narrativista de Rüsen. A experiência trata-se de todos os momentos vivido pelo indivíduo, sejam estes vividos diretamente ou indiretamente. Por meio da categoria de experiência analisamos nas narrativas como os alunos veem o passado, como o interpretam. Por meio da interpretação investigamos como os alunos avaliam o tempo, como interpretam as mudanças e continuidades das experiências temporais, quais relações estabelecem entre as três temporalidades. E a partir da orientação buscamos nas narrativas, elementos que aludem uma

perspectiva de ação. Como estes alunos se orientam mediante as interpretações que fazem da experiência temporal.

Colocamos em destaque o papel das produções cinematográficas como narrativas que se constituem na vida prática. E que, portanto, se inserem nos processos culturais de significação das experiências na vida corrente. O cinema se trata de uma experiência capaz de constituir sentidos e invocar construções sociais, pois representa por meio de sua narrativa, um ponto de vista de como estar e se relacionar com o mundo a nossa volta. Deste modo a narrativa cinematográfica infere na construção do olhar sobre a vida, sobre nós mesmo e do nosso entorno. O cinema interpela a subjetividade do seu público. Levamos em consideração que estas narrativas se tratam de uma (re) construção da realidade, que tem as suas bases na teia de significados que compõe a cultura para construir suas representações do mundo. Isto é, são produtoras de ideologias que refletem um contexto sociocultural. Para tanto, para compreender como o cinema interpela a subjetividade dos indivíduos e cria um senso significativo das experiências da vida prática, nos atemos nas discussões sobre a linguagem cinematográfica, de modo a ter uma proximidade da maneira com que os elementos cinematográficos se organizam nas narrativas para construir as imagens da vida prática. Nesta discussão levamos também em consideração a relação obra e espectador. A narrativa cinematográfica significa apenas o que mostra e exprime, o seu significado final não poder ser totalmente apreendido, já que o público tem um papel importante neste processo, que interpreta a história contada de acordo com a sua perspectiva. Partimos da concepção do público como um agente ativo nos processos de significação da obra cinematográfica. O cinema também cria um espaço para que o público participe do processo de significação. O significado de uma obra é resultado de um processo de interação entre cinema e público.

“A orientação prática dos agentes racionais humanos [...] baseia-se em determinados pontos de vista: (a) elaboração da experiência do temporal por (b) meio de rememoração do passado, numa (c) representação processual do tempo, de modo a exercer uma (d) função constitutiva de identidade”. (MARTINS, 1992, p.68). Neste processo acrescentamos a (e) experiência da narrativa cinematográfica mais (f) a interpretação desta experiência pelos alunos que resulta em (g) uma nova representação narrativa que confronta (c) e (e). Conformando assim uma nova constituição de sentido e identidade.

O trabalho de análise dos dados iniciou-se pela transcrição das narrativas. Após a transcrição realizamos uma leitura atenta de cada narrativa, buscando entendimento sobre o conteúdo narrado, ao mesmo tempo em que apontávamos os aspectos de maior relevância para a pesquisa. Para Szymanski, Almeida e Pradin (2002) a leitura das transcrições já se

configura em um primeiro momento de análise. Os relatos foram transcritos na íntegra, mantendo a linguagem dos próprios estudantes, para manter a lealdade e o respeito por seus relatos.

Os alunos narram suas histórias contando fatos, acontecimentos que marcaram a suas trajetórias de vidas, suas experiências, seus passados, afetos, alegrias e tristezas. E na medida em que o fazem vão desvelando as suas trajetórias de vidas. Falar sobre as experiências pessoais nem sempre é uma tarefa agradável. O exercício de voltar ao passado, refletir sobre a trajetória de vida, os momentos que marcaram, na verdade é um processo difícil e complexo, já que pode haver lembranças nem sempre agradáveis, mas que fazem parte da história de vida destes jovens e adultos estudantes.

E ao contar suas experiências, estes alunos nos introduzem em suas vidas. Partilhando suas vivências, suas histórias tornam os pesquisadores, também, indivíduos dessa experiência. E por se tornar indivíduo dessa experiência é impossível não se comover e se envolver com essas histórias, principalmente quando se passou boa parte da pesquisa na companhia destes alunos. E por esse motivo, por muitas vezes também carregar um sentimento de culpa e de receio, por fazer destas vidas, destas pessoas “indivíduos” da pesquisa. Em respeito as suas vidas, como forma de garantir a integridade e preservar a identidade dos alunos, optamos por usar nomes fictícios, escolhidos pelos próprios. O uso de nome fictício dá uma dimensão mais humana à pesquisa.

A realidade presente nas narrativas reflete a “verdade” do ponto de vista destes alunos, refere-se ao que é real para eles. Trata-se de uma representação particular da relação trabalho, vida prática e tempo, portanto não devem ser vistas como verdadeiras ou falsas. A narrativa é o resultado de como estes alunos interpretam o mundo que é influenciado pelo contexto que estes estão inseridos. O texto foi construído de modo que pudéssemos discutir sobre a mobilização da consciência histórica a partir da experiência cinematográfica, ao mesmo tempo em que apresentávamos o que é trabalho, vida prática para estes jovens e adultos estudantes. A pesquisa acabou por resultar em um testemunho muito rico para se conhecer e pensar sobre a relação trabalho e vida cotidiana e tempo. Esses relatos não fazem parte, apenas, de uma realidade local, isolada, elas integram um contexto maior que as envolve.

O hábito do trabalho é um importante aspecto da cultura dos indivíduos e/ou grupos humanos. Ele faz parte da cultura, portanto, não é algo estático e imutável ao longo do tempo e no espaço. O relato destes estudantes deixam evidentes as transformações pelas quais o trabalho tem passado ao longo do tempo, principalmente nas últimas décadas com os avanços da industrialização na nossa sociedade. Eles têm a consciência de que em determinada época,

vida e trabalho eram de determinada maneira, mas ocorreram mudanças. O tempo muda, e com ele as formas de significar o trabalho e a vida. Os alunos traçam uma trajetória sobre trabalho e vida práticas ao longo do tempo, apontando as mudanças e permanência, e como essas interferem na forma de ser do trabalho hoje. E esta transformação dos processos do trabalho é lida pelos alunos a partir de uma perspectiva progressista.

O trabalho ocupa uma posição central na vida destes jovens e adultos. Ele perpassa as necessidades, a subjetividade e a identidade social destes alunos. Os valores construídos em torno do trabalho não ficam restritos ao espaço físico do trabalho, eles também são a base das relações sociais na atualidade.

Depois de supridas as necessidades o trabalho é uma fonte de riqueza, um meio de conquistar bens materiais, é um modo de ascensão social, é um modo de se relacionar com as pessoas, de ser reconhecido enquanto sujeito que vive em sociedade, de ter um objetivo na vida, um meio de não adoecer, de manter a mente ocupada. O trabalho é uma dádiva de Deus, é o que dignifica o ser humano. O trabalho é sinônimo de liberdade, de independência. O trabalho é alienação e escraviza o ser humano. O trabalho para estes alunos é o que lhes garante a sua humanidade. A dimensão do trabalho vai muito além da questão da sobrevivência, o trabalho é o lugar da afirmação da identidade. E uma pessoa que não trabalha é impedida de se realizar enquanto indivíduo que vive em sociedade e enquanto ser humano. Para estes alunos na vida prática atual, o trabalho conserva todas estas conotações.

As referências discursivas sobre o trabalho remetem ao o que foi aprendido, experimentado em algum momento na vida destes alunos ou contadas a eles por outrem. Contada por seus pais, por seus avós ou a referências gerais, que de alguma forma ficaram armazenadas ou contribuíram na formação da consciência histórica destes alunos. Em alguns relatos as referências discursivas sobre a base de experiências vividas praticamente somem após a experiência visual com o filme. O conteúdo do filme parece se misturar com a vida destes alunos.

Os alunos se guiam em suas primeiras narrativas, em relação aos processos de trabalho e a vida prática, por meio de uma consciência histórica do tradicional. Isto é, os valores pelos quais os alunos se orientam no tempo são tradicionais. Em suas construções discursivas os alunos usam as expressões, no passado, no tempo passado, etc, para se referir ao passado. Essas expressões apenas qualificam o tempo passado sem informar sobre o conteúdo histórico desse tempo ou desse período. A falta de uma especificação temporal e espacial denota uma ausência de uma consciência histórica propriamente “escolar” capaz de explicar, dotar de sentidos as experiências temporais. Onde a estrutura da consciência histórica apresenta-se

limitada, pela ausência de especificações temporais e espaciais, as ideologias dominantes e tradicionais predominam, como a ideia de progresso e a visão cristã da história.

Da primeira narrativa para a segunda, os alunos caminharam de uma consciência histórica tradicional para elementos de uma consciência histórica crítica. A narrativa cinematográfica de *Tempos Modernos* levou os alunos a reconfigurarem os seus discursos. Ao assistirem ao filme, os alunos entraram em contato com o que foi vivido e tem sido experimentado por eles em suas relações com o trabalho. Por vezes, o filme recuperou a memória de alguma experiência não mencionada anteriormente, e por outras, a experiência fílmica levou os alunos a uma reconfiguração de suas próprias experiências.

Mediante ao objetivo central deste trabalho, podemos dizer que os resultados foram mais que satisfatórios, uma vez que as narrativas dos alunos extrapolaram a nossa proposta. Quanto ao método utilizado, apesar dos resultados positivos, acredito que há uma necessidade de ajustes quanto aos instrumentos de investigação, principalmente pela especificidade dos indivíduos da nossa pesquisa. É preciso mais leituras e estudos sobre esta esfera tão complexa que é a EJA.

Quanto à investigação do cinema como mobilizador da consciência histórica, acredito que também há uma necessidade de maiores estudos, ao menos para pesquisas futuras, sobre o cinema. Principalmente como este meio cria sentidos sobre os mais diversos aspectos da vida cotidiana e a sua relação com o público. Porque, é exatamente na relação cinema e espectador que há a possibilidade de investigação da mobilização da consciência histórica pelos indivíduos. Quanto ao material que foi produzido, as narrativas construídas pelos alunos, há uma necessidade de um melhor trato sobre elas, de maiores estudos de como lidar com este tipo de fonte, principalmente no que diz respeito à análise do discurso. Mas para o momento, podemos dizer que os resultados e métodos utilizados foram satisfatórios.

Além de investigar como a narrativa de “*Tempos Modernos*” mobiliza a consciência histórica dos jovens e adultos estudantes do PROEJA, e de conhecer uma realidade ainda pouco explorada, como o universo destes jovens e adultos estudantes, o nosso objetivo foi também o de suscitar a importância deste tipo de pesquisa dentro do campo da Didática da História. De levar novas reflexões e indagações sobre a problemática em evidência. Nessa perspectiva, a pesquisa vem contribuir de forma sumária na medida em que é considerada uma via de inclusão, por dar visibilidade a uma realidade, que aqui está direcionada para jovens e adultos no mundo do trabalho. Porque a academia está tão distante da sociedade que a envolve?

É de praxe considerar que o resultado de uma pesquisa científica é sempre definitivo,

que a palavra final do pesquisado carrega um peso significativo, no entanto, numa pesquisa deste porte é impossível esgotar a realidade social, visto que ela se apresenta em múltiplos aspectos. Como diz Walter Benjamin (1987) em seu texto, O narrador, “a narrativa é uma obra aberta”. Nesse sentido, nosso propósito não foi o de dar resultados e modelos com base nos preceitos do cartesianismo e, sim realizar uma reflexão sobre um tema ainda pouco explorado. Ainda mais quando envolve a vida de seres humanos, este tipo de pesquisa abarca elementos não só objetivos, mas também subjetivos da vida.

É importante salientar que tais considerações não se encerram aqui, visto que o respectivo estudo enfatiza uma realidade local que se interage com um contexto social mais amplo. Mediante esta perspectiva consideramos os resultados desta pesquisa um ponto de partida e não o de chegada, para buscarmos maiores discussões e propositivas sobre o tema. Assim, diante do nosso propósito inicial, conseguimos nos aproximar de uma determinada realidade e compreender algumas nuances desse universo, ainda, por ser explorado.

E com a intenção de não buscarmos resultados absolutos, comungamos dos pensamentos de José de Souza Martins (1997, p.203), de que: “É no fim que está propriamente o começo”.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPeL, Pelotas, nº14, p.79-95, set. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>> Acesso em: 20 de mar de 2017.

ALVES, Giovanni. **A batalha de Carlitos: trabalho e estranhamento em Tempos Modernos, de Charles Chaplin**. In: ArtCultura. Uberlândia, V.7, No.10, Janeiro-Junho de 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1284>> Acesso em: 02 de jun de 2017

ASSIS, Arthur. **A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução**. Goiânia: Editora UFG, 2010

AUMONT, Jacques. **Cinema e narração**. Campinas – SP: Papyrus, 1995.

AZAMBUJA, Luciano de. **Jovens alunos e aprendizagem histórica: perspectivas a partir da canção popular**. 2013. 500 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação, Departamento de Educação, UFPR, Curitiba, 2013.

BACAL, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.

BALSEIRO, Carmen Lucía Cataño. Jörn Rüsen y la conciencia histórica. **Historia y Sociedad**. No. 21, Medellín, Colombia, Julio-diciembre. 2011, PP. 221-243

BARBOSA, ALINE DO CARMO COSTA. **Didática da História e Eja: investigações da consciência histórica de alunos jovens e adultos**. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de História, Departamento de História, UFG, Goiânia, 2013.

BARCA, Isabel. Marcos de Consciência Histórica de Jovens Portugueses. Universidade do Minho Portugal. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.1, pp.115-126, Jan/Jun 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/primetek/Downloads/MARCOS_DE_CONSCIENCIA_HISTORICA_DE_JOVENS_PORTUGUE.pdf> Acesso em: 22 mar 2017

BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras**. Porto, III série, vol 2, 2001, p.31-21. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2305.pdf>> Acesso em: 27 set. 2016.

BARCA, Isabel. GAGO, Marília. Usos da narrativa em História. In: MELLO, M. C. /LOPES,

J.M. **Narrativas Históricas e ficcionais**. Recepção e produção para professores e alunos. Braga: Universidade de Minho, 2004.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani; CERRI, Luis Fernando **O ensino da história a partir da teoria de Jörn Rüsen**. In: Seminário de Pesquisa do PPE. 2001, Maringá. Anais. P. 1-8. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2011/pdf/1/006.pdf>. Acesso em: 05 de out de 2016.

_____ A Teoria da História de Jörn Rüsen entre a Modernidade e a Pós-modernidade: uma contribuição à didática da história. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 991-1008, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/19691>>. Acesso em: 08 de out de 2016

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. In: _____. Análise estrutural da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

_____ **O susurro del lenguaje: más allá de la palabra y la escritura**. Barcelona: Paidós, 1994. p.251-252.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BEHAR, Regina Maria Rodrigues. **Conterrâneos Velhos de Guerra: o cinema escreve a história “vista de baixo”**. In: CURY, Cláudia Engles; FLORES, Élio Chaves; CORDEIRO, Raimundo Barroso Jr. João Pessoa (Orgs.). **Cultura Histórica e Historiografia: legados e contribuições do século 20**. Editora Universitária/UFPB, 2010. P.183-201

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____ O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov In: **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. P. 197-221.

_____ A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO, Theodor et al. **Teoria da Cultura de massa**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 221-254.

BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 19, p. 29-42, set. 1989/ fev. 1990. Disponível em: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3877> Acesso em: 20 set. 2016.

BRAGA, Ruy. **1972-A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012.

CARLOS, Cássio Starling; GUIMARÃES, Pedro Maciel. Tempos Modernos. In: **Coleção Folha Charles Chalin**; v.3.1. ed, São Paulo: Folha de S. Paulo, 2012

CASTRO, Mad'Ana Desirée Ribeiro de. **O processo de implantação e implementação do Proeja no IFG – Câmpus Goiânia: contradições, limites e perspectivas**. 2011. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação, Faculdade de Educação – FE/UFMG, Goiânia, 2011.

CERRI, Luis Fernando; AGUIRRE, Mariela Coudannes. Jovens e sujeitos da História. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 37, n. 1, p. 125-140, jan./jun. 2011. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/7488/6659>>. Acesso em: 10 de nov de 2016

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Gualhardo. Lisboa: Difel, 2002.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; GUIRAUD, Luciene. Possibilidades E Limites De Histórias De Vida Por Meio De Depoimentos Orais Na História Da Formação De Professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 671-686, set./dez. 2009. Disponível em <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3373>> Acesso em: 10 de jun de 2016

COSTA, Flávia Cesarino. Cinema e História, Formas e Contextos. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 241-247, jul.-dez. 2007. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF15/res_Costa.pdf>. Acesso em: 28 de fev de 2016

COSTA. Marina Burjack da. **Integração Da Educação Profissional Com A Educação Básica Para Jovens E Adultos (Proeja) No Ifg/ Goiânia: A Precariedade De Uma Proposta De Escolarização Tardia**. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de PósGraduação Stricto Sensu em Serviço Social, PUC Goiás, Goiânia 2015.

COSTA, Robson Xavier. Imagens na história: imaginação histórica e história visual. **European Review of Artistic Studies**, 2010, vol.1, n.2, p. 34-47. Disponível em: <http://www.eras.utad.pt/docs/historia_visual.pdf> Acesso em: 27 set. 2016.

COSTA, Fernando Sánchez. **La fragua de la identidad: memória, conciencia histórica y cultura histórica**. In: PALOS, Joan-Lluís; COSTA, Fernando Sánchez (Eds.). *A Vueltas com el Pasado: historia, memoria y vida*. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona Adolf Florensa, 2013, p. 185-211.

CUNHA, Renata Cristina. **A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor.** In: Encontro de pesquisa em Educação da UFPI. 5. 2009, Teresina. Anais. P-1-10 2009. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/35_Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf>. Acesso em: 03 Jul 2017.

DUQUETTE, Catherine. **Le Rapport Entre La Pensée Historique et La Conscience Historique: élaboration d'un modèle d'interaction lors de l'apprentissage de l'histoire chez les élèves de cinquième secondaire des écoles francophones du Québec.** Québec: Université de Laval, 2011.

FASSONI, Orlando L. **A crítica e o Humanismo de Carlitos.** Folha de S. Paulo, 3 de julho de 1974.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **A história vigiada.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLORES, Elio Chaves. Dos Feitos E Dos Ditos: História E Cul Tura Histórica. **SAECULUM - Revista de História,** João Pessoa, n. 16, jan./jun. 2007. Disponível em <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11374/6488>> Acesso em: 25 de nov de 2016.

FONSECA, Vitória Azevedo da. **O Cinema na História e a História no Cinema: pesquisa e criação em três experiências cinematográficas no Brasil dos anos 1990.** 2008. 302 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, UFF-RJ, Niterói, 2008.

FRANZ, Edineia Chaves Franz, Mírian Verônica; BARCELLOS, Olinda. **O Trabalho Dignifica O Homem? IN: Semana Acadêmica.** 11. 2014. Santa Maria. Anais...Santa Maria: FADISMA ENTREMENTES, 2014. Disponível em <<http://sites.fadisma.com.br/entrementes/anais/wp-content/uploads/2015/05/o-trabalho-dignifica-o-homem-.pdf>> Acesso em: 26 de out de 2016

FREITAS, Cristiane. Da memória ao cinema. **Comunicação E Memória.** v. 4, n. 2. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/14591/11054>> Acesso em: 14 de dez de 2016

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas.** São Paulo-SP: Editora Ática, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo. Vol.4, n.11. p. 11-25. nov 2007. Disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>> Acesso em:10 de jan de 2017

GUIMARÃES, Dinara Machado. **O Vazio Iluminado: O Olhar dos Olhares** (Cinema-Psicanálise). Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. 2.ed. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2008.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 7-132.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais, identidade e política entre o mundo moderno e pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira: revisão da tradução César Benjamim, Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LÖWITZ, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Ed. 70, trad. Maria Georgina Segurado, 1991.

LUZ, Rogério. **Filme e subjetividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia. **A Idade Média no cinema**. São Paulo: Atelie Editorial, 2009.

MANDELBAUM Belinda. **O Desemprego em Situação: esboço de estruturação de uma clínica social**. Disponível em <file:///C:/Users/primetek/Downloads/Mandelbaum_Belinda.pdf> Acesso em 25 de mai de 2017.

MARCOS, Fernando Sánchez. **Cultura Histórica**. Culturahistorica. 2009. Disponível em <<http://www.culturahistorica.es/tema.html#c1>>. Acesso em 14 de fev de 2016

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MARTINS, José de Souza. **A Aparição do Demônio na Fábrica**: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34 Ltda. 2008

MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In: MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo Editora Hucitec, 1997. p.147-203.

MARTINS, Estevão de Rezende. Cultura, história, cultura histórica . **ArtCultura**, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 63-82, jul.-dez. 2012. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/26197>> Acesso em: 18 de jun de 2016.

_____ História: consciência, pensamento, cultura, ensino. In: **Dossiê: História, Epistemologia E Ensino: Desafios De Um Diálogo Em Tempos De Incertezas**. Educar em Revista. n. 42 Curitiba out./dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000500004> Acesso em: 18 de jun de 2016.

_____ MARTINS, Estevão. Consciência Histórica, Práxis e Cultura. A propósito da teoria da História de Jörn Rüsen. **Síntese Nova Fase**. v.19. n. 56, 1992, p. 59-73. <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/download/1548/1899>> Acesso em 12 de out de 2017

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História - possibilidades de análise. in: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.) **A leitura de imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez, 2004, p.19-36.

MITCHELL, William John Thomas. **Teoría de la imagen. Ensayos sobre representación verbal e visual**. Madri: Akal, 2009.

MORAES, Ana Alcídia. de Araújo. **Histórias de leitura em narrativas de professoras**: uma alternativa de formação. Manaus: Ed. Da Universidade do Amazonas, 1999/2000.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Considerações Intepestiva: Da utilidade e desvantagem da história para vida.** Tradução Marco Antônio Casanova.-Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003 - (Conexões;20).

OLIVEIRA, Euller Gontijo de. **Entre a memória e o esquecimento: O cinema argentino pós-ditadura militar.** In: Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 3. 2011. Londrina. Anais...Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011. P.1134-1145.

ORTEGA Y GASSET, José. A História como sistema. In: **História como sistema. Mirabeau ou o político.** Brasília: Editora da Universidade Federal de Brasília, 1982, p. 27-58.

PAGÈS, Joan. Conciencia Y Tiempo Histórico. **Perspectiva Escolar.** nº 332, p. 2-8. Universitat Autònoma de Barcelona, 2009.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Memória em imagens: uma evocação do passado. In: KOURY, Mauro Gruilherme. **Imagem e Memória. Ensaios em Antropologia Visual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 173-187.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos,** Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POMPEU, Renato. Cuidado: mulheres trabalhando. In. **Mulher e Trabalho.** Caderno EJA. Ministério da Educação. Dez. 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/08_cd_al.pdf> Acesso em: 25 de nov de 2017.

REIS, José Carlos. Tempo, história e compreensão narrativa em Paul Ricoeur. **Revista Lócus,** Juiz de Fora, v. 12, n. 1 jan./jun. p.17-40, 2006.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: A Tríplice mimese. In: **Tempo e narrativa.** Campinas-SP: Papyrus, 1994. (tomo I), p. 85-13.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história.** Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 194.

ROSSATO, Ermelio. As transformações no mundo do trabalho. **Vydia,** Santa Maria, v.19, n.36, p.151-159 jul./dez. 2001. Disponível em <<http://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/491/481>> Acesso em 05 de out. de 2016

RÜSEN, Jorn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Año 4, n.7, p.27-36. out. 1992.

_____. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006

_____. Historiografia Comparativa Intercultural. In: MALERBA, Jurandir (Org). **A História Escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 115-137.

_____. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**, n. 02, março 2009, p.163-209. Disponível em <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12/12>> Acesso em 15 de mar de 2016.

_____. **História viva. Didática – Funções do saber histórico**. Brasília: UnB, 1ª reimpressão, 2010 b.

_____. **Razão Histórica: Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UNB, 1ª reimpressão, 2010a.

_____. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 51-77.

_____. Aprendizagem histórica: esboço de uma teoria. In: RÜSEN, J. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas**. Curitiba: W.A Editores, 2012. p. 69-112.

_____. **Cultura Faz Sentido: orientações entre o ontem e o amanhã**. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Teoria da História: uma teoria da história como ciência**. Tradução Estevão C. De Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

_____. ¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. In: FÜSSMANN, K.; GRÜTTER, H. T.; RÜSEN, J. (Orgs.). **Historische faszination. geschichtskultur heute**. 1994, p. 3-26. Disponível em <<http://www.culturahistorica.es/ruesen.castellano.html>>. Acesso em 25 fev de 2016.

SABATO, Ernesto. **A resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos Santos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. Coimbra: Annablume, 2003.

SCHIMITD, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Aprender História: perspectivas da Educação Histórica**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2009.

_____. **Teoria da História: Uma teoria da história como ciência**. Tradução de Estevão C. De Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SCHWARTZMAN, Simon. **O Trabalho Infantil no Brasil**. Versão 2, Junho de 2004. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Simon_Schwartzman/publication/225088758_Trabalho_infantil_no_Brasil/links/0912f5064693bc1a00000000.pdf> Acesso em 02 mar. 2018

SILVA, Eliseu Ferreira da. O Conto, o Narrador e a Narrativa Moderna e Pós-Moderna Em Silvano Santiago e Walter Benjamin. 3º Colóquio do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos: um cosmopolitismo nos trópicos e 100 anos de Afrânio Coutinho: A crítica literária no Brasil, 3., 2012, Feira de Santana. **Anais...** Feira de Santana: Uefs, 2012, p. 166-175. Disponível em <<http://www2.uefs.br/dla/romantismoliteratura/coloquiogrupodeestudos2011/anais/3coloq.anais.166-175.pdf>> Acesso em 20 de fev. de 2016.

SOUSA, Cleusa Teixeira de. **Eja E As Expectativas De Qualificação Profissional Dos Trabalhadores Do Ceasa-Go**. 2009. 80 f. Monografia (Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos)-Programa de Pós Graduação Latu sensu do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás/IFG, Goiânia 2009.

SOUZA, Éder Cristiano de. **Cinema E Educação Histórica: Jovens e sua relação com a história em filmes**. 2014. 357 f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Curitiba, 2014.

SOUZA, Éder C. **Cinema e didática da história: um diálogo com o conceito de cultura histórica de Jörn Rüsen**. História Revista. v. 17, n.1. Goiânia (GO), 2012. P.17-36. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/21682/12755>> Acesso em: 15 de set de 2015.

SOUZA, Maria Luiza Rodrigues. **Um Estudo das Narrativas Cinematográficas Sobre as Ditaduras militares no Brasil (1964-1985) e na Argentina (1976-1983)**. 2007. 234 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5339>>. Acesso em 20 de ago de 2016.

_____. Cinema e memória da ditadura. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n.1, p. 501-60. jan/jun. 2008.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda. Ramalho de.; PRADIN, Regina. Célia. Almeida. Rego. **Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática e reflexão.** Brasília: Editora Plano, 2002.

TARKOVSKY, Andrei. **Esculpir o Tempo. 2.** ed. São Paulo: Martins Fontes.1998.

THORP, Robert. **Historical Consciousness, Historical Media, and History Education.** Tryck: Print & media, Umeå universitet Umeå, 2014.

TURNER, Graeme. **O cinema como prática social.** Tradução de Mauro de Silva. São Paulo: Summus editorial, 1997.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica.** Campinas: Papyrus, 2002.

VERNET, Marc. Cinema e narração. In: AUMOT, Jacques, et al. **A estética do filme. 7.** ed. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2009, p.89-155.

WILLIAMS, Raymond. **La Larga Revolución.** Burno Aires: Ediciones Nueva Visión, 1961.

XAVIER, Ismael. **O Discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência. 2.** ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

WACHOWICZ, Marta Cristina. **O histórico da saúde e do Trabalho.** Curitiba: Ibplex, 2007.

WEBER, Max. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais.** In: COHN, Gabriel, FERNANDES, Florestan (Orgs.). **Weber – Sociologia.** Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13. São Paulo: Ática, 1999, p. 79-127.

REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS

TEMPOS MODERNOS. Direção de Charles Chaplin. Título original: Modern Times. Preto & Branco. Legendado. Duração: 87 min. Warner. Estados Unidos, 1936. DVD

ANEXO A: Narrativas

SR. MILTON

Aos 60 anos Sr. Milton é aposentado, escritor e estudante. Nasceu no interior de Minas Gerais. É casado e tem duas filhas. Cursa o ensino médio integrado em informática. Devido ao dom da escrita veio a desejo de voltar á estudar. Em Minas, Sr. Milton trabalhava no mercado de pedras preciosas. Ao mudar para Goiás foi cabo do exército militar. Sr. Milton gosta de pesquisar, de escrever (compor) e estudar. Tem por objetivo futuro forma-se em letras com a opção pela língua portuguesa. Sr. Milton é um poeta, e refere a si mesmo como “o eterno estudante”.

1ª Narrativa

O Ontem o Hoje e o Amanhã do Homem

Dentre os elementos que justifica o processo de transformação é a própria evolução humana, principalmente no desenvolvimento tecnológico. Esses avanços em relação ao passado e ao presente, caracteriza-se por um trabalho mais sofrido no passado, e menos sofrido no presente.

Na minha vida e no meu cotidiano o trabalho interfere de várias formas, como meio de sobrevivência, e por necessidade de manter o corpo em movimento, o qual reclama, se ele ficar muito tempo parado, principalmente.

Na vida cotidiana no passado distante, o homem sobrevivia principalmente na casa abundante onde ele morava. Com o passar do tempo, as opções de caça foram diminuindo, o homem passou então a andar longas distâncias para conseguir a caça. Em seguida passou a cultivar o alimento, vegetais, assim como criar o animal e ser abatido para conseguir o alimento onde quer que ele estivesse.

Com relação aos avós e os pais na sua grande maioria sobreviviam do trabalho desenvolvido pelos seus ancestrais. E continuaram esse desenvolvimento. Na atualidade tanto a agricultura, a pecuária, quanto a indústria desfruta do desenvolvimento acontecido ao longo dos tempos.

Se no decorrer de dez anos o homem voou segundo o desenvolvimento tecnológico. Daqui a 100 anos já devera existir meios de locomoção por meio do pensamento. Dentre filhos, netos e bisnetos desta geração por certo irão desfrutar de outras tecnologias mais.

2ª Narrativa

Mais Valia

A revolução industrial e suas consequências ao mercado de trabalho como um todo iniciou-se nos limites do território inglês desvalorizando o trabalho humano desde o mais humilde trabalhador ao trabalho diferenciado do artesão. Que por meio de suas próprias

mãos criou obras de arte sem iguais.

Por não ser produzido em grande escala como a fabricação programa em série por meio de máquinas industriais a atender as demandas de consumo do mercado e a ambição do poder capitalista que ao centralizar o acúmulo de riqueza pouco fez em prol do atendimento humano que desde então sofre sem obter reparação.

Charles Chaplin ao satirizar a dinâmica dos trabalhadores de uma grande fábrica mostrou o ser humano contra a máquina em uma competição desumana e desigual levando o homem trabalhador a exaustão sem tempo sequer para respirar ao fazer movimentos repetitivos transformando-o também em máquina.

Chaplin por meio do seu humor aderiu-se ao movimento grevista ao ver-se sem o salário do trabalho ao lado de sua amada operária foi morar em um casebre de pau sem a mínima condição de moradia que o proporciona-se a vida digna que todo trabalhador é merecedor.

Desta forma Chaplin se fez contemporâneo aos sofridos trabalhadores de hoje que mesmo distante no tempo e da forma de trabalho no momento sente o aperfeiçoamento da exploração amparada pela atual legislação de leis em prol da manutenção do trabalho escravo de exploração.

Isto é o efeito da maldita “mais Valia” que suga o pobre do trabalhador e que ao minar a sua condição física está a provocar acidentes de trabalho desde os causados pelos movimentos repetitivos “ler” aos inúmeros membros amputados nos mais variados acidentes que deixa o trabalhador desativado. Assim os bônus da revolução industrial ao ser distribuído para a minoria deixa um legado triste e desigual a penalizar o trabalhador, como tal.

CARLOS

Carlos tem 47 anos, natural de Goiânia, trabalha como gari. Possui um filho e um neto e vive sozinho. Além das funções que realiza como gari, em casa executa tarefas como lavar, cozinhar, e arrumar. Tem como projetos futuros concluir o curso técnico em informática e cursar uma faculdade. Porém enfrenta dificuldade na vida escolar, por falta de tempo para se dedicar aos estudos e por falta de recursos como a internet. Apesar das dificuldades segue a vida escolar assiduamente de 2ª à 6ª feira das 19 h às 22h15.

1ª Narrativa

Vida profissional em eras

Na história da humanidade sobre o trabalho a pessoa o recebera como castigo. Houve uma mudança em que o trabalho tornou digno. O trabalho dignifica o homem. Prosseguindo no tempo sobre a mudança que o trabalho oferece, o mesmo torna uma via revolucionária a qual o personagem principal é a mulher. No tempo atual nos traz todas as épocas que nos antecede trabalho é: castigo, dignidade, revolução, e para o momento o trabalho interfere diretamente na sobrevivência da humanidade independente de raça, nação, classe social por um único fator o trabalho é a fonte infinita para a conquista de bens materiais e reflete no

bem estar humano como um todo. O trabalho não como mão de obra mas como movimento para tais fins.

2ª Narrativa

A Enfermidade na Sociedade

O trabalho definido pelo sistema capitalista que é “o preço da mão de obra” interfere não só no cotidiano do indivíduo mas interfere nos princípios dos valores humanos. No momento em que o indivíduo sofre interferência no seu princípio de valores humanos pelo sistema capitalista o indivíduo desencadeia um processo em que somente o valor dinheiro salário fundamenta seus movimentos em busca de atender as suas necessidades e realizar-se gerando valores humanos negativos como alimentação versus dominação; escravidão versus exploração; trabalho versus pobreza. Isso é bom para uma das partes o dono do capital/patrão. Desde a época de meus ancestrais meus avós a sociedade sofre dessa enfermidade. O trabalho nos permite viver dignamente mas não pelo valor financeiro mas pelo movimento que fazemos em busca de atender nossas necessidades e nossas realizações – mesmo que a vaidade e o supérfluo definam nossos objetivos

Em um país como o Brasil a educação sendo prioridade na sociedade é a única e exclusiva via para desenvolver um pensamento em que os valores humanos é o que sustentará no fundamento de seus movimentos em busca de atender suas necessidades e suas realizações. Como seria esta sociedade em um tempo de 30 a 40 anos.

ROSA

Rosa é Goiana, tem 51 anos e trabalha como costureira. Casada, tem dois filhos, uma mulher de 31 anos e um homem de 27. Rosa estudou até 1984 quando cursava o 1º ano do ensino médio. Largou os estudos após o casamento. Só voltou a estudar 24 anos depois, em 2008 pelo EJA, porém só concluiu o primeiro período. Com o assassinato do irmão e a mãe diagnosticada com mal de Alzheimer, entrou em depressão. Com os cuidados redobrados com a mãe, não conseguiu continuar os estudos. Largou a escola e o trabalho. Só voltou à trabalhar em 2010 quando passou em um concurso da secretaria de educação. Dividindo os cuidados da mãe com a irmã, Rosa também voltou a estudar. Embora seja costureira e também servidora pública, Rosa pretende concluir os estudos de técnico em cozinha e trabalhar na área. *“Embora eu seja costureira, ser servidora pública, sinto vontade de mudar de ramo, talvez abrir uma lanchonete ou restaurante ou mesmo trabalhar em hotéis, restaurantes, cozinha de escolas, creches, vamos ver o que o futuro reserva”.*

1ª Narrativa

O trabalho humano passou por uma série de mudanças ao longo das décadas. Por exemplo sou do tempo em que se escrevia cartas à mão ou datilografadas muitos não conhecem máquinas de escrever estão ultrapassadas foram substituídas pelos teclados de um computador. Minha avó tinha um ferro de passar roupa à brasa trabalhou em muitas casas usando este ferro. Até mesmo na cozinha a tecnologia tem mudado, eu acredito para melhorar o trabalho, máquinas de fazer pão, bolo, fritadeiras sem óleo, forno elétrico, tudo tem facilitado.

Houve um tempo que o homem, ou animais, ou escravos tinham que carregar fardos pesados (agora) com a invenção da roda tudo se torna mais fácil. Eu acredito que o trabalho interfere na vida da pessoa, que é importante que mesmo sendo simples ele é capaz de tornar uma pessoa melhor fazê-la crescer que trata-se não somente de garantir o pão de cada dia, mas também de fazê-la sentir útil, infelizmente na maioria das vezes não é bem remunerado, o salário para alguns acaba antes de terminar a 1ª semana do mês, mas paciência pior seria se não tivesse nenhum. O importante é continuar lutando. E para aqueles que acham que a tecnologia vai conseguir (substituir) o trabalhador pelas máquinas, a verdade é que elas sempre precisarão de alguém capacitado para programá-las então vamos nos capacitar estudando.

2ª Narrativa

O Trabalho Ontem, Hoje, Amanhã

Muita gente fala que gostaria de conhecer quem inventou o trabalho, só para dar uma “sova nele”. Mas, eu acho que o trabalho dignifica o homem. Ele que seu lugar na vida do ser humano, não importa se é no campo trabalhando a terra ou atrás de uma mesa diante de um computador todos tem seu valor.

Já foi muito sofrido e o salário é pouco na maioria das vezes, acaba antes da metade do mês, muitos trabalham em dois empregos para sustentar a família. Mas já imaginou como fica um pai de família quando fica desempregado? A pessoa fica arrasada vi isso no olhar do meu pai, no olhar do meu marido, igual ao pai das meninas. A pessoa perde auto-estíma, não sabe o que fazer da vida.

No passado havia mais trabalho escravo,(processo de mecanização lido a partir da escravidão) mais trabalho pesado, carga horária maior, com a criação de leis trabalhistas e sindicatos, passou-se a respeitar mais o trabalhador. Até mesmo empregadas domesticas têm sido mais protegidas por leis.

Esperamos que com a tecnologia consigamos também mais leis que venham a assegurar os direitos trabalhistas e conquistar mais melhorias para as gerações futuras.

MARIA

Maria Nasceu no interior do Tocantins e tem 40 anos. Atua como cozinheira a oito anos em Goiânia. “Aprendi essa profissão por uma opção profissional é o que eu mais gosto de fazer”. Maria sempre teve interesse pelo curso de gastronomia, quando soube do curso técnico em cozinha integrado ao ensino médio fez a inscrição para o EJA. “Na trajetória da minha vida até aqui tive muitas experiências boas e ruins, mas de todas elas só tirei aquilo

que me amadureceu como ser humano”.

1ª Narrativa

Retrospectiva

O Trabalho dos tempos passados eram muito escravizados. A mão de obra não tinha valor, as condições de vida e a expectativa era muito longe da realidade. Hoje com a transformação tecnológica já temos as máquinas para tudo inclusive para falar a distância. Eu me lembro de ver a minha vó falar para poder dar um recado uma pessoa tinha que viajar uns três dias para dar o recado. E já na época dos meus pais já havia mudado já tinha como mandar carta como um meio de comunicação daquela época. Comparando com o trabalho atual eles com certeza não conseguiria sobreviver até porque não tiveram escolaridade nenhuma, eles ainda continua morando no sítio deles, mas nada além do que eles conseguem fazer como capinar, buscar água. Se hoje exige uma melhor qualificação do trabalhador quem não estuda não consegue bom emprego. No futuro se a tecnologia continuar evoluindo muitos terão dificuldade ou não conseguirão emprego.

2ª Narrativa

O Trabalho interfere na minha vida por um motivo de sobrevivência financeira. Mesmo com a falta da valorização social ele ainda continua sendo digno, desde os tempos passados. Quando eu era criança ouvia meus pais falar fulano trabalhou igual a um escravo, Eles dizem isso depois de alguns séculos, eu imagino que até o que está escrito nos livros de história não chega perto de tanto sofrimento daqueles povos. Porque o trabalho dos meus pais ainda é 100% escravizados embora algumas coisas mudaram como, eles já usavam a enxada para capinar, o machado para cortar a lenha o cavalo para puxar a água a lenha, já tem o pilão para socar o arroz. Eu creio que por falta de conhecimento os trabalhadores do passado, como até hoje, ainda como a maioria dos trabalhadores não se informam, o trabalho continua como uma mão de obra escravizada. No passado quando os escravos não descem conta de realizar o trabalho eles eram chicoteados, mau tratados, mau alimentados. E no pleno século XXI ainda vivemos essa realidade como por exemplo, quando um funcionário é contratado e não dá conta do serviço é mandado embora, porque hoje não pode bater, se pudesse batiam. Mas aqueles que ficaram vai ser escravo fazendo a função dele e do outro que foi mandado embora. Aqueles que resistiu vai se submeter pra que não seja mandado embora.

E com a tecnologia avançada tudo ficou mais difícil por ter poucos trabalhadores qualificados eles ainda exploram aqueles que são qualificados. E como precisamos do trabalho na maioria das vezes acabamos aceitando irregularidades trabalhistas, cada dia que se passa vai ficando uma verdadeira escravidão mais modernizada e as vezes nos trabalhadores não damos conta da situação agravante. Na época dos meus avós era uma escravidão clara e também por uma sobrevivência financeira afinal não existia um salário fixo. O salário era uma moradia desumana ou até mesmo por um prato de comida. E eu vejo que no futuro se não tiverem uma evolução social eles vão viver uma verdadeira escravidão na qual eles vão ser Histórias e vai ver que o atual deles não tem diferença dos antepassados. Ou seja é muito agravante.

LÚCIA

Lúcia tem 45 anos, nasceu no interior de Goiás e é costureira autônoma. A família mudou para capital em busca de emprego e moradia. *“Minha mãe veio para Goiânia para trabalhar e ter uma casa para morar eu e meus irmãos não frequentava a escola só fui estudar quando já era adulta meus irmãos estudaram até a 2ª série e nunca mais retornaram ao estudo”*. Lúcia só começou a frequentar a escola depois de adulta. Procurou o curso técnico integrado na modalidade EJA para ter um curso com formação mais completa, apesar das dificuldades com o estudo, sempre gostou de estudar. E para o futuro espera ainda ter uma profissão.

1ª Narrativa

O trabalho sempre esteve presente na minha vida eu já trabalhava com nove anos ajudava minha mãe nas lavouras colhendo café e feijão lembro que ela trabalhava nas fazendas lavando e passando roupas para as donas da fazenda. Lembro que tudo era muito difícil, pra fazer um serviço tinha que andar bastante para buscar água para o consumo o alimento era nos que plantava e colhia e sempre não era suficiente. Os patrões exploravam não davam valor no trabalho executado, lembro que minha mãe não aguentou e veio para a cidade procurar uma vida melhor mas não foi possível por falta de estudo e experiência ela não sabia ler e nem escrever teve que apelar para trabalhar nas casas dos outros e não era diferente da roça a maioria das pessoas não sabem o que fazer quando sai de sua terra natal para buscar melhorias financeiras.

2ª Narrativa

O Trabalho hoje em dia

Na minha opinião o trabalho hoje em dia está muito difícil tanto quanto na época dos meus avós. Eu me lembro que meus pais ou melhor minha mãe trabalhava muito nas casas passando roupa e lavando. Tudo era mais difícil por que não tinha máquina de lavar e o ferro de passar era a brasa. Hoje em dia tudo é feito com a ajuda da máquina e muitos aparelhos modernos hoje não tem que andar para buscar água o alimento a gente compra no mercado nas feiras, ainda planta um pouco. Mas o trabalho ainda é desvalorizado e muito explorado. E o emprego está faltando muitos já não tem condição de pagar e manter um empregado como era na época do meus avós ou do meus pais as pessoas não estão mais seguras por causa da crise. Bom em relação a meus filhos penso que vai ser diferente pois estão estudando e pensam diferente em relação ao trabalho hoje em dia os jovens estão mais atentos ao estudo e a uma profissão e os adultos também estão mais a procura a uma profissão até mesmo para garantir uma velhice mais tranquila.

IZABEL

Izabel tem 50 anos, nasceu no interior de Goiás. Atualmente é dona de casa e estudante. É casada e mãe de um casal de filhos já graduados. Izabel nunca foi muito afoita aos estudos, mas ao descobrir o curso de técnico em cozinha resolveu se dar mais uma oportunidade nos estudos e tem gostado muito. Izabel não pretende seguir carreira na área de cozinha, mas conseguir uma graduação em matemática ou física. *“Muitas coisas me mercaram, tanto positivas quanto negativas, mas as negativas serviram para que eu cresce-se e fortalece-se e com tudo eu aprendi que nunca devemos desistir de nossos projetos”*.

1ª Narrativa

Trabalho Dádiva de Deus

O Trabalho é uma dádiva de Deus em minha vida, pois desde de criança ele já faz parte da minha rotina diária. Não um serviço formal, mas já ajudava meu/s pais nos afazeres domésticos. E isso não me diminuiu em nada, pelo contrário, me ajudou e muito. Hoje sou uma pessoa que sabe fazer as coisas, tenho iniciativa e quando quero algo vou a luta, pois aprendi que com fé e o trabalho nada e ninguém pode nos barrar. (ideia de que com o trabalho você pode ter tudo na vida)

Na época dos meus antepassados, os serviços eram mais difíceis, pesados, pois era tudo braçal, mas a qualidade de vida era outra, o corpo era muito explorado, mas a mente e o psicológico eram mais tranquilos. Dava o fim do dia o corpo estava cansado, mas a cabeça tranquila, então podiam deitar-se e conseguiam dormir, com tranquilidade.

Hoje temos maquinários, tecnologia, porém uma mente cansada um corpo sedentário. Qualidade de vida quase não temos, pois a pressão psicológica é muito grande. Creio que as próximas gerações vão sofrer muito mais, porque a tecnologia só aumenta e a pressão também é maior e a escravidão só tende a crescer.

2ª Narrativa

Trabalho

O Trabalho passou por diversas transformações, antes tudo era feito através da força de seus braços. Hoje graças a tecnologia existem maquinários para quase tudo. Sim as máquinas favoreceram bem, o trabalho não é mais tão braçal, porém, o trabalho tornou-se alienado, a pressão também é maior, a mente das pessoas está doente, a qualidade de vida já não é como antes, as pessoas estão surtando em casa, no trabalho. E ainda há muita exploração de mão de obra em nosso país. Uma remuneração salarial que talvez não seja justa, pelo tipo de serviço a ser executado, cargas horárias puxadas em algumas empresas.

Talvez se tivéssemos bons governantes as coisas seriam melhores. Por exemplo menos impostos, uma saúde e educação digna, isso nos ajudaria a ter uma condição de vida melhor. Teríamos mais prazer em trabalhar, pois tudo isso nos daria estímulo para ir a luta. As próximas gerações serão mais doentes, já estamos doentes e agora não querem nem que aposentemos, o trabalho está se tornando escravo.

ANA

Ana tem 49 anos, nasceu no interior de Tocantins, trabalha como auxiliar de serviços gerais. É divorciada e tem 4 filhos, todos, como diz Ana, como as vidas seguidas. E por esse motivo voltou a estudar. “A casa ficou muito grande e vazia quando eles se foram. Quando chegava do trabalho me sentia muito só então para ocupar a mente, por causa do psicológico voltei a estudar e gosto muito agora posso aprender mais coisas e fiz novas amizades”. Ana gosta muita de companhia e de conversar e encontrou na escola um espaço para isso.

1º Narrativa

O trabalho escravo não era remunerado, eles apanhavam para trabalhar comia o que sobrava não tinham direito de comer nem o que plantavam muitos eram espancados no tronco até a morte. Eles trabalhavam nas casas grandes eram obrigados a fazer tudo. Começou pelos índios mas eles foram mais esperto e caíram fora.

Eu me lembro de ver meu pai comendo sentado no cabo da inchada debaixo de muita chuva, me lembro como era difícil para nós trabalhar para ajuda o meu pai e minha mãe tínhamos que pagar aluguel, comer, vestir, comprar remédio não foi fácil quando criança eu tinha que trabalhar na casa de pessoas que pagavam pelos meus serviços. Eu olhava criança minha mãe lavava e passava roupa. Depois me casei e comecei a trabalhar para ajudar o marido e logo veio os filhos tive que parar de trabalhar fora, mas trabalhava em casa.

Olha da época da escravidão, para o meu tempo e para o tempo que tive minhas filhas já está muito diferente. Hoje a tecnologia que está mandando. O trabalho é bom para renovar nossas forças a nossa mente. Teve mudanças mais precisa estudar mais.

2ª Narrativa

O trabalho tem muita influencia na minha vida, dedico 8 horas do dia no trabalho sobra pouco tempo para os estudos, marido, filhos, amigos, passear nem se se fala esses são alguns pontos negativos. É muito gratificante pelo salário os colegas de trabalho conviver com outras pessoas é muito bom cada um com seus defeitos e qualidades e assim é que vivemos aprendendo todos os dias. Cada dia nas nossa vidas é um ensinamento.

Antigamente tudo era muito difícil trabalho duro a vida não era fácil o trabalho era muito pesado, plantar cuidar e colher era uma tarefa muito complicada dependia de toda a família e dos vizinhos para ajudar na colheita trabalhava em multirão. Enquanto os homens iam para roça, as suas esposas cuidavam da casa e de seus muitos filhos, naquela época era raro mulheres ter menos de quatro filhos, os filhos ajudavam no trabalho as mulheres cuidavam das casas e de seus arredores, das galinhas das vacas da horta

A tecnologia facilitou o trabalho e a mão de obra, o crescimento das industrias nas grandes cidade ajudavam gerando muito emprego o que levou as pessoas a deixarem as roças e a trabalharem em fábricas. Boa parte dessa mudança de toda essa positividade e avanço do trabalho é devido a tecnologia, nos deu maior conforto e facilitou muito o trabalho braçal. Os tempos mudaram mas 50% destas mudanças não nos beneficia.

FERNANDO

Fernando tem 25 anos nasceu em Mato Grosso e trabalha como movimentador de trânsito. Fernando mora com a mãe e tem três irmãos. Fernando escolheu o curso Técnico em Informática porque se identifica muito com o curso, apesar das dificuldades. Fernando é violinista, adora tocar seu violino, pretende conseguir concluir os estudos e conseguir uma boa profissão e constituir família.

1ª Narrativa

O trabalho na minha vida considero como uma engrenagem que se quebra o dente, ela para toda a produção, o que seria da minha pessoa, em um modo de me interagir com as pessoas e aprendendo que cada ser tem o seu modo de viver, se comportar e como viver com sociedade. Seríamos como animais que se olham e cheira e dão um passo a frente sem nem um pingo de afeto, pensar que viveríamos sem fazer alguma atividade relacionada ao trabalho seria loucura, pois o trabalho nos dá benefícios que são importantes para a nossa vida cotidiana, e pelos nossos atos cometidos na sociedade. Sem o trabalho o que prevaleceria é a lei da selva. Trabalhamos mas recebemos, e o que seria de nós sem uma quantia garantida em nossos cofres? Muitos eram partir para o crime, antecipando assim a sua partida na terra para o além. Temos o nosso salário, temos a certeza que vamos cumprir com aquele compromisso no começo do mês, comprar aquela roupa que tanto quero, etc. Uma coisa é certa o trabalho dá-nos a satisfação e o alívio de fazermos parte de uma sociedade correta, e mais que ainda existem aqueles que correm pelo lado certo.

Ou seja viva o trabalho, e que todos comam, bebam, se vestem e se causem usando o seu próprio suor, para que assim não sejamos pesados há ninguém.

2ª Narrativa

Um país com trabalho limpo

Então a primeira tecla a bater seria, os diretores das grandes e mesmo pequenas empresas, o que fazem é inadmissível, não podemos ser sensacionalistas, mas é a triste realidade, enquanto estão dentro dos seus escritórios no ar-condicionado, sem nem uma preocupação, exceto o dinheiro. O que fazem é só cobrar os funcionários as vezes com condições de trabalho bem precárias.

O trabalhador as vezes têm carga horária tão excessiva que acaba entrando em estado de stress, pois trazem problemas de casa por conta de tudo que já passam no trabalho. A verdade é que a classe baixa sempre vai ser escravizada por míseros salários-mínimos, pois as oportunidades são mínimas e chegam até não existir, o pai de família hoje tem dois caminhos a seguir ou a vida do crime ou do trabalho honesto, o crime está em vantagem por conta disso, pois um país onde era pra existir um plano, infraestrutura para o cidadão de bem, trabalhador que pago seus impostos em dia, esses merecem mais que uma atenção, eles precisam de amparo, e para isso as leis trabalhistas poderiam entrar em vigor e ajudar mais o lado do trabalhador que ajuda as engrenagens capitalistas trabalharem.

IRENE

Irene é do Tocantins, tem 40 anos, é casada e tem 3 filhas. Trabalha como diarista, a muito tempo exerce essa profissão, mas pretende com o curso de técnico em cozinha conseguir uma profissão melhor. “*Um fato que marcou a minha vida foi ver minha mãe que não sabia ler, mas aprendeu a ler sozinha na fazenda lendo a bíblia*”. Irene gosta muito de trabalhar e não vê a hora de terminar o curso pra conseguir uma profissão.

1ª Narrativa

O Passado da minha família

Na época dos meus avós era muito braçal trabalhava muito na roça, capinar, colher arroz e mexia com gado, na época as coisas eram mais difíceis, tudo tinha que plantar para ter as coisas. Hoje é mais tranquilo os serviços e mais modernos, hoje tem as máquinas nas lavouras, tem indústrias tem mais facilidade para as pessoas. Na roça não tinha médico e minha mãe sempre ficava doente por isso fomos morar na cidade. Conseguir trabalho antigamente era mais difícil, quem quer trabalhar hoje trabalha nem que for vendendo balinha ou água na rua.

Hoje para os meus filhos as coisas são mais modernas têm muita tecnologia tudo é digital e cada vez mais a máquina está tomando conta, aí as pessoas vão ficar mais doente e sedentárias, porque não vão mais fazer tanto as coisas para se movimentar, cada vez mais dependentes das mordomias. Hoje os jovens estão morrendo com doenças de velhos. Por fim as pessoas vão morrer mais cedo de doenças.

2ª Narrativa

Hoje compramos tudo, na minha época de criança, dos meus pais e avós, na roça se a gente quer um pão tinha que fazer, meu pai fazia a farinha, a gente plantava quase tudo o trabalho de plantar, colher e produzir era muito mais difícil do que ir só ao mercado e comprar. Mas a alimentação piorou bastante hoje cada vez mais pessoas mais jovens estão doente por causa da comida da cidade, tudo ficou mecânico, o que importa é a quantidade e não a qualidade do alimento. Esse é um dos maus da industrialização hoje.

O meu pai tinha a fazenda ainda tem, mas ninguém mais quer morar em fazenda nas roças, eu gosto de ir lá pra passear não pra morar, porque depende de muita coisa da cidade trabalho e médico principalmente. Viemos pra cidade por causa da minha mãe e na cidade tivemos que trabalhar na casa dos outros. Acredito que no futuro nem exista mais fazenda ou pessoas nas roças, as pessoas estão cada vez mais indo pra cidade, o trabalho que era feito por pessoas na roça está sendo feito por máquinas.

E a mulher parece estar crescendo na sociedade não depende mais do homem. Hoje a mulher trabalha, antigamente quem trabalhava era mais o homem. Mas hoje só o homem não consegue sustentar a casa, as coisas ficaram tudo mais caro, mais difícil. O salário do meu marido não dá pra pagar as contas lá em casa. Antes o salário do homem dava pra sustentar a mulher ficava com o serviço de casa e cuidando dos filhos. Na roça tinha muitos filhos somos 7 irmãos e desde muito cedo ajudávamos. Mas a mulher tinha um trabalho que é só dela, sempre trabalhando com as coisas da casa ou cuidando dos filhos dos outros. E

naquela época a maioria das pessoas eram analfabetas não tinham incentivo par ao estudo, eu mesma comecei a estudar aos 10 anos e tenho muita dificuldade por causa disso. Minha mãe aprendeu a ler com a bíblia. E os filhos estudar era difícil eles tinham que trabalhar pra ajudar em casa. Hoje as pessoas estudam mais. E quem não estudou está voltando a estudar principalmente as mulheres, o número de mulheres que volta a estudar é maior. Antigamente o pai e o marido não deixava falava que o lugar de mulher é em casa. No filme mesmo quem estava procurando serviço era o homem e não a moça e ela era procurada pela polícia porque não fazia nada. Hoje a mulher trabalha mais que o homem, de manhã no ônibus vemos mais mulher que homem indo pro trabalho, a mulher hoje também faz o trabalho do homem e faz melhor. A melhor coisa que a mulher fez foi trabalhar não precisa ficar pedindo dinheiro pro marido e ele sempre perguntando pra que e fala que a gente só gasta com bobagem.

E a sobrevivência hoje é bem mais difícil na roça a gente sobrevivia mais não tinha luxo nenhum era só o básico pra sobreviver. Hoje as pessoas têm celular, carro, moto, televisão, aparelhos eletrônicos compram mais coisas que não são tanto para sobreviver e ficou mais caro. Hoje se tem menos filhos mas os custos aumentaram e as crianças não podem trabalhar porque agora elas estudam

LUÍZA

Luíza tem 43 anos, viveu no interior de Goiás quando criança e depois mudou-se para capital. Luíza é casada, tem dois filhos e trabalha como diarista Ela escolheu o curso porque se identifica com a área e para ter um diploma de conclusão do ensino médio.

1ª Narrativa

Mudanças no Trabalho

O Trabalho humano é algo que se tem muito a falar, porque hoje em dia as mudanças trabalhistas são muitas né. O trabalho humano teve as suas mudanças e ainda continuam porque acho que tem muita coisa ainda pra ser feito, hoje em dia apesar do trabalho feminino ainda não ser bem visto por alguns mas já foi conquistado muita coisa a mulher teve e tá conquistando ainda mais os seus direitos.

Antigamente a mulher não tinha o direito de nada praticamente porque não se podia votar, não podia trabalhar fora, só ficava em casa cuidando dos filhos, marido e da casa. Com o tempo tudo foi mudando, eu lembro do tempo da minha vó que trabalhava na roça teve 7 filhos e nem se quer na cidade ela ia por conta do trabalho na roça, na casa e os filhos e mulher não sai muito de casa mesmo, depois quando o esposo dela a abandonou com os filhos ainda pequeno teve que se virar sozinha e quando não conseguiu mais ficar na roça porque os filhos teve que estudar e ela teve que ter algum dinheiro pra se manter na cidade, teve que ir lavar roupa pros outros pra poder dar comida e estudo pros filhos.

Milhares de vezes minha mãe ajudava ela porque minha vó já estava cansada, minha mãe até trabalhou pra comprar as coisas pra gente, já tinha um pouco de liberdade até que nos ficamos adolescente e começamos a trabalhar pra ajuda em casa na época já estava conquistando alguns direitos a mulher já podia votar fazer alguns trabalhos fora como

doméstica, daí agente só vem querendo mais, porque muitos foram atrás dos estudos para conseguir se formar em alguma especialidade então hoje já é normal qualquer trabalho pra mulher. Já daqui a uns anos acho que já vai tá mais difícil porque também se exige mais e mais a onde a tecnologia já está bem avançada.

2ª Narrativa

O trabalho mudou muito, desde a época dos meus pais e avós ate os dias de hoje o trabalho está muito diferente. As coisas ficaram mais modernas, hoje está tudo informatizado, se continuar informatizando tudo daqui apouco ninguém trabalha só aperta botão. Acho que nem de trabalhador vai precisar estão inventando robô. Acho que a única coisa que a máquina não substitui é o serviço doméstico. Teve muitos avanços, mas teve muito retrocesso também. As coisas ficaram mais modernas, a mulher conquistou o seu espaço no mundo do trabalho, mas precisa conquistar ainda mais. A mulher não tinha direito a nada, hoje ela tem mais direitos, ela vota e pode trabalhar fora de casa. Mas com os direitos veio mais trabalho a mulher agora trabalha em casa e no trabalho. O trabalho fora de casa é muito explorado mas o da casa também é, a mulher tem que cuidar de tudo, da comida, da limpeza, dos filhos, do marido, dos bichos, tem que fazer a compra. A mulher conquistou uma falsa conquista, ela até pode vota, pode trabalhar fora, tem o seu próprio dinheiro, mas ficou mais escravizada.

JOÃO

João, 19 anos, nasceu em Jussara-GO, trabalha em uma multinacional, como treinador e mora sozinho. Pelo fato de trabalhar e estudar resolveu ficar em Goiânia, longe da família. Estuda no Instituto Federal, faz o curso de informática integrado ao ensino médio, escolheu o curso por se tratar de algo que o atrai, a tecnologia. Ao citar os fatos que marcou a sua vida João fala sobre a frustração que foi o seu casamento e ressalta a conquista da casa própria. João gosta de ler, assistir séries e filmes, pro futuro almeja comprar um carro e ser promovido no trabalho.

1ª Narrativa

O trabalho ocupa boa parte do meu tempo no dia, sou remunerado pela minha carga horária, exercida mensalmente na empresa, imagino que futuramente quase setenta por cento do trabalho braçal seja substituído por inteligentes, máquinas, capaz de substituir, a mão de obra, se tornando mais econômico, e rentável para o empregador. Se compararmos o passado com o presente muitas coisas mudaram, por exemplo leis trabalhistas, assim assegurando os direitos e deveres do empregado e empregador, tornando serviços remunerados e direitos assegurados por ambas as partes.

2ª Narrativa

O filme me fez comparar o passado e o presente, e refletir o futuro, as mudanças de condição de trabalho, e os avanços tecnológicos, mostrando o serviço braçal, sendo substituído por maquinários, máquinas avançadas, sendo capaz de substituir centenas de trabalhadores, e mostrou que as greves eram frequentes desde a época de Charles.

Vejo que a Revolução continuava, futuramente o avanço da tecnologia, irá influenciar ainda mais na vida trabalhista, dos filhos e netos da sociedade atual.

*⁶TIÃO

Tião tem 48 anos, nascido em Goiânia, trabalho com gestão de projetos e construção civil e automação industrial. É Casado e tem duas filhas. Parou de estudar no segundo ano do 2º grau em 86 porque teve que cuidar das filhas. Optou pelo curso de informática porque acredita que é um curso que vai ajudar muito com a automação industrial. E pretende futuramente cursar um curso superior.

1ª Narrativa

O trabalho e seus efeitos

Antigamente o trabalho era por questões de sobrevivência. A maioria dos trabalhos era no período do plantio no restante do ano era pequenos trabalhos do dia a dia como: ordenhar uma vaca, limpar uma casa, ou seja, era voltado exclusivamente para a sobrevivência. As famílias tinham mais tempo para ficarem juntas. Hoje em dia as pessoas meio que são escravas do trabalho, pois quanto mais trabalham mais dinheiro e quanto mais dinheiro mais conforto. Com essa era tecnológica cada vez mais. Quase todo dia tem algo novo que propicia um novo conforto, carros de última geração, telefones que fazem de tudo, com tudo isso as pessoas quase não ficam com suas famílias. Não tem nada haver com sobrevivência. E no futuro acho que vai ficar bem pior mesmo com toda essa tecnologia. Ou seja, os efeitos do trabalho nos dias de hoje e no futuro serão mais maléficos do que benéficos. Mas em fim o trabalho dignifica o homem perante a sociedade seja para sobrevivência ou pra obtenção de lucro.

*JÚNIOR

Natural de Goiânia, Júnior tem 36 anos, é casado e tem uma filha. Trabalha com arte

6 *Alunos que não fizeram a 2ª narrativa.

finalista em uma indústria plástica. Júnior é uma pessoa que presa muito a família, sempre está presente nas reuniões na casa de seus pais. Largou os estudos no primeiro ano do ensino médio e voltou a estudar para ter melhorias na sua vida. Optou pelo técnico integrado a informática por uma questão de afinidade pela área e pela necessidade de um diploma de conclusão do ensino médio. Júnior tem como planos futuros graduar na área de informática

1ª narrativa

A evolução do tempo passado

A vida do trabalhador nos tempos passados eram bem maiores as dificuldades. Com o passar dos anos, foram criados novos meios para sobrevivência, como o surgimento da tecnologia sendo fundamental para o trabalhador. Para os que trabalhavam pesado no campo, surgiram as máquinas para transportar a vida do trabalhador do campo.

Desde a minha adolescência, sempre procurava algo para fazer, mas a vida de criança de meus pais foram muito sofrida por conta da vida no campo (roça). Meus avós os colocavam para fazer trabalhos muito doloridos e com isso eles procuravam ensinar o trabalho a outros para os tornar menos árduo.

Minhas experiências dos primeiros serviços (trabalho) foram raladas pra caramba. Capinar lotes, fazer frete na feira de rua, lavar caixa d'água e outros.

A vida de trabalho de meus filhos será bem diferente da minha vida, porque tudo que vivemos vem contribuindo para a informatização, fazendo com que os estudos tornem a vida um pouco branda, ou seja, com fé em Deus serão capazes de superar tudo que um dia eu vivi.

*** FELIPE**

Felipe tem 20 anos, atualmente trabalha com atendimento ao cliente em um callcenter. Trabalho que considera leve e feito para aqueles que precisam de conciliar estudos ao trabalho. Felipe faz o curso de programação de web há mais de um 1 ano, buscou o curso para procurar oportunidades, ele nunca se deu muito bem com a tecnologia, mas se considera motivado o suficiente para aprender. Felipe considera a sua entrada no IFG um marco importante na sua vida, porque mudou algumas ideias que tinha no passado como: não concluir o ensino médio ou querer deixar o ensino superior para segunda opção. “Gosto das dicas e conselhos que recebi de outras pessoas que fizeram ou ainda fazem o curso que mudaram alguns conceitos que eu tinha anteriormente”. Felipe pretende continuar na área de programação e automação.

1ª Narrativa

O trabalho hoje é um forte fator que determina o meu desempenho na rotina de estudos, hoje tenho responsabilidades, horários e modos de tratar pessoas. Hoje me serve de apoio e sinônimo de independência.

Meus familiares, em maioria, trabalham muito em atividades rurais não conquistaram muito por isso. Tenho experiência com o trabalho desde criança, não efetivamente, com trabalho no campo, para ganhar meu primeiro relógio. Também trabalhei com meu pai, em plantações, gado e construções de barracos de lona.

No futuro imagino a diminuição dessas atividades, pois buscamos facilidades. Meus netos não iram cuidar de animais por obrigação, mas por diversão, o trabalho tornará complexo porém rápido e com acesso significativo para quem o faz.

* GUSTAVO

Gustavo tem 19 anos, nasceu em Porto Velho, trabalho atualmente de Bank Office e tem duas irmãs. Gustavo ficou sem estudar por 3 anos por problemas de saúde, quando se recuperou sua mãe o indicou o IFG/EJA, como só tinha 3 tipos de curso, acabou escolhendo informática, que era a área que mais se familiarizava. “*Alguns fatos marcaram minha vida, alguns nem minha mãe sabe, outros...Quando tinha 9 anos quebrei o nariz na escola, eu era uma criança medrosa e com o psicológico fraco, acabei pegando alguns traumas, e aos 18 anos operei de escoliose*”. Em relação ao futuro pretende se formar em astrofísica, e visitar a NASA se possível.

1ª Narrativa

O trabalho do futuro

O trabalho vem passando por várias transformações desde a época dos escravos, quando eles eram obrigados a trabalhar para ficarem vivos. Com o tempo foi mudando e as pessoas trabalham em troca de algo, geralmente uma moeda de troca. Isso em trabalho social, o indivíduo seria as pessoas que trabalham em fazendas que produzem somente o consumo próprio. O trabalho hoje em dia é o que ganha moeda de troca na volta pelo o que você produz ou ordens. O trabalho na nossa vida interfere muito, pois sem ele não teríamos moeda de troca para comprar alimento, bebidas e prazeres, fora moradia, objetos, remédios, etc. O gasto que o trabalho usa da nossa vida, atrapalha muito, pois muitas vezes, não sobra tempo para diversão e responsabilidades como estudar. O trabalho futuro, ele tenho impressão que ficará mais escasso pois as máquinas estão cada vez mais substituindo o trabalho e a produtividade do homem, fora os gastos.

*FRANCES

Frances tem 46 anos, sua profissão é dona de casa e atendente. É casada e mãe de três filhos. Frances é estudante do curso técnico em informática “*A minha relação com o curso é o desafio a cada dia simplesmente não entendia nada de informática. Mas tinha o sonho de conseguir melhorar meus conhecimentos e gosto de aprender coisas novas*”. Ela gosta muito de estudar, ler livros, de estar sempre junta dos filhos e do marido, gosta de assistir bons filmes e novelas com boas histórias. Ela acredita que uma boa história pode abrir a mente das pessoas em relação a fatos do nosso país. Frances cita como momentos marcantes da sua vida o nascimento dos filhos, a morte da mãe, o nascimento da neta. Almeja para o futuro cursar um curso superior. Frances deseja muito se graduar e fazer um doutorado.

1ª Narrativa

A vida cotidiana

O trabalho é essencial para a sobrevivência dos indivíduos seja por necessidade, por ocupação para satisfação e outros propósitos.

Antigamente na época dos meus avós os trabalhos eram muito sofridos, serviços braçais difícil meios de transporte não existiram facilidades nenhuma. Já na época dos meus pais o trabalho melhoraram tinham algumas facilidades já existia meio de transporte, escolas já existia salários. Em minha época já foi um pouco melhor, estudei um pouco mas precisei trabalhar em roça em serviços braçais, com as máquinas vieram, e ajudou muito no desenvolvimento não precisa-se fazer serviços tão pesados, temos facilidades de procurar conhecimento na internet e xerocar para estudar, qualquer coisa que quisermos aprender temos facilidades de aprender.

Em relação aos filhos, netos e bisnetos a evolução vai se superando para melhorias das sobrevivências humana na terra. Espero que seja em todos os sentidos cuidando do meio ambiente que a sociedade se conscientize que devemos respeitar um os outros desde o maior para o menor assim sucessivamente. Só assim haverá vida mais digna para todos.

**⁷LÁIS

1ª Narrativa

O Trabalho

O trabalho hoje interfere na sobrevivência do ser humano, uma necessidade, hoje se não trabalharmos para suprir nossas necessidades como vamos sobreviver.

7 **Alunos que não fizeram a segunda narrativa e não participaram da “História de vida”.

O trabalho no passado, era mais pesado as pessoas tinham que trabalhar mais, hoje já tem máquinas que ajuda as pessoas no seu trabalho, podemos observar como ocorre mudanças no passado, pessoas (trabalhador) usava mais papel para escrever, hoje é tudo feito através do computador “internet, facilitou mais a vida do trabalhador.

No futuro, acho que as máquinas vão substituir o homem (trabalhador), com a tecnologia o mundo o homem vai deixar de existir em algumas empresas, ou só vai existir para dar manutenção nas máquinas. Todas essas mudanças vem através da tecnologia que vem crescendo cada dia mais.

O trabalho é muito importante na vida de casa ser humano, pois com o trabalho se sente mais seguro diante da sociedade, pois a sociedade em si é muito ruim, ex.: a pessoa que não trabalha é vista com mal olhos pela sociedade, por isso que o trabalhador vive correndo atrás de seus objetivos de crescer diante do trabalho.

****JÚLIO**

1ª narrativa

O Trabalho

Desde o começo o homem trabalha, procurando comida, ou construindo o seu local de morar, assim como o mundo evolui, o trabalho também. Antigamente a caça, agricultura era apenas para a sobrevivência, hoje é um dos principais geradores de emprego do mundo. Tudo Evoluiu com a Revolução Industrial até chegar nos dias de hoje.

Com as novas máquinas, novos empregos foram gerados, como por exemplo na década de 60 (1960), meus avos trabalhavam na roça, plantando milho, feijão, tirando leite, eles nunca imaginavam ver um celular, é um aparelho que gerou bastante emprego. Hoje todos precisamos trabalhar, precisamos do dinheiro para comprar roupa, casa, carro, ir a um show, boate, cinema ou para viajar e como o dinheiro ainda não nasce em árvores o jeito é trabalhar. Hoje em dia o trabalho não é escravizado como antigamente, antes você trabalhava muito e ganhava pouco, hoje a jornada de emprego diminuiu e o salário aumentou um pouco.

Futuramente acho que 60% será somente máquinas que irá fazer o serviço, mas o futuro à Deus pertence e não tem como decifrar.

****SANDRA**

1ª Narrativa

Na época da minha mãe e da minha avó o trabalho era muito pesado mas era pra sobreviver, eles viviam da caça, pesca, das plantações e arroz, feijão e melhor e etc. Também tinham suas criações porco, gado, galinha que era na época moeda de troca. As coisas mudaram hoje a minha mãe é aposentada, a minha avó também vivem do seu aposento, mas eu comecei a trabalhar cedo comecei aos 9 anos de idade, não ganhava salário, eles me pagavam com roupa, comida, calçado, colégio entre outros, e eu passava roupa, lavava roupa, arrumava a casa, cuidava de criança. Então comecei tudo muito cedo engravidei aos

13 anos parei de estudar, não trabalhava mais dai voltei a estudar com 16 anos, não conseguia trabalho por ser menor de idade. Arrumava algumas faxinas mais sempre mentia a minha idade, aos 17 arrumei um serviço fixo mas era pra passa, cuidar de criança e arrumar casa e ainda não podia assinar carteira, ali fiquei até completar 18 anos. Hoje tenho 19 anos sou diarista e auxiliar de cozinha, sou estudante do EJA, moro sozinha e pago aluguel, meu filho não mora comigo mora com a minha mãe. Hoje o serviço está mais difícil, entrar no mercado de trabalho tem muitas exigências, quem não estuda não consegue acompanhar, então no futuro vai estar muito difícil.

****IONE**

1ª narrativa

O trabalho do dia a dia

Na história da humanidade Deus criou o homem e este vivia em harmonia com a natureza e todos os seres no Éden. Depois de pecar Adão e Eva foram expulsos do Eden, para poder sobreviver foram condenados a uma vida de trabalho. Assim o trabalho surgiu na vida do ser humano como um castigo. Hoje está mudado o trabalho não é mais como castigo mas um meio de nos redimir.

Meus avós sempre trabalharam na lavoura plantavam e colhiam para o seu sustento. Meus pais trabalharam na lavoura, na minha infância morei na fazenda fazia muito trabalho como cuidar dos animais ajudar na colheita. Mas o trabalho que eu fazia na fazenda um pouco do dinheiro era meu, eu trabalhava para ter as coisas que as meninas tinham na cidade. Na fazenda não tinha muitas coisas, eu queria uma boneca. Comparado com a experiência de hoje o trabalho era mais difícil, mais braçal. As condições de trabalho dos meus filhos são bem melhores. Meu filho trabalha no banco do Brasil e minha filha tem um loja de roupa masculinas, nem compara com o trabalho na época dos meus avós e meus pais. O trabalho no futuro dos meus netos e bisnetos se Deus quiser será diferente e melhor creio eu com avanço da tecnologia. O meu cotidiano levanto cedo cuido da casa, venho para aula. Trabalho três vezes por semana de diarista.

*****⁸MÔNICA**

2ª Narrativa

O trabalho e o Cotidiano

Hoje meu trabalho é muito importante pois com salário que ganho pago minhas contas. Na época dos meus avós o trabalho era mesmo para suprir as necessidades básicas como alimentação e moradia. Com meus pais melhoraram um pouco já pensavam em um estudo melhor para os filhos.

8 ***Alunos que não fizeram a primeira narrativa e não participaram da “História de Vida”.

As mudanças ocorridas no mundo são resultados de um mercado competitivo exigindo mais dos trabalhadores, com isso o sistema capitalista, na busca pela excelência, as organizações procuram qualidade acima de tudo.

Meus netos, uma geração sem expectativas, não temos muito o que esperar deste mundo onde só à corrupção.

*****SIMONE**

2ª Narrativa

O trabalho está difícil

Hoje estamos vivendo uma época de muitas dificuldade no mercado de trabalho, mas antigamente era muito pior que hoje, as pessoas trabalhavam muito e ão tinham remuneração e por causa disso eram escravizadas e era uma pobreza muito grande as indústrias não estavam nem aí para seus funcionários.

Bom com meus netos acho que vai ser muito difícil, hoje com muitas máquinas que fazem o trabalho de muitas pessoas, imagina daqui 20 anos.

